



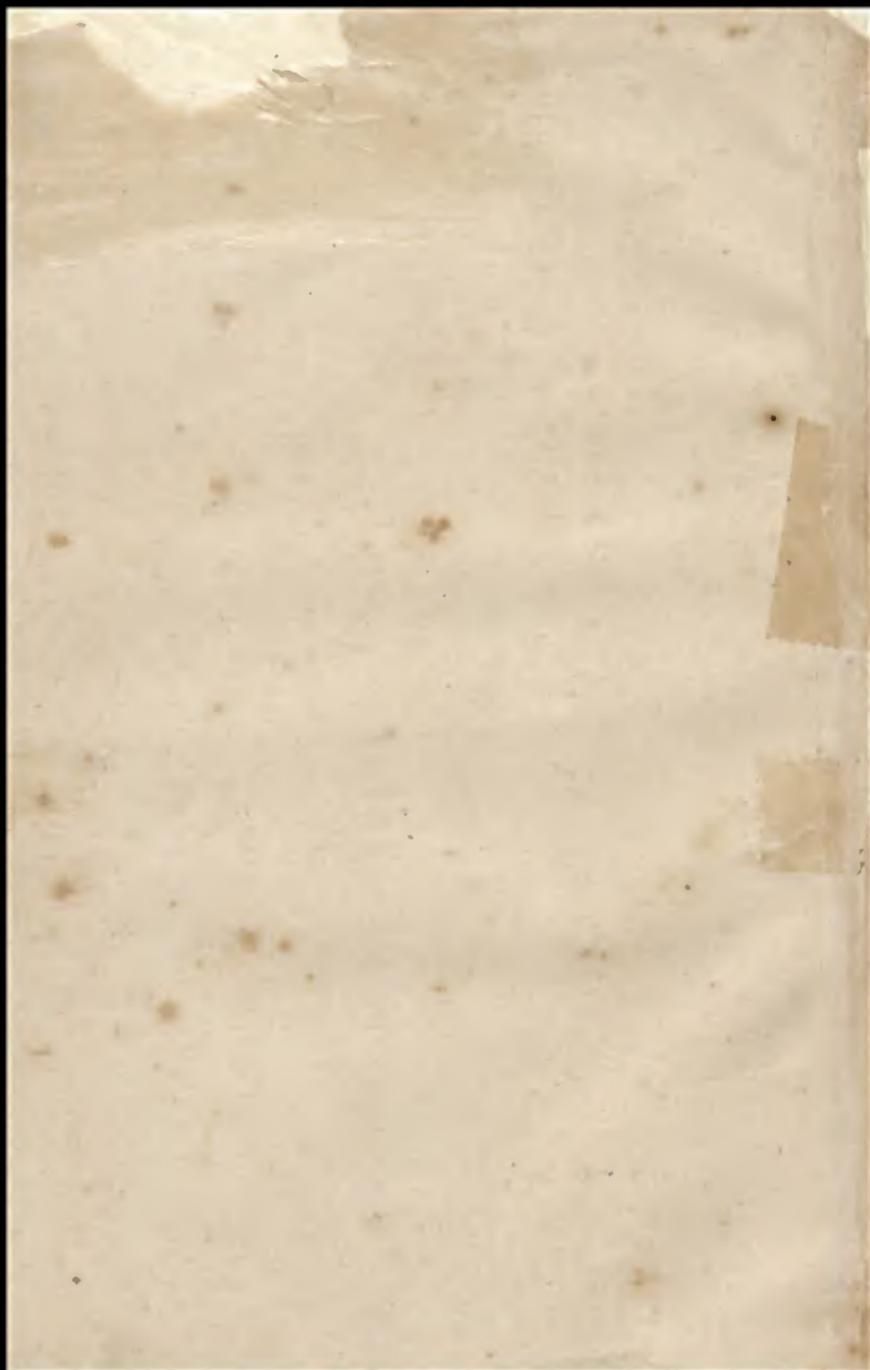






MIRAGENS SECULARES





THEOPHILO BRAGA

MIRAGENS SECULARES

LISBOA

NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL, EDITORA

506, Rua do Arsenal, 06

1884

6906



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS

Data						
Tempo						

861.8
 3 813 ~
 v.l.p.
 5413

Porto: Imprensa Portuguesa — Rua do Bomjardim, 131.



O homem moderno, pelas novas concepções que fórma do universo, pela acção que exerce sobre o meio cosmico e pela maior consciencia que adquire da propria individualidade, está de tal fórma separado do homem antigo, que, sentimentos mais profundos e mais altruistas o levam a crear o Ideal para uma outra Poesia. Não é já possivel estacionar na imitação de productos tradicionaes elaborados sobre mythos inconscientes na Arte antiga, porque necessidades mais subjectivas nos obri-



gam a deduzir d'essas tradições particulares os themas geraes e os correspondentes typos estheticos que exprimam as aspirações da liberdade. O que as civilizações antigas fizeram, adaptando as tradições nacionaes ás fórmulas empiricas fixadas pela Arte, devemos continual-o de um modo consciente, disciplinando os sentimentos pelas noções e concepções positivas.

O lyrismo antigo saím do modo de sentir pessoal, generalisando-se á expressão da passividade collectiva peculiar de épocas em que uma exclusiva existencia activa era dirigida pela *synthese affectiva*, realisada pelas Religiões. Hoje o lyrismo tem outro destino: á medida que as sciencias nos vão demonstrando a nossa invencivel submissão ás leis cosmicas, os impetus do sentimento indisciplinado da multidão que reage contra o desconhecido não devem ser supplantados pela de-



monstração impassivel da lei physica ou biologica; as ideias suggeridas por este estado da consciencia, não podendo ser objecto da Sciencia nem da Philosophia, acham a sua expressão natural e completa na Poesia.

A epopêa antiga era o desenvolvimento anthropomorphico dos mythos espontaneos, modificados pelo tempo em lendas vulgares, e elaborados com um intuito nacional; os mythos eram as personificações dos phenomenos da natureza. Hoje os phenomenos não são individualisados, mas descriptos e subordinados ao seu condicionalismo; portanto, a fórmula do mytho primitivo está fóra do nosso estado de consciencia scientifica, e o que ha de poetico n'essa fórmula só pôde ser applicado como imagem ao relêvo pittoresco e vulgarisação das ideias abstractas. O mytho moderno ha de ser consciente, e por isso o seu fim é tornar-se uma *synthese especu-*



lativa; achar o mytho que melhor possa exprimir nna verdade historica, scientifica ou philosophica, eis o principal processo para a epopêa nova, correspondente ao periodo universalista para que tendem as Litteraturas, como previu Goëthe.

A concepção da ideia de Humanidade, que é a expressão admiravel da solidariedade humana, tende a tornar-se o ideal de todos os espiritos e a grande realidade de todas as obras de Arte. Foi a Historia, onde o homem adquire a consciencia de si como ente social e perfectível, que trouxe ao nosso seculo a ideia fecunda de Humanidade. Nas epopêas primitivas, nas maravilhas geniaes de todas as litteraturas antigas, não se encontra essa noção, que só o decurso dos seculos e o concurso das civilisações fizeram sentir. Deve ser esta a caracteristica da Arte moderna; o pensamento perde o que tinha de pessoal e egoista procurando representar



todos os esforços empregados para definir um dia esta realidade ideal.

Tentando esta vereda nova da poesia, a Historia é o campo largo onde podemos ir fortalecer em nós essa consciencia da collectividade abstracta mas predominante no estado moral de hoje. A simples comprehensão da Historia é o thema fundamental de uma vasta epopèa; a Historia — *a lucta da liberdade contra a fatalidade* — dá logar á seguinte trilogia:

A FATALIDADE, ou o conjuncto das forças naturaes que o homem teve de vencer; os instinctos, e as instituições staticas da sociedade, taes como as castas, as religiões e os odios nacionaes.

A LUCTA, ou o conjuncto dos esforços empregados para alcançar os progressos successivos na ordem juridica, moral, artistica, philosophica, economica, industrial e scientifica, constituindo cada conquista uma dada civilisação.



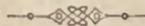
A LIBERDADE, ou o momento em que o sentimento e a razão, accordando-se no mesmo fim scientifico, tendem pela disciplina positiva a reunirem o maior numero de relações para a verdade, eliminando da consciencia e da constituição social as noções absolutas ou subjectivas da mentalidade theologica e metaphysica.

As epopêas antigas foram productos organicos, que já se não podem repetir, porque passou o estado psychologico e social que as inspirou; as epopêas litterarias foram sempre uma falsa e servil imitação das obras seculares, e como falsas perderam o perstigio. Mas a concepção épica não póde estar extincta, principalmente quando se chegou a determinar o mais vasto e mais bello de todos os ideaes. Existe o espirito da epopêa nova, falta ainda dar-lhe fôrma; que se accumulem os esforços. Augusto Comte foi o primeiro que presentiu a necessidade da grande



Epopeia da Humanidade, e que a esboçou em parte na commemoração historica pelo culto sociolátrico; elle indicava o genio italiano como o que devia crear a epopeia de hoje, do mesmo modo que Dante fundou o poema da Edade Media.

Incapazes de acompanharmos os progressos da sciencia, procuremos nós os portuguezes, ao menos, reflectil-os na idealisação poetica da Humanidade, de que somos orgão inolvidavel como iniciadores da era pacifica do trabalho pela actividade das navegações e descobertas maritimas, que vieram universalisar as civilisações mediterraneas. Fóra da acção do conflicto europeu, acompanhamol-a pelas emoções; enquanto outros luctam, preparemos o canto que succede á victoria.





cm

1

2

3

4

5

unesp

7

8

9

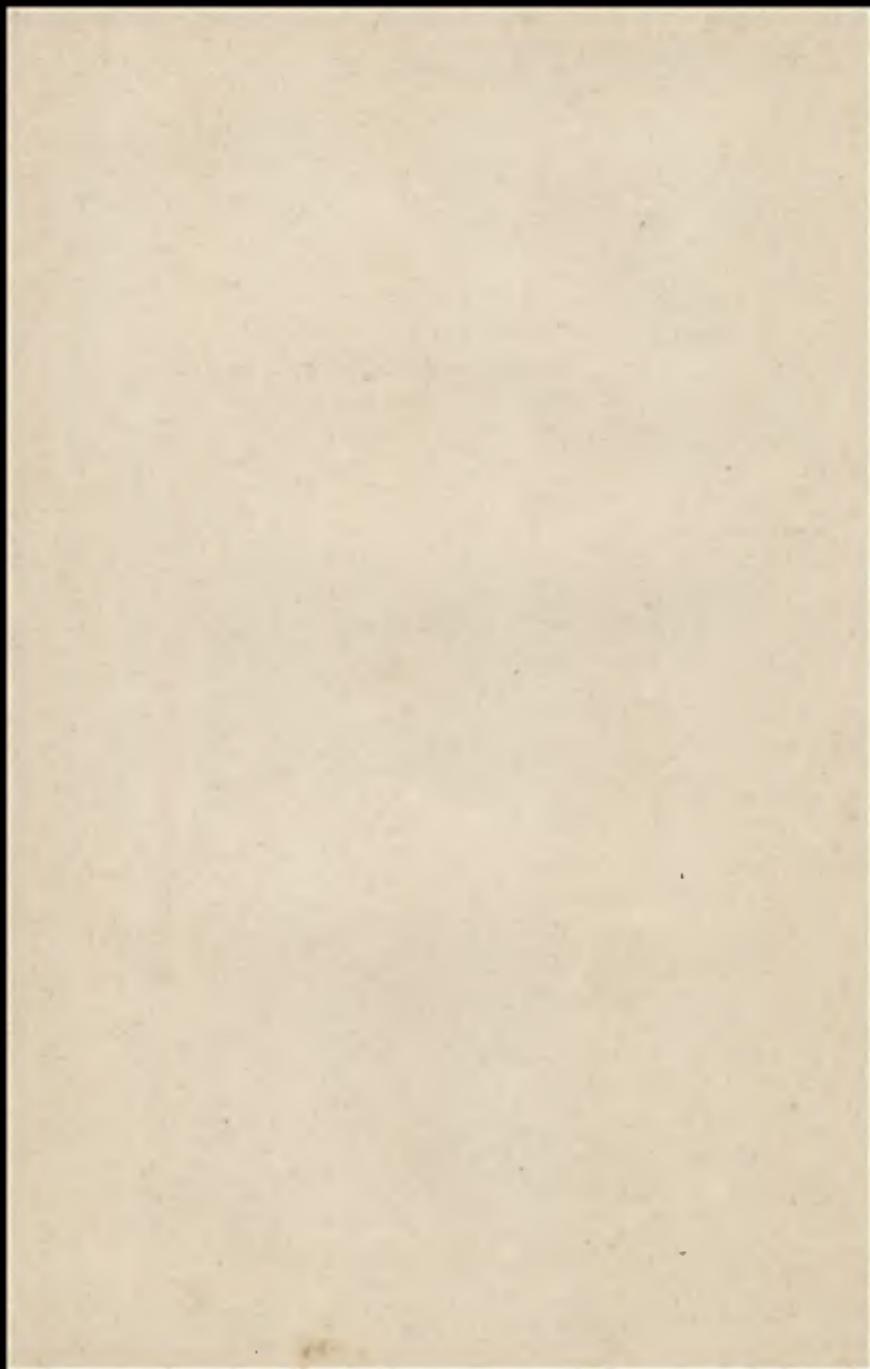
10

11

PARTE I

CYCLO DA FATALIDADE





cm

1

2

3

4

5

unesp

7

8

9

10

11

A TRADIÇÃO

Como a taça do velho rei de Thule
Que dá vigor aos apagados annos,
E, ao exhalar o alento derradeiro,
Se atira ao revoltoso mar profundo:
Tambem as gerações, una após uma,
Levadas na voragem das edades,
Arrojam sobre o pélago fremente
Do tempo immensuravel que as absorve,
Taça dourada—a Tradição, por onde
Da vida o travo, o goso e a dor provaram.



É largo oceano o Tempo: ondas sobre ondas
Parecem n'elle as gerações passado,
Como o curso fatal dos grandes rios
Que vão perder-se ao insondado estuario.
Ah, não é só a vida o que se fluda!
Esgotam-se as copiosas catadupas,
As torrentes caudaes, os fundos mares.

D'esses rios e mares que mais resta
Além da móle de arelaes immensos,
Feitos d'arestas soltas, diamantinas,
Confundindo os detritos de outros séres,
Séres extraanhos, que evocou a terra,
A mãe fecuada que devora os filhos?
De tantas gerações, baixéis submersos,
Das civilizações mudas, vetustas
Alguma cousa resta,—e persistente
Como esses arelaes diamantinos,
Mysteriosa como esse informe esboço
Que a natureza sem cessar amolda:
Tal é a infinda tradição das éras,
Lotus pairando sobre o largo oceano.
Bem viada a Tradição! Oh forma errante
Que andas de cyclo em cyclo sempre em busca
De quem um novo espirito te insulle;
Como aha do passado que transulgra,



Veas ao homem trazer-lhe mais coragem,
Dar mais ardor ao seu combate loago.
Doee guia, tu mostras-lhe os abysmos
Lá d'oade igual ao bruto elle se erguera,
Tu lhe ensinaste a conservar o fogo,
A fabricar a clava e o montante,
A cidade lacustre.

E, traasmittindo
As conquistas do Prometheu vencido,
Os recursos de Tvasthar e de Hephästos
Que igualaram os Deuses em sua obra,
Da lucta veiu-nos a Arte! Herança do hoiaem,
Oh Tradição augusta, a conscieneia
Tu nos deste da inexgotavel força,
Pois que accumulast todos os despojos,
De cada arranco guardas o queixume,
De cada passo a intrepida experiencia.

Como aquelle que vae atravessuado
Doentio deserto iaterminavel,
De dia sob as calmas oppressivas,
De noite sob um céu gelido e opáco,
Busea as pegadas que o atalho avivam,
E a luz polar que a cerração obumbra:
Bem hajas, Tradição! senha sagrada
Que as tribus do naiverso entre si trocam,
Coaheceado-se irmãos alfm um dia,



Desmembradas nas migrações longinquas,
Nos conflictos mortaes das fortes raças.
Intolerantes dogmas sanguinarios
Embebem de odios a faallia humaaa;
Algum culto ha do que outro mais divino?
Não tem por germea primordial o mytho,
Quando a mente buseou dar forma um dia
Aos sonhos do Ideal que a inebriavam?
Tu nos guardaste as Bases da concordia.
Tu coaservas, oh Tradição augusta,
Os radicaes priavévos da llinguagem,
Essas notas unisonas por onde
Coahece cada povo o iatimo esforço,
Que lhe fixou a relação das cousas.
Contra aversões de raça, que separam,
E o furor de lavasões e de destroços,
Na mareha desigual do peasamento,
A mesma aspiração identificas:
Historia é o nome do fraterno abraço.
O sacrosanto verbo de hierophaates,
A llinguagem dos hymnos sonorosos,
As estrophes vehementes da poesia
Perderam o terror do augurio saato,
E dos povos malditos e escravos
São a expressão do sentimento livre.
Oh Tradição! por isso és sempre amada.
O rude, o servo, o misero te entregam
Do seu direito e crença a garantia.



Reducto inabalavel onde o povo
Sabe lutar, vencer, tornar-se forte,
Perpetuando ao bravo o exemplo, a vida;
Arthur, o Cid, Antar e Barba-roxa
Vivem envoltos na penumbra eterna
D'onde os evocas, sempre á lueta promptos.
Quando a força brutal esmaga as raças,
Pelo espirito as tornas invenciveis,
Soltando as vozes dos eoraes gigantes,
As vozes dos oppressos, que respiram
Nas vastas epopéas da revolta.

Ohi Tradição! o que é que tu fizeste
De antigos Deuses? Transformaste-os todos;
Em vez de aterradores simulaeros
Fizeste d'elles os Heroes que morrem
No combate da vida—a liberdade.
Ao som fascinador dos vagos cantos
Soubeste conduzir a mente do homem
Do torpór animal, em que era immersa,
Ás contemplações altas, deslumbrantes,
A pôr a força racional em obra;
Tu foste a Lyra quando á Lei deu formal
Sem tí o homem fõra extranhio ao homem
No párauo dos tempos; solitario,
Quem lhe diria d'onde tinha vindo?
Das raças audaciosas, que fundaram



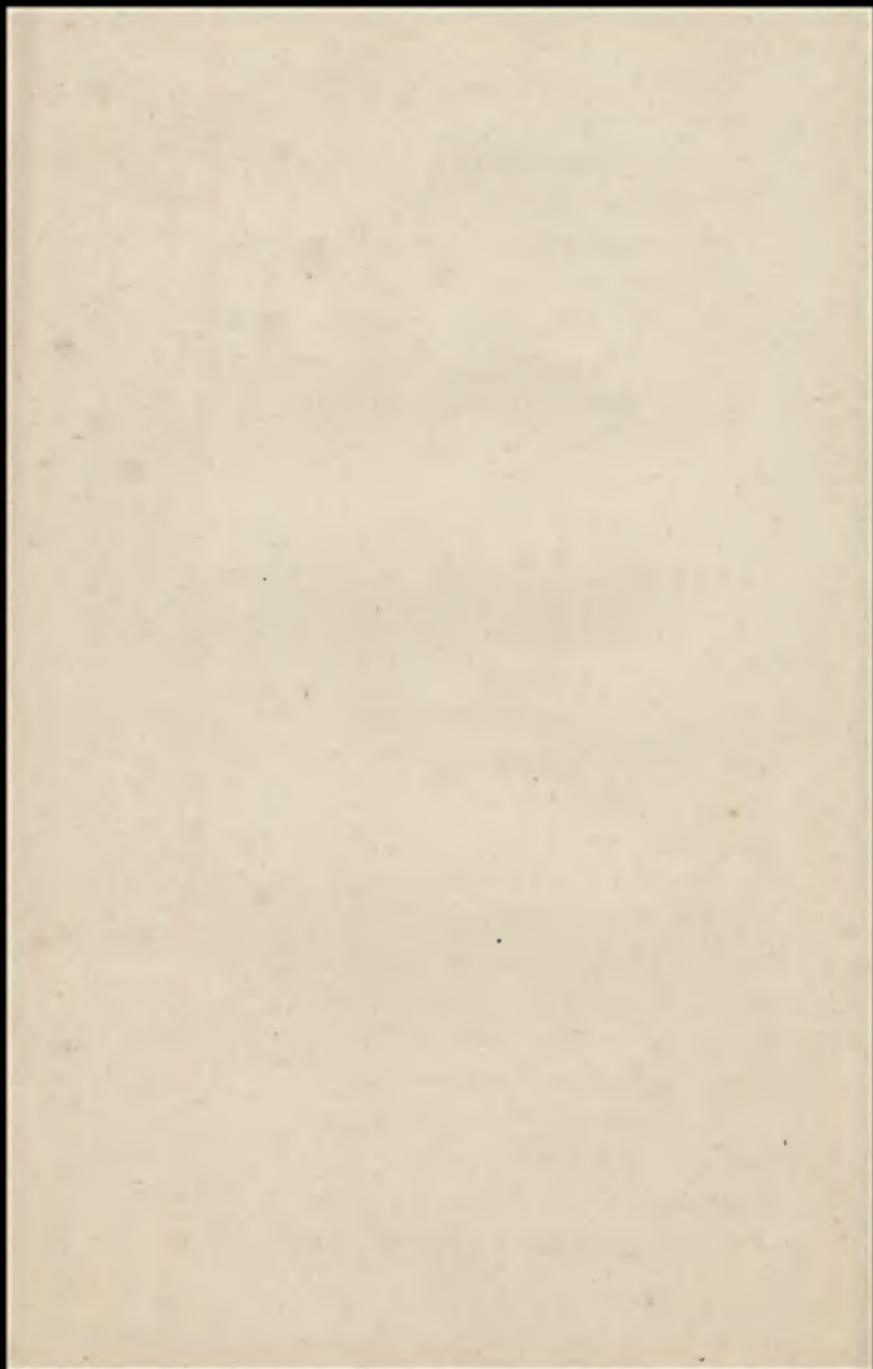
As civilisações com o seu sangue,
E se extingulam,—como grandes rios
Deixam os limos d'onde brota a vida,
És o rasto perenne, alveo immenso
Por onde turbulentas deslisaram.
Trouxeste-nos os Vedas e o Avesta,
As cocepções primeiras do universo;
Trouxeste-aos os éstos das bntalhas
Do apnixonado Râma e grande Bâratha,
As façanhas de Rustem e de Achilles,
De Sigurd, de Roland, de Vninamótem,
Ensiaando esse ardor por onde as raçns,
Como os rijos metaes, se o fogo os liga,
Se toraam fortes, duras e altivas.

Oh Tradição! oh alina das edades,
Povoando as florestas seculares,
O castello em ruína, e assentada
Ao luar, de tugurio humilde à porta,
Embalnndo a innocencia das erlanças,
És como o nroma das regiões ignotas.
Dn materia algum átomo se perde?
Nenhum! Tudo se evolve e se transforma
Desde n attraecção universal á vida.
És da energia a eterna persistencia,
Durante longos séculos—escuras
Forças do mal vclaram teu perstiglio,



Como impedindo ao pensamento o vôo.
Recebendo o vigor de cada idade,
Lotus que encerra os germens do futuro,
Fecundam-te auras de aspirações novas,
Concillou-te a Sciencia, achou-te o intuito,
Elo espontaneo da concordia humana.





cm

1

2

3

4

5

unesp

7

8

9

10

11

OS SECULOS MUDOS

I

Prima Deorum Tellus

Oh Terra! Mãe primeira, uberrima placenta,
Quanto sente e se move a teus seios se alenta;
Antigas religiões, revelação do iastinetto,
Bem fizeram de ti o symbolo distincto
Da vital energia e da fecundidade,
Sublime encarnação de uma ideal divindade.
Nas convulsões do globo, eras a Mãe do abysmo,
Anah; a Virgem forte, Artémis. No hetairismo,
Que deu á sociedade a união espontanea,
Eras a Virgem-Mãe, Cybele, Isis, Urania;
Em ti se concentrava o humano sentimento,
Estimulo inicial do vago pensamento
Que se elevou do kteis á força criadora,
E absorto no teu seio em extasis te adora!



Atergátis, Belit, Juno, Rhên ou Astarte,
Aphrodite ou Maria, a mesma em toda a parte,
Hera ou Venus, — sincero o coração não erra,
Vois sois consagrações da Mãe fecunda — a Terra.

A Scienein em ti viu uma de infindas formas
Por onde vne seguindo a Materia essas normas
Da eterna oscilação nos varios movimentos,
Enchendo o espaço ethereo em seus agrupamentos.
Ao rasgar o teu seio, achou na profundeza
Que eras a grande biblia aonde a natureza
Do Homem o passado ai deixou escripto,
Vestigios de quem pensa impressos no granito.
Sim, és a grande biblia, a de augusta verdnde,
Onde inconcussa lei, lei da fatalidade,
Não deixou falsear as impressões primeiras.
Oli Terra! sejas tu das vibrações ligeiras
Da materia, que importa? o equilibrio mais fraco,
Centelha que se apaga e fien um globo opaco;
Sejas tu a fuisen esparsa pelo espaço,
Como chispa de um sol, frio, morto estilhaço,
Ao vaeuo arremessado em potente ludibrio,
Que importa? como os sóes achaste o equilibrio.
Tun existeneia foi convulsão permanente
Enquanto o teu calor se não tornou Intente,
Enquanto não começa o Intenso dualismo
D'netos chimicos contra o cego entaclysmo.



Eis começã a fazer-se a ordem: elementos
Desagregados vão aos impulsos violentos
Obedecendo á força ignota— a affnidade;
Como habil architecto actúa a densidade;
É lenta em seu mister, mas as forças subjuga;
Cordilheiras contorna á terra em cada ruga,
As camadas assenta em baixo como andares,
E abre o estuario extenso para os mares.

Eis que um novo athleta entrou tambem na lueta.
Que maravilhas faz com força diminuta!
Que prodígios n'aquella neção quasi insensivel!
Elle liga á materia a força incoercivel,
A forma organizada ou a cellula viva.
E seguindo fecundo a obra evolutiva,
Não conhece limite em sua occulta sciencia,
Da vida lnde elevnr-se ainda á consciencia.
O Tempo! o Tempo, o Tempo, o Tempo nunen exhuusto,
É este o demiurgo, o Prometheu, o Fausto,
Que vagaroso fez o tellurico berço
D'onde o homem surgiu, no animal immerso.

Eras, Terra, o baixel perdido pelo espaço,
Reflectindo do sol em ti um brilho escasso,
Na ronda sideral levada inconsciente;
Geraste no teu flanco um sér intelligente,



E na concentração da tua face escura
Produz-se a luz da ideia, n luz mais alta e pura,
A força, a vibração do altivo pensamento
Que as constellações junte ás leis do movimento.

E como, oh Terra, como afinal te preparaste
Para ao selo criar o filho que geraste,
O filho debil, fraco, em cuja incerta vida
Tens mais luz estellar que a que tinhas perdido!
Como o organismo chega á sua puberdade,
Attingiste tambem a quaternaria idade,
Veiu-te revestir camada miocene;
No tellurico flanco agitação perenne!
Os continentes já se achavam limitados,
Por correntes caudaes e mares azulados.
Sobre Africa estuava um revoltoso oceano,
Areias do Saliarà eram-lhe o fundo plano;
Quão longe estava ainda esse abalo instantaneo
Que entre Africa e Europa abre o Mediterraneo!
A Atlântida occupava o espaço que entre as ilhas
Canarias e Açor mede milhas e milhas.
As bacias do Caspio e do lago de Aral
Enche esse mar que cobre os estepes do Ural,
Grande braço de mar, que chega até no Volga,
E nas faldas do Caucaso altaneiro folga.
Sob um manto de gelo a Europa quasi inteira,
Escandinavia, Irlanda, Escossia; e n geleira



Dos Alpes se alastrou por sobre o Piemonte,
E fecha a Lombardia em frígido horizonte.
Do Rhodano a geleira unia-se á do Jura;
Os valles dos Balkans, em sua profuadura
Carpathos, Pyreneos, e celsos Apeninos,
Estão eheios de gelo. Os brilhos diamantinos
Da luz erepuseular em reflexos deslumbra,
E a vida se elabora em tépida peaumbra;
Como esseudo defende a follia as cryptogâmicas,
Das aguas ao vae-vem balaçam-se as agamicas,
E liekens, algas, vão entretecendo liames
Que da vida sustem os primeiros tentames.
O feto verde-negro, ainda arborescente,
Com avidez absorve a humidade quente,
O lepidóndron cresce, e cresce gigantesco!

Varre a face da terra um vento aspero e fresco,
As aguas séca, agita, e do horizonte afasta
Os ninbos que o vapor no horizonte empasta;
Varre o vento do alto os vastos continentes,
Arrebata em tropel folhiagens e sementes,
O primeiro signal da migração dos sêres!
A vida se desdobra em festivaes prazeres;
Sobre a putrefação para ninguem immunda,
O germea se organisa e o germen se fecunda;
A morte a produzir mysteriosa a vida!
Do hullífero terreno a crusta denegrida



Formou-a a submersão das florestas dos fetos;
Dos monstros gigantêos, plesiosauros repletos,
As eyeádeas gentís, abrigo e alimento,
Das camadas do cré foram o sedimento.
Á sombra do palmar vaguêa o elephante,
Disputa-lhe a amplidão rhinocéro pujante,
E tremendos reptis da terra tomam posse.
Reeamam-se, entretanto, os lagos de agua doce
Com flores ideaes, avelludadas, raras,
Nymphêas aos milhões e aos milhões as charas;
O mundo vegetal, como n'um soaho bello,
Para a vida aanimal busca encantado élo.

Quando o homem se ergueu sobre a face da terra,
E do primate bruto audacissimo aberra,
Não era a terra, não, sonhado eden do mytho!
Ia um combate atroz — da existencia o conflito.
Antes de apparecer o Homem já distincto,
De todo o pachyderme estava quasi extincto;
A hyena, o pangolin, onçõ o rhinoeeroate
Nas longas migrações buseam outro horisonte,
O veado, o tapir, d'essas neves eternas
Fogem, com elles vae o urso das cavernas.
A vida era o luctar contra a fatalidade,
Tinha o logar ao sol maior ferocidade,
Mas do bruto venceia aquelle mais ladino!
Teve o Homem consciencia então do seu destino.



Quando o homem saiu do anthropoide bruto,
Na vital concorrência achou-se o mais astuto,
Não deixa o odio mais que uma cousa se esqueça.
— Mal! torna-te o meu bem! — a divisa foi essa,
Que dirigiu o braço ao homem primitivo.
E o Homem foi quebrando os grillhões de cativo
Que o jungiam ainda á bestialidade,
Quando o nexo encontrou da sociabilidade.
Oh Terra! já não és no vasto firmamento
Bago incerto de arcin — hoje ergue o pensamento
Sobre ti da Sciencia excelsa e grande torre,
D'onde o raciocínio os espaços percorre;
E das constellações recondita cadencia
Em ti vem reflectir, porque tens a Consciencia.

II

Os Trogloditas

1.

Vem das bordas do mar, da humida caverna,
Homens saindo em bando; a fome é que os governa!
Cobertos de cabelo e de pelles, armados
Trazem facas de pedra, os seixos são machados
Que vibram pelo ar, contra as feras sentadas,
Como o malho de Thor, nas procellas violentas.
Era a tribu sagaz dos fortes Adamitas,
Negrejando em tropel, em retumbantes gritas;



Chamaada vem no som do buzio surdescente
Ao alarve festim da caça antecedente,
Acode cada um em saltos ou de rojos,
Repartindo entre si das feras os despojos.
Hycaas, javalls, ursos, rhinocerontes,
Sobre a praia onde estão, ali formaram montes,
Montes de d'onde escorre o sangue, que serpeia
Negro, túbido, e vae tingiado a braaca arcia,
Atê purpurear das aguas a espuma.
A carne palpitante, ainda queate fuma!
E vê-se reluzir nas faertes maxilas
Os dentes! Ás mulheres, miseras ancillas,
Fascinna-as a alvura, e lançaam-lhes olhares
Como quem já cobiça os lèpidos collares.

Apenas se ergue o sol das aguas sobre o dorso,
Surge o chefe da tribu, o typo do esforço;
Guerrelros o saúdam! Juato d'elles passa,
Lançaado ávido olhar sobre os montes de caça.
Troglos era o seu nome; e Troglos, em eriança
Por nome lhe foi dado em signal da pujança
Com que alcaçava o urso occulto na balseira,
E o matava ás mãos, mettendo-lhe a joelhira.
Costumava buahar-se em tepidas entrnnhas;
Fizeram-no temer por flm outras fuçanhas,
E sobre a tribu teve um singular perstlgio,
E a chefe se elevou sem inveja ou litigio!



Depois que Troglos fez dos animaes a conta,
Alça n faea de sillex; cada qual aprompta
Sua lnsca, e começa a tirar-lhes as pelles.
Cobre-se o areial! Dardeja o sol sobre elles,
E sobre o mosqueado e flexivel tapete,
Teve começo enlão o canibal banquete.
Um mais famiato que habil, grossa posta arranea,
Outro veloz esbruga aquelln ossnda branca;
Troglos a parte fez a cada um, conforme
A nudacia, a valeantia, e indifferença enorae
Perante a morte e a dor! No festival banquete
Reparte a endn um segundo lhe compete.
As ossadas depois flearam bem despidas!
As mulheres então vêm de medo traaziáns,
Com taartellos de pedra e eom pobres aprestos,
De sangreato manjar aproveitar os restos.
Como o homem não tem a lasaeavel gula;
Vão com geito extrahiado aos ossos a medula,
E por veatura foi pelo repasto leve
Que ns graças a mulher muito mnis cedo obteve,
E o farto pello hirsuto ao corpo lhe cahira,
Domaado com astucia a obeecada ira.
Em quanto a tribu jaz, dando risos alvares,
Mulheres vão formando alvissimos collares
Do alvéolo arraacando os esmaltados dentes.
Troglos ncordou os que estavam dormentes,
Da forte digestão n'esse colapso absortos;
Disse:—«O melhor quiahão offertemos aos mortos;



«Aos mortos o melhor da abuadaate caçada!
«Jazem na escuridão da subterrea morada;
«Não podem lá correr, aem vibrar fortes dardos
«Contra o bufalo em baado, ou contra os leopardos.
«Já não podem lutar de frente com o touro.
«Compete-aos a aós livral-os do desdouro!
«Deram-nos elles sós, abrigo aas borrascas,
«Easiando a tirar de uma paacada as lascas,
«Escolheado a cortaate e dura pederadeira.
«Descobriram taabea a mais certa maacira
«Coa que um moastro feroz aate os pés se debelle,
«E contra as brumas más nos agasalha a pelle.
«Deve-se aos mortos tudo; elles foram errantes
«Por frios hybernaes, por calmas offegantes,
«Fugiado aos aaimaes, coitados, á procura
«Da mais funda caverna escura e mal segura.
«Oh quea foi que aos deu o primeiro agasalho?
«Quem aos laiciou a'esta lei do trabalho,
«Em lucta contra a fome, e sempre, sempre em lucta,
«N'uma liga que vence a natureza bruta?
«Os tuauulos dos paes serão a santa ára
«Aate a qual se coaserve união frateraa e cara.»

Então se alevantou um immeaso alarido,
A aenia fuaeral, costume traasmittido,
Ao som da qual começa uma lugubre daasa;
Pára só o que cáe, porque ni aiaguem caça.



A dança é um combnte em honra dos nntigos,
Simulando assaltnr os paternaes jazigos;
E o que fica de pé, nn ultima corêa
Aos mortos é que offerta a ára enorme chêa.

Quando a tribu ncordou do lasso e longo somno,
Como se atira o cão a um brado do dono,
A tribu se alevanta, n tribu cêrca attenta
A Troglos que acenou, e estn falla accrescenta:

«Sessenta vezes já o Caçador eterno
«Que vogn sem cansar pelo espaço superno,
«Têm empalidecido em froixa senectude,
«Tornando a ndquirir fulgor e juventude:
«Ha outro tanto tempo, Adamitas, governo!
«Como succede sempre no Caçador eterno,
«Ataca-me a velhice! ataca, bem conheço,
«Mns como elle no mar não me rejuveneço.
«É tempo de subir á rocha alcantilada,
«E lançar-me d'ali na voragem do nadn;
«Ah não virá a morte a colher-me qunl folha.
«É preciso que a tribu o novo chefe escolha;
«Seja o banquete de hoje a minha despedida.
«Mancebos! cadn um com força destemida
«Se nroje pelo mundo e umn acção intente
«Onde mostre o ardil, e a audacia do valente;



«O que à tribu trouxer segurança e socego,
«Esse é o chefe, e obtém das vontades o emprego.
«De seus irmãos será senhor de vida e morte;
«É pae e defensor, é lei, porque é mais forte.»

2.

A rude imprecação ouviram os mais moços;
As mulheres estão em vivos alvoroços
A alentá-os para o heroico desafio.
Em sentido diverso, ah, cada um partiu,
Ungido dos leões com as lubricas banhas,
Com as facas de pedra e as clavas tamanhas!
Emquanto o arco estreito ao alto mostra a lua,
Até que já redonda em páramos fluctua,
Como a bola de neve em aleantil alpino,
Hade a tribu esperar esse bando ferino
Dos mancebos que vão correr grande aventura.
Ei-os se perdem já das brenhas na espessura,
Pelas cavernas dentro, e plncaros alpestres,
Por duros matagaes, labyrinthos silvestres.
Os fracos e senis, mulheres e crianças
Ficaram aguardando em trêmulas esperanças.
Ali Troglós então à tribu repetia
O feilo que lhe dêra essa supremacia:
Elle era novo ainda, ousado entre os ousados,
Persegulam a tribu os leões desgarrados;
Todos os dias vinha um leão mais ardiloso;
Sempre matava alguém! niagueu por corajoso



A pista lhe seguiu vertiginosa, incerta.
O Chefe, o mais antigo, andava sempre álferta;
Baldado tudo, até, que uma jura medonha
Fez:—«Matar o leão, ou morrer de vergonha»
O leão esperou, e frente a frente o alaca,
Ao lacerar-lhe o ventre, ah quebra-se-lhe a faca,
Depois de lutar cae e o monstro o dilacera.
Tambem Troglos pensava em perseguir a fera,
Mas emprehende entregal-a á tribu ainda viva!
Procura a direcção da pégada nociva;
Abriu um grande fosso e o cobriu de ramos,
E ás bordas lhe amarrou dois magníficos gamos.
Ao vir da noite logo ouviu um grande estrondo,
Precipite correu no boqueirão redondo:
Lá dentro escuta o urro enorme do destroço;
Era o leão sangrento em convulsões no fosso.
A tribu admirou o novo estratagemia;
E a Troglos deu-lhe logo o mando e o diadema,
Considerando o ardil igual á valentia;
Assim é que alcançou alta soberania.
Da pelle do leão, que a todos era espanto,
Fez para si da pelle o magestoso manto.

3.

Eram passados quasi os dias para a aposta;
Não assoma ninguem pelos visos da encosta.
Espera-se com ancia o final da aventura!
Apparece por fim, de terrea catadura,



Esse filho de Kusch! É dura n sua cnsta,
Traz um cedro esgalhado e apoz si o arrasta.
Saudarmm-ao febris! elle o cedro nrremessa
Bem distante de si, e n fallar começa:

—Trepei a moate caorme e pedragoso e bronco,
Minha hncha lá eortou esse esgnlhado troneo;
É a primeira vez que o homem com machado
Corta o cedro, que era a custo desraigndo.
Mas não basta saber cortar a dura trave,
Sem que a raiz no chão com lentidão se exeave;
Lá do alto do monte as neves vem desceendo
A pouco e pouco o val horriffleas eachendo,
Nas cavernas nos feclia e morreremos todos.
Importa ir enterrar essas traves nos lodos
Que nas margemas estão do verdejanté lago;
Das fêrns e do gelo ao temeroso estrago
Ali se fundnrá o asylo mnlis seguro.
Se se realisnr o nviso do futuro
Eu o chefe serei d'essa novn Cidade!

A tribu o saudou com pávida anciednde.

Outro din apparece um moço,—o Nembrodita;
Soltou a multidão nlegre, immensa grita.
Arrastava apoz si uma grande panthera!



—Eu luctei frente a frente e a sós com a fêra;
Sobre mim se atirou, seguro-a com o braço,
As maxillas lhe esgallio e quebro o espiñaço.
(E atirou a fêra á multidão fremente)
Só deve alçar-se Chefe o que fór mais valente.
(E ao mostrar nas mãos as fundns mordeduras)
Dos chefes flenrão como as investiduras.

Entre o filho de Kusch e o bravo Nembroditn
A tribu fica incerta, e temerosa hesita.
No mesmo dia chega um outro aventureiro,
Tronxe consigo em chamma, um celestes luzeiro,
Nenhuma mão por mais ousada ugora o tocu,
E morde mais do que do escorpião a bóccn.
Da maravilla pasma a tribu, e do que via;
Eis mysterioso falla esse filho d'Ayria:

—Entrei, entrei a medo em fechada floresta,
Voraz fogo do céo lá por dentro a infesta;
Aproximei-me e disse: Heide agarrar o fogo!
E para aquella empreza audnz me arrojio logo.
Vi o fogo a lavar por sobre o arvoredio;
De como se alimenta alcancei o segredo!
Vi-o tambem pastar pelas campinas razas,
Foi então que apanhei as coruscantes brazas.



Conheci que esse lume afugentava as fêrnas,
Destazia da noite as medouhas chimeras,
Fazia entrar do sol a luz pelas cavernas,
Sem os frios sentir das rajadas hybernas.
D'aquelle novo sol achei o artificio.
Se fôr Chefe, inauguro o augusto sacrificio,
De conservar no lar o Fogo sempre acceso.
De todo outro trabalho hnde ficar illeso
Quem mantiver no lar o Fogo sempre vivo,
Aos nnciãos não mais da existencia os privo.
Onde houver fogo acceso hnde ser o seu brilho
Como laço de nmor entre pae, mãe e filho!»

Assombra a multidão o que vira e ouvia,
Quer já proclamar chefe esse filho d'Ayrin;
Troglos, como prudente, os impetos conteve,
Para a tribu fallou n'uma linguagem breve:

— Não são passados lnda os limitados prazos;
Outros moços virão contar-nos os seus casos;
É crível que virão descobrir novo trilho.—

De Turan surge prompto o laborioso filho!
Trazia um homem morto ás costas; sobre a terra
Exânime o deixou; a multidão se nterra
Á espera de ouvir unrralivas estrrnhas:



—Montes, vales corri, transpuz altas montanhas;
Guiado pela luz de uma estrella inconstante,
Fui andando até dar n'um pincaro distante,
No tenebroso algar de um escalvado cerro;
Uma raça medonha ali trabalha o ferro;
Elle verga-se ao malho enquanto incandescente,
Tão forte como o raio ao homem faz potente.
Cheguei-me a essa raça; eram homens pequenos,
Entendia-se entre si por ignotos acenos.
Ensinam-me a vergar aquelle metal duro,
E já quando instruido a regressar procuro,
Correram sobre mim; extenuado offego,
A morte querem dar-me, e peor, tornar-me cego,
Para não descobrir o recondito asylo!
Outros cegos ali em um grupo tranquillo
Cautam do malho no som cantilenas soturnas.
Recorri ao ardil para sair das furnas:
Pude esmagar em terra o homem que me guarda,
Apoderei-me ali da tremenda alabarda,
Commigo eis os tropheos como da audacia a prova,
Existe uma outra raça altiva, forte e nova.
Ella vem sobre nós, roubemos-lhe o segredo
Que invencivel a torna, e não teremos medo!—

Assombrada fleou a tribu ouvindo nquillo.
Onde ir buscar agora um ignorado asylo?



Da terra já não é a única senhora;
Bastava-lhe o lutar, combater a cada hora
Contra o forte jaguar, e contra o rinoceroto,
Hoje ao homem tem um monstro ainda mais feroz.
O corpo do homem morto atesta as grandes iras
Que hão de a ferro vingar os rígidos Cabiras.

A tribo, no terror, estava impaciente
De proclamar seu chefe o que era mais valente.
Mas Troglos lhe falou:

«Vibrará minha clava
«A mão a mais ardeira ou a que for mais brava;
«Ao sítio onde o meu corpo inerte se despenha
«Aclame-se por fim quem procura-a venha!»

Mas enquanto ali estão hesitando na escolha,
Sentem passos além, para lá tudo olha.
Era o filho de Kêmi, e fala sem alarde:

— Minha empreza acabei; eu vim talvez já tarde;
De búfalos seguindo as rápidas manadas,
Apoz elles fui dar em verdes esplanadas,
Por onde vne correndo um rio aprazível
Que fórma um bello Delta, à fera incessível;



As arvores de fructo, altissimas, floresciaem,
O nevoeiro, o granizo ali nunca apparecem;
Como em seio de mãe, é o calor suave,
Nem o rumor espanta uma canora ave!
Se chefe me aclamar a tribu, eu bem quizera
Guiar-a para lá na sacra primavera,
Fugindo para sempre as sombras das cavernas,
Aos famintos chacaes e rajadas hybernas.

Fallou Troglos então com gestos compassados:

«Só me resta ir morrer. Os dias são passados
«Que se houve de correr a intrepida aventura.
«Dos que foram ninguém o regresso assegura;
«Dos que foram voltou sómente o Nembrodita,
«Mais o filho de Kusel, e de Turan que o fita;
«Eis o filho de Kêmi e o filho d'Ayria;
«A um d'elles entregae agora a soberania.
«Vou lançar-me a final do alto do fraguedo,
«E o chefe escolhido irá recolher lodo
«A clava com que altivo inda os monstros derribo,
«Meus ossos jantará nos sepulchros da tribu.»

4.

Levantou-se no ár tumultuoso alarido,
O chefe entra na selva, e lá dentro é perdido.



Tempo depois se viu negrejar n'um cabeça
Do ingreme aleantil; de lá faz o arremeço,
Com que no abysmo, em baixo, audaz se precipita.

Sôu da multidão a retumbante grita.
Proclamava-se o chefe! Um bando gritou logo:
—Gloria ao filho d'Ayria, o que nos trouxe o fogo!

Outros gritam com mais e mais enthusiasmo:
—O filho de Turan vence a todos com pasmo!
Já conhecia o fogo e trouxe-nos o ferro.

No meio do tropel, sôu mais alto berro:
—Gloria ao filho de Kusch, o de crespos cabellos,
Que nos vem defender no diluvio dos gelos;
Elle sabe ligar entre si prancha a prancha,
Construir o baixel que a vaga não desmancha.
Contra o bando de Kusch, outro bando se agita:
—Qual é o Caçador melhor que o Nembrodita?
Gloria a quem os leões derruba n'um relance,
E extingue da fome o temeroso transe.

Lucta medonha, atroz entre os bandos se trava;
Pelo filho de Kêmi inda ninguém fallava.



O bando indifferente á sangrenta refrega
Para o filho de Kêmi apressado se chega:

—Sigamol-o hoje mesmo; elle tem a constancia
De ao sitio nos levar da paz e da abundancia.
Desde hoje nunca mais haverá lei prescrita
Que obrigue áquelles dois, a Kusch e o Nembroditá.
Nunca mais se hade vêr fraternal harmonia
Dos filhos de Turan com os filhos d'Ayria.
Afasta-nos d'aquí, oh tu de Kêmi filho,
Para o paiz da paz, onde o sol tem mais brilho,
Onde se adora o sol em canticos sonoros,
Onde se erga o altar! Seremos a grey d'Horus.

Enquanto a fraternal e negra lueta dura,
Partiu a horda; embrenha-se em selvas á procura
De encantado paiz onde se perpetue.

Dos quatro chefes já cada um veloz rue
A vêr se lésto obtem da primazia a clava.
E n'um sentido opposto um a um se embrenhava;
Seguira-os tropel do fêrvido partido.
Sem a separação ter-se-iam destruido!



III

A. Tetrápole

1.

Errante pelo mundo a tribu se desmembra,
Do berço primordial, quem é que inda se lembra?
Onde a horda chegou bem pouco se deteve,
Dia a dia o frio cresce, e vem descendo a neve;
Fugindo para o sul vem bandos de elephantes,
Rhinoceros, tapir e búfalos errantes,
Como quem prompto escapa ao pértido inimigo;
Em outra região vão procurar abrigo.
Foje o homem também ás cortantes rajadas,
Relembra com saudade as fôrmas retiradas
D'onde cedo partiu por indomitas sanhas.
Os gelos a descer do cimo das montanhas,
Deslisam pelos valles occupando tudo,
Carreando em tropel bloco e bloco desnudo:
Dos promontorios vem escalvados do norte.
O frio intenso traz consigo o somno e a morte!
O homem tenta em vão rasgar o seio á terra,
A caverna construe, mas a nevoa lhe cerra
Ao vacillante passo o pavidó horizonte!
Accende o fogo, e alveja-lhe nitido defronte
O gelo que caminha, o gelo de repente
Que se roja e se alastra, essa enorme Serpente,



Da região boreal, a deslizar sem bulha,
As florestas encobre e os valles entulha,
Transportando consigo os altos promontorios,
Os picaros trucaado aos montes mais notorios.
Se a frigida Serpente a alguém de leve morde
Do invencivel somno oh quem ha que o acorde?
Não ha senão fugir, romper em marchas rudes,
Procurar o calor de ignotas altitudes.

N'um instante se deu ferrivel cataclysmo!
Os mares boreaes vem das fontes do abyssmo;
Rompeu seu equilibrio n desceação dos gelos;
Uma onda se ergueu dos boreaes cancellos,
E para o sul desloca o seu tremeado imperio;
Traaspõe o equador, submerge um hemispherio,
Para sempre algonu primévos continentes!
A Atlantida e Lemuria, e ignoradas gentes,
Do vagalhão do norte envolveu-as a fragoa,
Afundou-as então a cataracta de agua.
Da extraahn coavulsão mal seatem o espaato!

Que continentes já resurgem por encanto.
Instantaneos erguendo os seus lodosos cimoz?
Promptos a claborar a vida a'esses limos.
Que novas foranções nos vastos estuarios
Vão ali sotopôr veios sedimentarios,



Cumulaando o calcáreo em gigantescos cipos;
As forças animaes produzem novos typos.
São um seio vital as aguas, oade lento
Ora o vibrátil cílio adquire movimento;
Cavam aos grandes rios essas margens esbeltas,
Formaado a'elles sempre os verdejaates Deltas,
De antigas tradições as Ilhas encantadas;
O homem progrediu entrando em taes moradas.

2.

Disseram entre si de Kusch os filhos:

«Preste

«A Serpente do inverao a nós ríspida iaveste,
«Do gelo aos aneis quasi a terra circuada!
«Já refugio não dá a caverna a mais funda.
«E como lhe fugir?» No alto das montanhas.
Ondas se elevam já de mil lados, tamachas,
Negrejam fora d'agua umas Ilhas; espanta
Como iuda estão de pé do golpho na garganta.

«Façamos, pois convem, com os cedros da ilha
«Uma barea segura; a sua forte quilha
«Córta a vaga que cresce, e libertar-nos iade
«Do diluvio sem fim que a terra nos invade.»



Então Kusch mandou cortar os grossos troncos,
Emquanto a cataracta atróia com os roncós.
A onda cresce, cresce e a baren já fluctua,
Dos mortos animaes um montão grande estua.
Mandou tambem colher os troncos arrancados
Boiando á tona d'agua, e os mais alentados
Sobre n vasa dn praia ergueram uns tnludes.
Sobre estacas assentam-se as cabanas rudes,
Contra o fluxo crescente recolheram-se os vivos,
Livres do nssalto já dos monstros fugitivos.
No indomito terror, na liga ãa anciedade
Inconsciente se funda n primeira Cidade;
D'ái começou Kusch a observnr os astros,
Seu nascimento, occaso e luminosos rastros,
Do esplendido sol e da pallida lua
Conta as revoluções e phases uma a uma;
Conseguiu descobrir o mez de trinta dias,
O percurso da terra, e ns horas fugidias,
Marcar as estações, e nos fecundos ocios
Achar a precessão d'esses dois equinocios!

Disse então Kusch aos seus, aos mais intelligentes:
«Os Filhos de Turan fizeram-se potentes
«Pelo segredo seu de traballar o ferro,
«Segredo de mais força em mim, na mente encerro.



«Tem os filhos d'Ayria outro poder—o Fogo,
«Pois fazem-no descer do céu á terra logo.
«Eu possuo tambem dos astros o mysterio,
«Nossa a terra será de um ao outro hemispherio.
«Do segredo estudaes ns santas profundezas
«Que nos guiam da terra á busca das riquezas.»

Organisou-se ali o activo sacerdocio;
O trabalho da tribu alimenta aquelle ocio,
Que continuo contempla altos céos estrellados
Tendo ás constellações os seus cursos marcados.
Cresem cada vez mais as aguas Impetuosas,
E Kusch outra vez falla ás gentes temerosas:

«A Cidade está cheia, e quasi que trasborda,
«Na barca tem de entrar de prompto uua nova horda;
«Se alguem ha que se atreva ao goverao da barca,
«Para os que partem flique augusto patriarcha.

Fallou Nuah ali, bem corajoso e ledo:

«Eu tuabeai apreadi dos ustros o segredo;
«Que inaporta a cerração da Serpente do Iaverao,
«Se as vias sei traçar pelo espaço superao!»



E a multidão que entrou na Barca com pavor
Deu por nome a Nual—o Peixe-Salvador.
Aonde irá surgir essa errante colonia?
Que emporio fundará? talvez Tyro ou Sidonia?

3.

Vem os fillhos d'Ayria a fugir lá das bordas
Do temeroso Caspio, em turbulentas hordas,
Procurando escapar á submersão das aguas;
Em busca do calor, affrontam rudes fragoas.
Sobem d'alta montanha ao cimo, ingreme, a custo,
E fazem d'essa allura asylo e templo augusto.
Envolvia-se a terra em nevoeiro denso,
Errantes vão fugindo áquelle frio intenso,
A custo sobem já pelo escaldado flanco
Do alteroso monte; a neve torna-o branco.
Era o grande Pamir, o gigante dos Montes;
Quatro rios caudaes, são as perennes fontes.
Que saem de golfão de ignoradas cavernas,
Abrindo o curso, o alvêo para as neves eternas.

Disseram entre si os que iam na vanguarda:
«O Sagrado Pamir dos frios nos resguarda!»
E á medida que vão subindo as cuniadas,
Menos rípidas são as cortantes rajadas,



Dos gelos boreaes n flexa ninguem sente,
É saudavel o ar, como suave e quente;
Florescem no nenutil d'aselépins os corymbos,
E pairm-lhe ao sopé caliginosos ninbos,
Cortados pelo raio a breves intervallos!
Retumba pelo espaço o rumor dos nbalos,
No mais alto do céu destaca-se esplendente
O Sol! o cada um em terra, reverente,
Cheio de gratidão e de divina furia
Adora o Sol, prostrado ante o sublime Surya,
Manancial de bens, de vida e de nlegria,
D'onde o calor e a luz vem aos filhos d'Ayria.

Aeolhem-se tambem á montanha sagrada
Diversos animaes, em trepidn manada,
A vacca branca, o touro audacioso, iracundo,
O elephante, o cão perspicnz e jocundo;
O homem accetou a imposta sociedade,
E pouco n pouco os traz á domesticidade,
Do typo vertebrado o mesmo soffrimento
Revelou pelo nuor primordial pensamento
Perturbado na acção violenta dos meios!
Cessam nos animaes do homem os receios.

Eis os filhos d'Ayria njunlam-se einmando:
«Nos trabalhos sem fim da nossa fuga, quando



«A Serpente do Inverno engulir-nos queria,
«O Fogo se extinguiu, a nossa companhia,
«O Fogo, que afugenta as carnicceiras feras,
«O Fogo, que desfaz as medonhas chimeras.
«O Surya divino aqueita-nos quaes brazas,
«Mas os ventos da noite, os terriveis Rakchasas,
«Penetram-nos com dor dos ossos a medula!
«Quem sabe ao céo lirar a lucida faúla?
«A Surya pedir que baixe a nós seu raio!»

Ergueu-se Paramantha, o ousado. Escutae-o:

«Eu roubarei ao céo esse sagrado Fogo;
«O rito que o produz, a supplica e o rogo
«Á tribu ensinarei como uma cousa santa.»

Duas vâras cortou d'uma arvor' Paramantha,
Que vira incendiar-se ao vento na floresta;
Esfrega uma sobre outra, aquella contra esta,
E começa a luzir um ponto igneo, nitente,
E se atêa no altar subtil, incandescente.
O mysterio da luz, do Agni, teve início,
O segredo se expõe do augusto sacrificio,
Cada familia escuta, enternecida e leda,
Da eterna tradição a sciencia do Veda!



Paramantha explicou o assombroso rito:
«Seja em cada família o permanente fto
«Conservar sempre acceso o Fogo! o fogo é vida!
«A vida, ás gerações vindouras transmittida.
«E como o pae e mãe, ambos geram o filho,
«Tvasthar, Aranní, em Cruz nos dão o brilho,
«Encarnção do Sol na terra—a labareda—
«Agni, o mediador, a saudação do Veda.»

Antes que a tribu ao céu sua supplica munde,
Faz ao Fogo do lar uma hecatombe grande,
Entre nplexos cantando em grato desatino
O loiro, o terno Agni, em sonoro hymno:

«Vêde como elle brilha! Agora em volta d'elle
A familia dispersa—os medos seus repelle;

Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! Oh primeiro mysterio!
Por tí o homem poz ao sofrimento Imperio.

Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade ndornar?



Vêde como elle brilha! És tu que nos escutas
Passadas tradições das incansaveis lutas;
 Sacro Fogo do lar,
 Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! Ao céu as preces levas,
Afastaado de nós os terrores das trevas;
 Sacro Fogo do lar,
 Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! alvissimo cordeiro;
Gerou-te a Virgem-Mãe e Tvasthar carpinteiro.
 Sacro Fogo do lar,
 Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! e resplandece tanto!
A brisa que o alenta é o Espirito Santo;
 Sacro Fogo do lar,
 Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! A vaeca o bafejara,
Em lucida espiral a chamma se ergue n'ara.
 Sacro Fogo do lar,
 Quem não te hade adorar?



Vêde como elle brilha! Oh Christna loiro e puro,
Tu farás a união dos homens no futuro.

Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?»

Dividem-se d'Ayria os filhos em familias;
Uns coaservava o Fogo em sagradas vigílias,
Com que as forças do mal, oh tribu erente, applicas;
Uns trabalhava a terra, outros guardam as vaccas.
Mas a terra por fim perdeu sua verdura;
E a tribu se lembrou da tradição escura,
De outr'ora, quando aelhou um togav de delicias
Esse filho de Kêni, e as novas propicias
Veiu alegre trazer, para ser chefe eleito:

«Sigamos para lá prorompendo a direito!
«Rompanos através do árido deserto,
«Para esse paiz de prados mil cuberto,
«Onde a flor verde mel, e são doces os fructos,
«E os cerúleos céos são límpidos, enxutos;
«Onde as aves gentis têm mais canoras vozes,
«E onde os animaes não são monstros ferozes
«Que nos rebanhos dão com avides insana!
«Por ventura hade ser ali a Sgodiana?
«Lá onde, oh loiro Sol, nunca os rios estancas,
«Onde pastam sem conta as vaccas gordas, brancas.»



Eis que os filhos d'Ayria á grata visão cédem,
E descem a montanha em busca do novo Eden;
Encontram no caminho a tribo numerosa
Que emigrava tambem, incerta, aventureosa;
Conhecem-se de instincto irinãos, e como amigos
Se abraçam para a lucta através dos perigos;
Quando entender-se vão, fallavam outra lingua!
E empregaram signaes e symbólos á mingua.
Como os filhos de Ayria, eram brancos na pelle,
Entre elles a mulher era candida e imbelle,
Conheciam do Fogo o magico segredo!
Acharam-no batendo as lascas de rochedo
Dos filhos de Turan contra as clavas de ferro.
O Fogo os protegeu no infindo desterro,
Sacrificam a elle animaes, homens vivos;
Pois essas gentes são Nembroditas altivos.

Já os filhos d'Ayria a entender-se tentam,
Da Cobra-mãe do Inverno o emblema apresentam,
Uma serpente ao ár alçaram-lhes defronte.
A tribo se prostrou sob o flanco do monte,
Como que se um vento instantaneo a derrube,
Diante do seu deus, adorando o Kerube.
Póde tudo esse deus, vence a morte e os typhos!
De antigas regiões contam por hieroglyphos
Terriveis migrações através de palmares,
Em lucta com leões e em lucta contra os mares.



E enquanto a narrativa os dois povos ajunta,
D'Ayria a tribu fez esta extranha pergunta:
«Saberá por acaso o forte Nembrodita
«Onde o filho de Kêmi e sua gente habita?
«Em que sitio da terra é esse paraiso,
«Onde ha riqueza e paz; descanso e regosijo?»

Da tribu de Nembrot respondem os mais velhos:
«Não sabeinos onde é! Em vão nossos artelhos
«Nos levem a transpôr os caudalosos rios,
«Cordilheiras sem fim, desfiladeiros frios,
«D'encontro aos vendavaes e ao rispido graniso,
«Não podemos chegar ao doce paraiso.
«Oh não podemos, não! que só vence as procellas
«Quem como Kuch tem segredos das estrellas,
«Com que sabe emendar da sua róta o erro!
«Oh não podemos não! só quem abranda o ferro,
«Dos filhos de Turan o vedado segredo,
«Esse hade triumphar dos monstros e do medo.»

Romperant os d'Ayria a gritar com afan:
«Vamos nós procurar os filhos de Turan!
«O segredo que os fez tentidos se lhes roube!»
Conter a multidão seu jubillo não soube.
Os Nembroditas vão proseguindo outros rastros:
«Roubemos aos de Kuch o segredo dos astros!»



Desceram o Panir as duas grandes raças
Unidas um instante; e temerosas Iraças
Cada qual em sentido opposto vae seguindo;
D'Ayria os filhos vão descendo ao Septashindu,
E os filhos de Nembrot, para oeste vão dar
Às planicies sem fim da fértil Senaár.

4.

N'aquelle immenso val que os Sete-Rios talham,
Os Filhos de Turan ignorados trabalhãam;
Uns fundem os metaes, outros agricultores,
Trocavam entre si productos dos labores,
E ao fim de migrações e temerosas viagens,
A defeza os uniu da paz para as vantagens.
Uns guardam dos metaes reconditos processos,
Occultos da caverna em antros bem recêssos,
Operando do cobre e do estanho a liga,
Que não vencida torna a espada e a loriga!
Da sombra a lividez faz-lh'os rostos finéreos,
Occultos no ímo ali dos jazigos minereos;
Taes os Calybes são; a hirsuta catadura
Contrasla na feição pacifica brandura;
Sabem vociferar tenebrosos agouros,
E descobrir o assento aos vedados thesouros,
E caldear em sangue as espadas terriveis
Que tornam os heroes immortaes, invenciveis.



O que a terra trabalha e com suor semeia,
Ao homem bestial e mudo, ao Cadaveia,
Associon a si com loaga coafaaça;
A terra, a Mãe commum, fizera esta alliança.
Ao deseereia no val do fertil Septashiadu
Vão os filhos d'Ayria as ceáras destruindo;
Essas raças cahindo era coadição de escravas,
O trabalho compete a ellas como ignavas;
Formam classe guerreira os Arias mais valeates,
Das armas o mister distiague os excellates,
Que procuram veacer a dura, ignobl corja,
Que nas cavernas vive e o ferro occulto forja!

Ninguea pôde acaaçar o tremendo segredo;
Aos guerreiros espanta o cabirico medo,
E esgotam o poder na atroz carnificaa!
Não podeado extiaguir a raça peregrina,
Cansado de luctar d'Ayria exclama o filho:
«Raça dura e tenaz! coavosco compartilho
«Os mysterios da luz; mas easiaae sem erro
«Coiao se funde o broaze e se trabalha o ferro!»

Então, eatão alguns dos filhos de Turan,
Mandaram á traição seu magico Atharvan,



Revelar como o ferro e o bronze se fabrica.
Ante o negro Atharvan o Arya sacrifica;
Mas um desapareceu no escuro da caverna,
O outro a humanidade e o mundo governa!

5.

Os Nembroditas vão em perpetuos combates
Por todo o Senaár tê ao Delta do Euphrates;
No Golpho encontram já cidades florescentes
Com templos e canaes, policidadas gentes;
Ali raça de Kuch alliva e forte lida!
Perguntam-lhes:

—«Sabeis da terra promettida,
«De que o filho de Kêmi encontrou o caminho?
«Vós que ousaes prevêr do céu o torvelinho,
«Que tendes defluído o curso das estrellas,
«E podeis navegar por entre átras procellas
«Sabereis-nos gular a tal paiz, por certo!

—«Entre Kêmi e nós ha o mar e o deserto,
«Esteppes, aleantis, distancias infinitas;
(Responde á nova gente a raça dos Kuschitas.)
«Sobre um Delta fechado o povo dos Horshésu
«Ignorou o diluvio, e permanece illeso.
«Fieae antes aqui; dos astros os segredos
«Revelados vos são, se esses combates tredos



«Entre Aecad e Summir por vós tiverem termo.
«Os nomadas do norte, abrigam-se n'esse ermo,
«E sanguinarios vem, ao ruído das contendas,
«Ás cidades trazer desvastações tremendas;
«As mulheres, o gado, elles levam consigo.
«Nas nossas bareas só escapamos ao perigo.»

Então Nembrot correu as diversas Cidades,
As que soffreram mais d'essas atrocidades,
A todas lles propoz uma mutua alliança!
Respondeu Chalanch:

«Nós temos confiança,
«Que assim não somos mais devastados á ningua;
«Embora; mas quem póde esquecer sua lingua?»

Nipur tambem responde:

— «A alliança accetamos,
«Mas nunca, em tempo algum, nosso Deus olvidamos.»

Erech respondeu:

«N'este solo deseança
«O pó das gerações; não venha essa alliança
«Arrancar-nos um dia a este chão sagrado.
«Eis o tremendo mal que temos reelado.»



Respondeu Elassar:

«Nós entramos na liga
Se o nosso juramento a todas nos obriga.»

As Cidades, Nembrot prudente confedéra,
E como o testemunho e signal da nova era
Uma Torre se ergueu que com o céu defronta.
Cada angulo a Cidade da alliança nponha.
A Cidade que nvista aquella enorme Torre
Tem certa n sua pnz; sempre a liga a soecorre!
Nipur adora EL, do Deus a Torre é porta;
O alicerce fundo um sepulchro o supporta,
Para honra de Erech, a cidade dos Mortos,
Que aos vivos sabe dar os perennnes confortos.
Chulaneh pretendeu conservar sua falla,
Mas quatro lados tem a Torre que as egunla;
E Elassar querin impor o juramento,
Por isso o seu pendão é que fluctua ao vento.

Assim povos em lingua e culto separados,
Por duras migrações, continuo, desvairados,
Podernm comprehender da lign o pensamento.
É da união Babel symbolo e monumento!



Os povos canibaes já não descem do norte,
Sobre Dinguir e Ur trazendo a ruína e morte,
Na Torre de Degráos achou a humanidade
A expressão ideal da solidariedade.

IV

A Ira de Deus

1.

Quem sabe descobrir nos Mythos a verdade?
Linguagem ideal da antiga humanidade
Quando ella ás emoções vibrava inconsciente!
O véo sacerdotal cobre o que era patente
Na cândida nudez da concepção primeira,
Tornando essa expressão frívola ou embusteira.
Quando outr'ora na Média em vastos, férteis planos,
Se encontram com Chaldeus prófugos Turanianos,
E ao mando de Nembrot, essas raças dispersas
Dos Chamitas, se vão ligar aos duros Persas;
Esses povos rivaes, em outros deuses crentes,
Com aversão de raça, e linguas differentes,
Fundaram entre si, para a mutua defeza,
Irmandade, inmanente em sua natureza!
A confederação de uma n outra Cidade!
A Torre de Babel representa—a unidade



Que o homem presentiu em sua consciencia,
Que o dogma obscureceu, e que illumina a Sciencia.
Mas uma sombra immensa envolveu o passado;
Do homem Religiões tinham-se apoderado,
Como um polypo interno, em ramos absorventes,
Fizeram da união a confusão das gentes,
Do abraço de irmãos feroz rivalidade!

Quem sabe descobrir nos Mythos a verdade?

Babel se transformou nas mãos do sacerdoicio,
Symbolo de aversão, em monumento obnoxio,
De quem se não entende e o rancor separa;
A Cidade é que uniu os povos; foi a ára
Que as raças outra vez eom maldição desmembra.
Dos dogmas de terror quem é que se não lembra?
Da terra as convulsões, os tremendos diluvios,
Os pestilenciães, deleterios effluvios,
A lucta desigual com os gigantes brutos,
Um mal, que estes maior, do homem os redutos
Entra como de assalto e a validez lhe tira!
O susto deu-lhe um nome: era de Deus a Ira.
Entre si os irmãos tornaram-se inimigos,
Trucidam-se ante o altar, e profundam jazigos
Como quem tem horror da alegre claridade;
É o nome de Deus a voz da mortandade;



A razão a hallucina em vertigem sangrenta,
Cada raça procura alçar-se mais erenta;
São em nome de Deus as canibais cruzadas,
Da via ascencional perderam-se as pégadas,
Do longiquo provir as veredas se somem,
A Ira de Deus torna o homem lobo do homem!

2.

No vasto Septashindu os Aryns lamulentos
Haviam assentado os seus acampamentos;
A abundancia e a paz, o numero lhes dobra!
Conhecem dos metaes lavor secreto, a obra
Com que podem vencer da fera a ereldade,
Reduzil-a ao trabalho, à domesticidade!
Embora o ocio lento o Aryn altivo enerve,
O pobre Cadraveyn escravizado o serve,
O Vrâtya rasga a terra, e em cada verde combro
O rebanho que pasce augmenta com assombro.
Como uma só familia alastra-se a planura
Com alegres casaes, onde reina a doçura.
Conserva-se no lar o Fogo scintillante,
Qual benção perennal, que liga fecundante,
Que liga em lorno a si o pae, a mãe, os filhos,
As vacas, e os bois e os candidos novillos.
A tribu por costume anligo estabelece,
Que uma unica mulher cada homem tivesse;
Que fossem das irmãs os filhos protectores,
Pois que nos rebanhos dão os assiduos labores.



Sempre ao enlir da noite, em serena vigilia,
Repetem-se em commun, na intima familia
Cantos tradicionaes, hymnos que Agni acceita;
Soam grandes coraes nos tempos da colheita,
O Arya annualmente a união celebra.
Eis que um din esta paz para sempre se quebra!
Mas qual seria pois, o movel, o motivo
Que esse povo de irmãos o desune aversivo?

A tribu contemplava o deslumbrante Fogo;
Cada um canta o hymno o mais vetusto, o rogo
Que possui mais poder sobre esse Deus benigno.
«É Agni, dizem uns, encarnação, o signo
«De Devs sobre a terra, a oração o alenta!
«Elle é o Mediador que as preces apresenta.»
E no santo entusiasmo Agni deus se proclama.
Outros no seu fervor cantaram:

«Essa chamma
«Que brilha no altar, e ante os olhos fulgura,
«É a fonte da vida, o espirito, Ahura!
«A essencia de Deus esparsa em toda a parte!»

Os cantores então luctaram com mais arte;
Entusiasmo febril nas fronte se divisa,
Hymno após hymno ali cada um improvisa,



A multidão escuta os hymnos melodiosos
Attenta, embòvecida em extaticos gosos;
No certame sem par nenhum partido toma.
Eis que se distribue aos que cantam, o Soma!
Inebriante licor, licor do sacrificio.
Cresce a hallucinaçào, o furor tem inicio,
A turba com pavor essa bebida prova,
E impellida se nchou para a doutrina nova.
Cantam com plirencsim, lançando ameaças sévas
Os que vêem no Fogo o luminoso Devas,
O que fulge nos céos e desce a nós da alturn;
Na angusta adoraçào do espirito, de Ahura,
Começa o desvario de um contra o outro bando.
O ataque rompeu; aqui, ali baqueando
Vão aos golpes que vibra n extrnha dissidencin
Da substancia do Fogo e da divina essencin.
A noite, a prostraçào sūsta a carnificina,
Mas prolonga-se mais essa ira divina.
O matutino alvor no horisonte assoma,
Phantastico vapor do inebriante Soma
Repentino se esvae de escandecidas mentes;
Viram-se então no campo estendidos os crentes,
Cadaveres sem conta estão pela planura;

Ficaram de vencida os que adoram Ahurn!
Fôra grande o desastre; as familias que restam
Os chefes convocando, á fuga já se aprestam;



Emigram para Iran, as montanhas transpondo,
E para mais distancia os seus dogmas oppondo;
No povo, que já tem d'Asia quasi o dominio
Entra a separação, rancor e morticinio;
Não o deixa avançar sacerdotal mentira,
Perpetua-se assim de Deus tremenda Ira.

3.

Aos que sabem o curso e conta das estrellas,
Os Kuschitas tambem disseram:

—«Vós, por ellas

«Nos sabereis guiar á Terra promettida,
«Onde é brando o calor e deliciosa a vida;
«De que o filho de Kêmi outr'ora nos fallara.»
Os Sacerdotes sós, reuniram-se ante uma ára
Discutindo entre si pedido que os aterra:
«Como guiar o povo á promettida Terra?
«Se o não fazemos já discordia entre elle lavra,
«Perdemos o poder que temos na palavra;
«No desespero seu para nós não trabalia,
«E a morte em snas mãos quem é que ousado atalha?»

Então se lembrou um d'aquelles sacerdotes,
Um que tinha da argueia os invenciveis dotes:
«Embrenhemos o povo inquieto no deserto,
«Para as bandas d'Aram, onde creia estar perto



«D'essa almejada terra, a terra promettida.
«N'essa peregriação se esvairá a vida,
«Que a geração viadoura inconsciente esqueça
«A visão que hallucina, essa fatal promessa.»

Outro disse:

«O poder sustenta-so com arte;
«No culto divinal que o povo tome parte,
«E enquanto elle esperar as festas cada nnao
«Nós vamos-lhe abraadando o seu furor insano.
«O Sol do frio occaso o o Sol matutino
«Na sua successão, que syabolo divino
«Para o homem seatir a evolução da vida;
«A infancia jovial e a velhice descrida!
«O Sol da quadra hyberna, o Sol do quente estio,
«A aatureza inteira a marcha reflectiu;
«É o jovea heroe que morre e resuscita,
«Eteraa oscillação de uma força infinita;
«A aatureza chora a morte prematura,
«E com elle rovide em espleadida verdura,
«Fazeado succeder á tristeza e aos prantos
«Alegrias sem fim, e os perennaes cautos!
«O povo quer chorar e rir! Faça-se-lhe isto:
«Do jovea-Deus Zagreus, Athys, Mithra ou do Christo
«Com compunção se chore o triste passamento;
«Redobre-se a alegria em seu renascimento.
«As mulheres lrão pelos montes choraado
«A morte de Tammuz, em sacrillcio dando



«Ao deus, que os devora, os filhos de seu seio.
«O povo fleia inerte em sensual enleio,
«Aguardando o porvir do vago vaticinio.
«Assim mantemos sempre o perpetuo dominio!»

Conhece o Synhedrim do alvitre o acerto;
Uns á voz do seu deus se embrenham no deserto,
De Kêmi ao paiz outros vão á fronteira,
Levnm da escravidão a ferrea gargnlheira,
E o culto d'esse deus que morre e resuseita
Ao vencido lhe impõe como raça maldita.
Osiris e Typhon andam em lucta agora;
Moloch inenndescente os credulos devora;
É chorado Tammuz por pincares distantes,
E ficam para sempre essas tribus errantes
Perseguidns sem dôr entre as nnções da terra;
Jehovnh lhe insuflou na sua irn n guerra.

4.

Os Patesi da Assyria, aquelles que fallavam
D'esse terrivel Deus, Assur, com que nnimavam
O povo n repellir ns raças das montanhas,
Trocaram entre si estas vozes estranhas:
«Eis o nosso poder que já prestes se extingue,
«Se não houver d'Assur quem a grandeza vingue;
«Assur, o deus que guia o carro da batalhn,
«Vae desappareeer do olvido na mortalha,



«Porque o povo não teme hoje as raças do aorte!
 «À Tetrápole o fez com sua liga forte.
 «Entre elle reiaa a paz, cresco a nova doutrina
 «Que harmonisou em Deus a força feminaia;
 «A Arte apparatusa espallia a allegoria,
 «Vece a imaginação doida phalagogia,
 «Magnificente Bel vai absorvendo tudo!
 «Guarda o nosso poder hoje um unico escudo:
 «Entre os deuses da ira atêmos as tramas:
 «Aaa d'eneontro n Bel, o Ud contra Samas.»

Os que adoram Assur, bem comprehenderam todos
 Que a sua salvação se faz por esses modos:
 «Assur, o deus da guerra, a guerra o glorifica,
 «É a devastação oblata santa e rica;
 «As cidades do sul na uberrima campina,
 «Do longe estão chamaado as tribus á raplaa,
 «Que experiaentem' d'Assur a implacavel ira;
 «Lnacemos-lhe no altar riquezas de Diaguira.»

Outros clamaan tambem:

—«Já o poder não flada!

«Falla-nos escolher o forte Chefe ainda;
 «Proclamaremos Rei o que fôr mais valente,
 «O que á caraiifeina é mais Indifferente;
 «Aquelle que se achar com mais raacor na alma,
 «A esse n sagração, a corôa e a palma.



«Sobro n terra será d'Assur representnto,
«Da vida disporá do povo a seu talante!»

Cada chefe que aquelle estranho nlvitre escuta,
Precípite se lança á desvaírada lucta,
Inventando no ardor grandes atrocidades;
Vne-se n'uma incursão do sul contra as cidndes;
Sippára bnqueou, e a gente que inda vive
Já transplantada foi para a crua Ninive,
Caminham em tropel innumerados rebanhos;
E os leões de bronze, e ídolos tamanhos
Todos de ouro massiço, nos templos arrancados,
Por escravos sem fim aós hombros vão levados,
Vergando ao peso enorme exhaustos e de rojos!
Dynastias e reis vão n'aquelles despojos.
Ante a espada d'Assur não ha para onde emigre;
Tingo o sangue a corrente impetuosa do Tigre.

Vem depois da campanha o terrível banquete,
N'elle se aclama o Rei, segundo Assur promette;
Tapeta-se o arraial só de pelles humanas,
Eis as truncadas mãos em grinaldas ufanas,
E os corpos em montão no campo da batalha
Fecham o grande circo em espessa muralha.
Ao que melhor contou façanha canibal
Chefe se proclamou da dynastia real;



Os Patési lhe dão inteira obediência,
Com tanto que d'Assur mantenha a onnipotência;
E que em nome d'Assur o sangue vivo corra,
Para a glória do deus o muado inteiro morra.

As velhas religiões atrophiam o Oriente
Das raças na aversão; mais tarde no Occidente
Um'outra entre os irmãos virá metter a espada;
Por ella a consciencia ha de ser annullada
E na lucta da carne e espirito, comsigo
Ila de o homeni reagir como proprio inimigo.

V

Migração das Raças

1.

Os povos separou a voz da Divindade;
Vagando cada um pela amplidão deserta
Foi, na lucta da vida, a grande descoberta
Que os tornou a unir perante a Humanidade.

Dos Aryns desprendeu os mais fecundos ramos
Rivaes, como entre si o deus Ahura e Devns;
Vão rompendo através das brumas e das trevas,
Até reconquistar a luz de que gossmos.



Como se vê cair da arvore as sementes, .
E se alastram no val, dos montes nas arestas,
Que o vento arrasta ao longe, em espessas florestas
Assim vão occupando os vastos continentes;

Assim dos Aryas brota essa força espontanea
Que da extensão da terra a posse ousada toma!
Brilhante surge a Grecia, altiva se ergue Roma,
A Hespéria, a Bretanha, as Gallias e Germania.

Tal como a primavera espalha o enchame novo,
Que vac buscando o mel pela campina agreste,
Pelo curso do sol, avança leste a oeste,
Seguindo para a luz o progressivo povo.

Segue o curso do sol; e colleando os montes
Ao longo a desfillar pelos profundos vales,
Passa as ribas do mar, a contra incertos males
Acha em si mais valor, busca ideaes horisontes.

O Arya n'essa marcha em que entra no Occidente
Traz o culto do lar, traz a monogamia,
A tradição de d'onde emana alta poesia,
Do genesis da Sciencia encontrou a nascente.



2.

E como em cada ramo a floração se expande,
O povo que do berço oriental se esquece,
Comprehendendo o mundo, a si mesmo conhece,
Fructifica a invenção n'aquella raça grande:

O que é que a Grecia traz? O sentimento da Arte;
Consegue pelo Bello o accordo da vontade;
E á belleza ideal, que vence em toda a parle,
Liga a Sciencia, em que funda a unanimidade.

E Roma? Roma traz a noção da Justiça
Com que consegue unir as inimigas raças;
Da Lyra que era a Lei allua as cordas lassas,
E á civica virtude as palmas dá na liça.

E o que traz o Celta? Amor e esperança,
A suave illusão da immortalidade,
Que inspira para a vida e morte uma alliança
No conflicto vital—fraterna heroicidade.

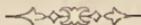
O que traz o Germano? Em sua violencia,
Traz consigo um audaz, fêro individualismo;
E contra a Auctoridade eis rue em cataclysmo,
D'elle os germens provêm da nova independencia.

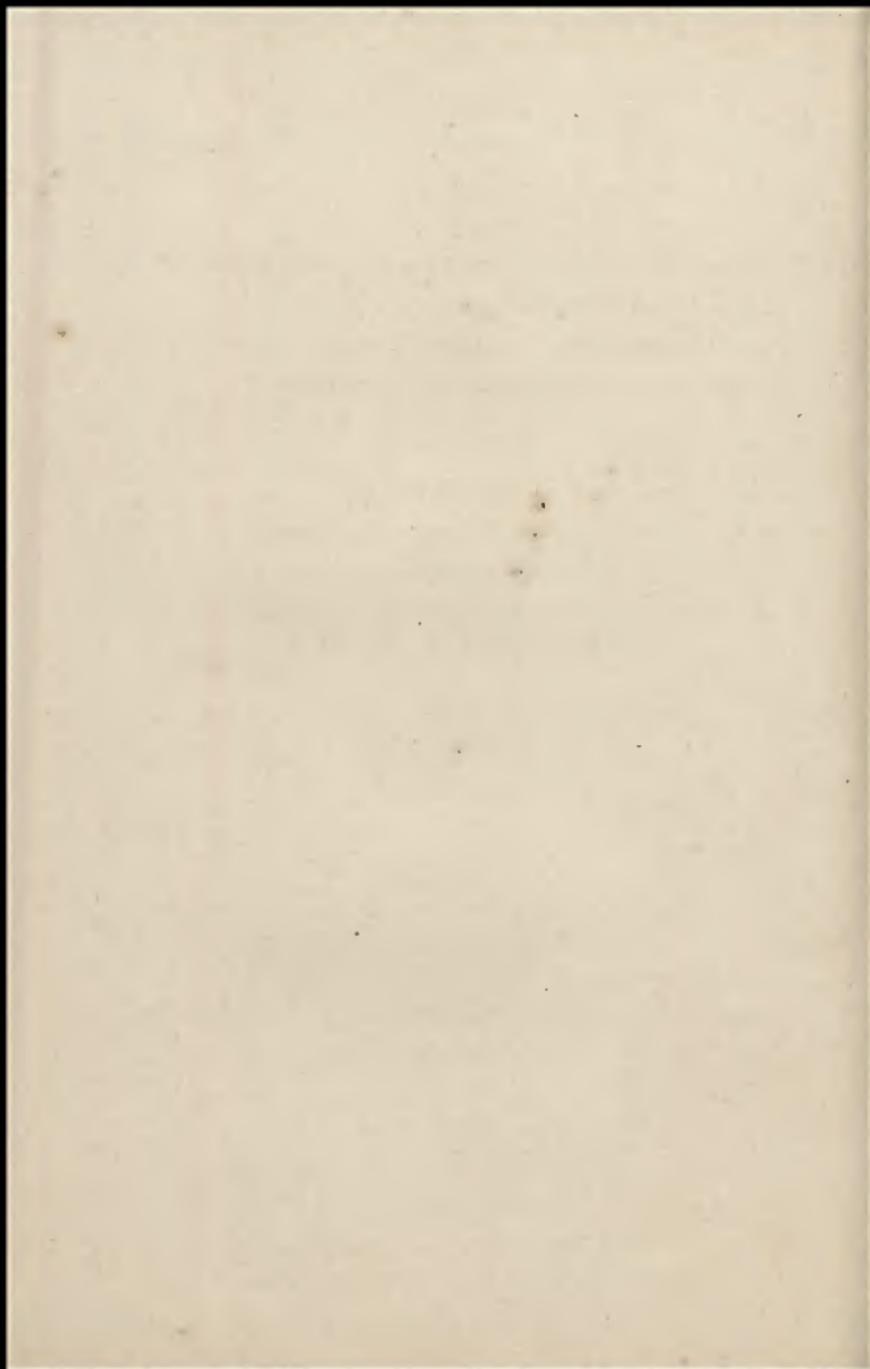


3.

Quem é que hade afinar da Lyra as quatro cordas?
D'estas elevações, da consciencia o poema,
Que povo hade fazer a synthese suprema?
D'esto oceano d'amor quem tocará as bordas?

Cada povo vibrou o grito de anciedade,
Esso grito de Ajax, dos Deuses contra a ira!
Na vastidão do tempo a Historia o repetira,
O ecco hoje se torna a voz da Humanidade.





PARTE II



CYCLO DA LUCTA





A HISTORIA

Como audaz Ixião leva de encontro
A fraga para o alto da montanha,
N'esta condenação interminavel
De um esforço tenaz que recomeça,
—Eis o Homem, na lucta do destino!
A marcha ascencional para o futuro
É o cimo onde busca destacar-se
Dos abysmos do bruto, d'onde emerge!
E o fraguedo que do alto róla o tomba,
É a empreza truncada pela morte,
Interrompendo os fortes luctadores.



3413

E sabe acaso o Homem porque lucta?
Elle avança, e no seu caminho encontra
Das Religiões a eterna esplünge
A propôr-lhe o enigma incognoscivel:
Do Porquê? e Para quê? E esgota
Na prematura apprehensão o esforço!
Quando elle as forças mal conhece ainda
Da natureza inteira, que conspiram
Implacaveis contra a ascendente marcha,
Vein a Finalidade e o Priacipio
Sempre insoluveis enublar-lhe a mente.
Elle avança outra vez; prendem-no Cultos
De contagiosa, seasual Orgia,
Miaistrando a bebida inebriante
Que os seatidos exhaure e halluciaa,
Lhe degrada a razão e a nutíla!
Elle avaaça mais firme! e aate os passos
Um fósso enorme ou boqueirão se lhe abre,
Oade uma a uma as gerações se afundam,
Na mudez da oppressão! A Auctoridade,
Flagrante e eterno abuso, se reveste
Da fôrma pessoal; faz-se a alliança
Que explora o mal—o Sacerdoeio e Imperio.
O Sacerdoeio, o domador das fêras,
Entrega aos reis o homem quasi Idiota,
E os reis levam-no em bando, anassa bruta,
Ás iavasões, bestínes carnífleiaas



Ora em nome de Deus, ora do Imperio.
Liga estupenda, que desvia o esforço
Do que reage no vital conflicto,
Liga que alarga o boqueirão nefando
Onde uma a uma as gerações, que avançam
Na penumbra dos tempos, se afundaram!

Como é que o Homem triumphará da liga?
Contra as Religiões lançou a dúvida,
E transformou-se a duvida em Sciencia.
Já contra a Auctoridade ergue a revolta;
Na associação fraterna a disciplina.
Oh! mas para que o Homem visse claro,
D'entre o nevoeiro das absurdas crenças,
O clarão do horisonte do futuro,
Foi-lhe preciso que do obscuro fôssco
Se erguesse, onde o lançara a Auctoridade,
Lá como Ixião que arrasta o seu destino
Levando a fraga ao cume da montanha.
D'essa montanha é perspectiva a Historia.

O que se vê na Historia? Ardente lucta;
Como acontece em plano de batalha:
Um a um esquadões vão atulhando
Os largos fôsscos que o reducto guardam;
E os últimos que vêm, por sobre o estrada



Dos corpos mortos plantam o estandarte
Além, do assalto na hora decisiva
Lucta o Homem assina contra o destino;
As raças se sucedem, vão enelhendo
Esse fôssco que os Dogmas escurecem,
Que o vago arbitrio do Poder alarga;
Alfim, apoz as victimas sem conto,
O Homem hoje esse horisonte aliança
De união frateraal e de egualdade,
Como as camadas sotopôstas maream
As edades, as convulsões da terra,
Atê chegar ao humus fecundaate
De uma verdura espleadida cuberto:
Assim se fôrma essa Babel humana
Proclauando a unidade inconselente,
Visão confusa na amplidão da Historia.

É tremenda a visão; no fôssco escuro
Nómada tribu e sedentaria cãm;
A cidade e a nação cãm lá dentro,
As raças progressivas lá se extinguem
N'esse conflicto do tenaz assalto
Para a vedada luz! A China para
No esgotamento da moral abstracta;
O Egypto, o antigo iastituidor da Grecia,
Á pressão theocratica succunbe.
Sumirianos e Accádicos preparam



O caminho aos Chaldeus, e por seu turno
N'essa voragem da fatal corrente
A forte Assyria para diante impellem,
Que no elaro genio hellenico fecunda.
Das gerações ao sorvedouro infindo
Avançam os Hebreus, fortalecidos
Pela synthese nova das doutrinas
Vindas do Egypto, Persia e Babilônia;
Os Phenícios lá vão de porto em porto,
Buseam riquezas do ignorado globo
Multiplicando a communhão humana,
Dando á palavra a flixidez eterna.

A lucta recomeça mais acerba;
Sobre os povos dispersos que se alastram
Pelo Occidente, os Finnicos e Ibéros,
Os Ligurios, os Siculos, Pelasgos,
E a sabin Etrurin,—munda o Oriente
Hordas irrequietas, que escaparam
Ao torpôr dos hallucinantes ritos.
Do fôssco immenso onde baquem, surgem
Vencedores Hellenos e Latinos,
Quasi hsteando no fatal reducto
O estandarte da razão humana.
Sempre o *Corsi e ricorsi!* Eis se esquecem
Do berço orientnl d'onde saíram,
E triste a Humanidnde se desmembra
N'essa lucta sem treguas de dois mundos.



Contra os Hellenos seus irmãos, os Persas
Já sem se conhecerem, vêm sedentos;
Cobrem a terra exercitos sem conta,
Lucta de morte se travou entre ambos.
Heroes de Marathona e Salamina
De vós pende o futuro do Occidente!
Pertenceu o triumpho á Humanidade,
Que á posse do provir prosegue ovante.
Ao triumpho succede átro perigo,
Maior, talvez, porque inda o soffro o Homem:
Do intrepido Alexandre á voz, Hellenos
Avassalam o Oriente, e da conquista
Trazem n mystagogica doença
Dos cultos sensuaes! o a miragem
Dos vagos devaneios que desvairam
O poder da razão de um povo arguto.
Scipião e Pompeio entram no Oriente,
Cae tambem sobre o Imperio essa vertigem
Do mystico torpôr que tudo afrouxa,
Que dissolve a mais intima energia,
Mais terrivel que ns invasões dos Hunos,
D'Arabes e Mogóes. O Occidente
Por vago instinco reage, absorlo, á toa,
Preoccupado com n posse de um sepulchro!
Sugere n exaltação o audaz Heremita
Em Godofredo; embriaguez divina,
Que arrojou as nações á immensa vala
No extático e letthal somnambulismo!

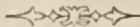


Foi a heresia que acordou o homem;
E como a abelha que fecunda as flores
Levando em si no incerto vôo o polen,
Diffundiram os Arabes a Sciencia
Nos thesouros da Grecia recolhida.
O Homem viu mais claro, viu distante;
Para além de um sepulchro viu um mundo,
Á posse d'elle, ousado, se arremessa
Por mares nunca d'antes navegados!
Era o berço oriental da Humanidade!
E quando o Tureo já sepulta a Europa
Sob um tropel de escravos que devastam,
Quando a razão humana estava em transe
Quasi a ofuscar-se no perpetuo eclipse,
E das nações as lucidas conquistas
Vão ruir ante a rapida avalanche,
—Como os bravos de Salamina, outr'ora,
Erguem-lhe na Asia um dique os Portuguezes!

Foi ao voltar ao berço em que nascera
Que o Homem comprehendeu a sua origem,
E como as Religiões o desmembraram
Perpetuando aversões de povo a povo!
Foi gigantesca a lucta; alfim se extinguo
O rancor do Oriente e do Occidente,
As raças são irmãs—faça-se a alliança
Na defeza commum, e a Humanidade
É do triumpho a nova consciencia.



E como no fragor da tempestade
Átras nuvens desfazem-se em torrentes,
E cortam o ár pesado mil falseas,
Até que vem á límpidez do espaço
A branda, a matinal serenidade:
Assim se acelara o páramo da Historia.
Depois da viva lueta interminavel,
E de seculo em seculo ineonsciente,
Póde o Homem vêr elaro o seu esforço!
Já não é o Ixião que arrasta o bloco
Ao alto da montanha, e do alto róla;
Na suprema energia ergue-o nos hombros,
Lova-o comsigo para toda a parte,
—É a duvida, a intuição do seu destino.
Por mysterios não mais seja illudido,
Nem por sophismas do Poder cruento;
Mas fazendo do mal seu bem, converte
A duvida em Seiencia! o instrumento
Com que universalisa a liberdade,
Reconhecendo-se obra de si mesmo.



A LINGUAGEM DOS MYTHOS

I .

Quando as pedras fallavam

Sobre um sólo que ardentes calmas fendem
Amolda o homem por sua mão o barro,
Nos ignorados deltas da Chaldêa;
Templos, palácios, torrcões esplendem,
A sepulchral pyramide campêa.

Beim como o Prometheu que anima a argila,
Amolda o homem por sua mão o barro
Sem precisar ao céo roubar-lhe o fogo;
Communicando-lhe a vital favila,
Fal-o exprimir a imprecação e o rogo!



E combinando o eunho que lhe imprime,
Amolda o homem por sua mão o barro
Á expressão do ingenuo soffrimento;
No tijolo retem canção sublime,
E a impressão primordial do firmamento.

Com o poder que ás pedras deu a falln,
Amolda o homem por sua mão o barro,
Tira tambem do anda o Deus que adora;
Sobre o nltar vértre o sangue e n razão ealn,
Perdeu assim a audacia eriadorn!

II

Primus in orbe Deus fecit timor

Vêde-a brlnear, a eriançn! espontnneo folguedo.
Deu-lhe para fingir a face nveludada
Com n saagrenta eór de uma baga esmagadn,
Que arrancara da moita e triturou com o dedo.

Se não lembrn o selvagem primitivo e ledo
Quando inventou a vã tatungem desvairada?
Viu-se a eriança então; nõ se conhece, e brada
Hirta de horror, sósinha, em convulsões de medo.



Que verdade em tudo isto! É lei do atavismo;
Assim a Humanidade um dia fôrma o Deus
Composto das paixões e sentimentos seus.

Vendo essa obra, aterrou-n o vngto symbolismo;
Quiz aplacar o nome, e do fervor no acesso
Ergue o altar onde imóla a razão e o progresso.

III

O pezadello dos tumulos

Como as letras do um Livro são as fôrmas,
Com que a materia eterna se desdobra;
E a consciencia mal presente as normas
Que segue a evolução na lenta obra.

Ah, nem só a palavra é linguagem,
Tudo quanto nos orbes vive e existe
Traduz um pensamento alegre ou triste
Do turbilhão sidéreo na miragem.

Quem sabe perceber, ler o sentido
Das côres e da luz? da immensidade?
Ou descobrir no vácuo e escuridade
O segredo das gerações perdido?



Bem vinda a Poesia! eil-a, a Sybilla
Que do porvir a aspiração exprime;
Ergue o passado, e como á fria argila
Infunde vida a sua voz sublime.

Ao penetrar da morte o dogma escuro
Revelado na fronte das esplynges,
Da cidade lethal transpõe o muro
Alevantando as funebres estringes.

Como bafagens de soidões remotas
Passam cantando uma ignorada quelxa,
A Poesin recompoz as notas
Que o Egypto immovel no Amenti fecha.

Assim se vivifica a estrophe immensa
Da dôr que fol, surprehendendo o grito
Contra o que ha de aterrador no mytho,
E de absoluto na final sentença.

Assim o vento do passado pulsa
Da harpa animada na dorida fibra,
Como divnga no ár a folha avulsa
Inerte Mumia esta linguagem vibra:

*



«Em náó que singra em mares não sabidos
Vae o gusano carcomendo as pranchas,
Abrindo um leito e logo a sepultura;
Assim á vida fomos impellidos;
Construindo Pyramides sempre anchas
Gastámos nosso sêr cavando a lura!

Alargando os subterreos pavimentos
Aonde iriam gerações inteiras
Esconder-se no somno interminavel,
Fizeram-nos sentir que estes momentos
Da vida eram chimeras vãs, fagueiras,
E que era só verdade o que era estavel.

Fizeram-nos pensar sempre na morte,
Ter volupia na immobillidade,
E fazer do sepulchro um sonho, um goso!

Á luz da frouxa alampada, eu, forte
Consummi-me como ella, na anciedade
De obter um leito de eternal repouso.

Esculpindo na pedra que não sente,
Immerso em trevas trabalhei constante,
Era o hypógeo baixel, eu o gusano:



O tempo corre rapido, e adiante
Se chego a conhecer que o dogma mente;
Quem dá reparação ao grande engano?

Nunca o sol enclugou os nossos prantos
Que nbrandavam a pedra onde ficava
O ignoto geroglyphico gravado.

Os Padres nos domavam com seus canos
Submettendo no trabalho n raça ignava,
Cada qunl aspirava a ser finado.

Quantos mil annos dispendeu o Egypto
N'esse lavor das sepulturas baixas,
Sem ninguem discutir da morte o mytho!

Queríamos que a esposa bella e nova
Fosse envolvida pelas mesmas faixas,
Merecendo ambos uma mesma cova.

Nós pagámos com sangue o frio asylo
Como casta servil, e obedecemos
A todos os caprichos dos tyrannos;

Esperando alcançar por graça aquillo
Que a natureza impõe, ledos morrêmos
Crentes n'esses animicos enganos!

*



Ah! que melhor que fôra o não ter alma,
E ser como a palmeira quando cresce
Que a luz procura e alastra-se no espaço!
Ser como a areia, que a revolve o vento,
Ser como a onda que se espraia insana,
Ser tudo, menos homem, cuja vida
Só o homem tem poder de enegrecel-a!
Ignorância, fadigas e terrores
Tiveram só por balsamo o sepulchro,
O sepulchro que abafa o audaz protesto.
Mirrada Mumia, eu, victima de um rito,
Ai, ha já tres mil annos que estou fôra
Da evolução activn da materia.
Antes fôra levado na torrente
Da barca sepulchral por sobre o Nilo,
Dormindo o somno dos que não tem medo,
Perdido pelos mares sem limites,
Até ser confundido no elemento
Rudimentar da vida do universo!

*

Ohi, que não ha mais nada além da morte!
Pois se houvesse, porque motivo a Mumia
Permanecœra estatica e inerte?
Alimentam-se as arvores sombrias,
Que no fellah extenuado dão alento;
Eu lhe daria sombra, aroma brando



E lhe embalava o somno do eançasso.
Seriã como a acacia que tem alma,
Pois sente o que se passa no deserto
E escuta as tradições de quantos soffrem;
Como da Phrygia a alegre amendoeira,
E o pinheiro da Syria, arvores santas,
Que dão consolações, alento, e acolhem
Os que chegam exhaustos,—tal eu fôra
Se me envolvesse o turbillião da vida!
Fiquei, resto d'um dogma, como a concha
D'època extincta, cuja vida ignota
Inda se recusa na expressão da Inercia.
Mas quanto mais não vive a gota d'agua,
Breve gota de orvalho derramada
Na folha da palmeira, pela calum
Do clima tropicall; eis cáe na relva
E se infiltra a buscar n solta veia
De algum regato da floresta antiga;
D'alti se eleva em vaporosa nevoa,
E o vento a leva para além dos montes
Envolta em alvo flóco. O sol brilhante
Oultra vez a transforma em crystalina;
Mas longe, longe a congelada brisa
Rouba-lhe a transparencia, dá-lhe a fórma
Do prisma ideal, de aspecto caprichoso;
Quasi fórn da natureza, espera
Seculos longos para vir um dia
Atirar-se ás correntes do oceano,



Misturar-se nas vagas esplendentes,
Recomeçar o curso interminavel
Como em uma transmigração continua.

Oh como a vida do homem se resume
N'uma gota de orvalho! Eu, Mumia triste,
Secca, mirrada, gelida e inerte,
Fiquei fóra do cyclo da existencia,
Muda como os mysterios de hierophantes,
Immovel mais que a flidez dos dogmas.»

Como suspira o vento em folha avulsa
Assim a Mumia esta linguagem vibra;
De extincta geração a queixa pulsa
Da harpa animada na dorida fibra.

IV

O deserto de Deus

Escolheu Jehovah um povo, e fel-o
D'entre as nações da terra o seu eleito;
Deu-lhe o dominio, a lei, a benção pura.
E ficou Israel no meio das gentes
Pela excepção divina solitario,
Com esse isolamento dos malditos.



Não quiz que o sangue impuro de outras raças
Girasse nos seus fillhos! odios fundos
Cortaram-lhe as fecundas alianças;
Não quiz que outras riquezas, por iniquas,
Se trocassem pelas que tem no seio,
E assim fleam estereis seus thesouros.

Lançou a maldição sobre as cidades,
Porque só elle possuiu prophetas
Para cantarem de Adonal o nome!
Mas as nações, crescendo como as ondas
De um grande mar, o imenso mar da vida,
Na enchente envolvem o escolhido Povo.

Como nuvens pesadas e escuras,
Carregaram-se de odios, nas fronteiras
Rugindo em cruas, lugubres ameaças;
Como rue a procella sobre o cedro
Que tem por pedestal o monte, e as aguas
O arrastam na indomita corrente;

Que de vezes derruba o Povo eleito;
Nos cativeiros Israel chorava
Longamente nos thronos dos prophetas;



Das tradições a arca é profanada;
Sob as terras malditas do estrangeiro
Têm sepultura os velhos patriarchas.

Mas dissera Jehovah, na voz sublime,
Que no Povo seu daria a liberdade,
E elle n aguarda iaerte sob algemas.
Revelou-se afinal na sarça ardente,
E em vez da escravidão do Egypto antigo
Deu-lhe a soltura e o tedio do deserto.

Foi livre no deserto quarenta annos
O Judeu crente! e no deserto esteril
Divagou sem descanço, errante, á miagua!
Enquanto o facho nêrio o conduzia,
E o suave maná lhe vinha do alto,
Fôra elle andando sem cuidar para oade.

Mns os povos dn terra amaldiçoados
Subjugam com trabalho a natureza,
Fundem aetal, sulcam a terra, os aares,
Levam a toda a parte os seus productos,
Dño vida ao pensamento pela escripta,
Apossam-se do muado, e frateraisam!



O deserto é sem fim, e Infundo o tedio;
Dá instinctos de fêra! O Povo eleito
Decêe assim na condição do bruto.
Quando alfin surge em terra promettida,
Só não pôde entrar lá o duro guia
Porque a esperança ante a rusão vacila.

Oh Povo eleito entre as malditas gentes,
Escolheu-te Jehovah, deus solitario,
Para tornar-te o eterno vagabundo.

V

A grande muralha

I

O sabio Hoang-ti, depois de um longo
Governo de justiça e de ventura,
Não quer que a morto lhe arrebate o sceptro
Sem firmar paz eterna em seu reinado.

Chama os ministros todos a conselho:

«O meu Celeste Imperio, com certeza,
Das regiões do mundo é o primeiro!
Quem proclamou moral igual á uossa?»



Aonde mais immemoriaes costumes?
A nossa paz, d'estas sementes fructo,
A nossa paz os Barbaros invejam.
Invejam de meus povos a ventura,
E com que pressa não virão render-se
Do meu cutello á paternal justiça?
É por isso que os Barbaros nos cercam,
Como as ondas a um buixel ovante;
Longe, ao longe vêm para nós crescendo,
Não nos podem vencer pela prudencia,
Serve-os a força bruta, e rudes contam
Triumphar por insólitos costumes!
É dever meu erguer um dique immenso
Contra a onda sedenta que se enrola,
Feehar olhos á luz fascinadora
Com que vêm desvairar nosso juízo;
Quero manter a tradição dos évos
Pura, illeza, como o thesouro augusto
Da ventura que os povos meus distingue.
Qual de vós põe remedio a mal tamanho?»

Os Ministros fallaram de supplicios,
Sonharam guerras, propozeram mortes,
Delinearam conquistas estrondosas!
Em nada achou recursos o Monarchia.
Por fim rompe o silencio; illuminado
Pelo clarão de generosa ideia,



Então Hoang-ti, o paternal e o sábio,
Exclama:

«Achei um plano inntacavel,
O céu m'ò inspirou, é o diadema
Que circumda de gloria o meu reinado.
Os seculos dirão:—Hoang-ti foi grande!
Que um amplissimo cinto de muralhas
Cerque o Celeste Imperlo. Contra ellas
Quebrem-se as ondas da invasão selvagem.
É este o meu decreto; o Imperio o cumpra!»

Sublime empreza, digna em todo o sempre
Do maior dos Monarchas que ha na terra!

Do vasto Imperio os povos são chamados
A pôrem mãos á obra; honram-se os livres
Carrendo os blócos da muralha espèssa;
Elevm-se os escravos dando o sangue
Para a argamassa que cimenta as pedras.
A muralha imponente altiva cresce;
Como se estende muito além da vista!
Os cyclopicos muros nada podem;
Do Egypto as pyramides reunidas
Que ficam sendo ao pé de tal muralha?
Venham Tartaros, Scythas, venham todas



As raças mais violentas que ha na terra,
Quebrar o impeto á real fronteira,
A paz do Imperio fica inabalavel.

II

Quando um dia a muralha se achou prompta,
O velho Imperador, mais sabio ainda,
Rodeado de subditos, attentos
Saíu a visitar a obra gigante!
Regorgita de jubilo o imperio!
Que festa universal. Triste o Monarcha
Baixava ao chão aquelle olhar profundo.
Os Ministros attonitos o cercam;
E Hoang-ti não falla. Pois quem ousa
Interrogal-o então? Li-sse, o asluto,
Seu primelro Ministro, talvez possa.
Li-sse fallou com singular disvello.
Providente o Monarcha lhe responde:

«Segura é a muralha, com verdade!
Não poderá transpôr-a horda estrangeira;
Porém eu sei que existe inda outra força
Mais poderosa do que as duras armas,
E do que os braços que brandil-as sabem:
Chama-se a essa força—o Pensamento.
Trauspõe os diques materiaes que encontra,
Revolta os povos, como o rijo vento

p. 206



Quando sacode a secular floresta,
Do Pensamento o impulso desvairado
Dispersa as creações, tradições, costumes,
Como o uragão ao sáfaro deserto;
Quem sabe d'onde vem? ante o seu vôo
Baqueam thronos, glorias se dissipam.
Contra elle o que pôde a grã Muralla?»

Niagueira previra aquelle mal taanahô!

O primelro Mialstro, então sorrindo,
Com o hiao que o trouxe a taata altura,
A sós fallou com o Monarcha excelso.

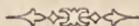
Estava salva a paz do vasto Imperio.

Promulgou-se a'aquele dia mesao
Um eaergico edito:—As Bibliothecas
Sem escolha serão pasto das chaamas;
Ai de quem sequestrar ao fogo um livro!

E o snbio Hoang-ti, npoz um longo
Reinndo de justça e de ventura,



Pôde morrer tranquillo; a paz do imperio
Fôra o sonho constante de sua gloria.
Mais alto que a Muralha impenetravel
Ergueu-se o fumo espesso do incendio,
Que envolve a China, e fecha-lhe o horizonte
À luz do pensamento que progride.



A FUGA D'ESCHYLO

I

Envolvido na purpura, sombrio
Sob o peso do fulgido diadema,
Estava o rei sentado no alto solio.
Rodeavam-no attentos os ministros;
Quando Hiéron, deixando sobre o peito
Pender o sceptro, diz:

—Pobre, e estrangeiro,
Deixa-o entrar! Ouçamos quem me busca.

II

Ao vêr o ancião de venerando aspecto,
Tácito entrar, os rostos se voltaram;
Que magestade augusta! a fronte nltiva
Mas de quem não supplica, e seus cabellos
Brancos como a rrmagem do arvoredo
Onde as geadas do inverno se accumulam,



Sorriso doloroso e indistincto
Fluctuando incerto nos seus labios tremulos;
A pallidez retiata n'essas faces,
E de antigas batalhas os vestigios,
Dos cortezãos sobre elle a vista chamam!
Cansado da jornada e da existencia,
Triste ás portas de Atheas sacudira
O pó da patria que lhe fôra ingrata!

III

O forasteiro de cabellos brancos,
Baixou depois os olhos rasos d'agua,
E um soluço quebra-lhe o silencio:

«Por sobre miu os annos tem deixado
«Correr pesado nivel; e que importa?
«Não poderam cansar-me! Sinto ainda
«Pulsar-me o peito pelo amor da gloria;
«Pela patria... oh, a patria que é madrastra,
«Por ella combati em Salamina
«Contra as hordas asiaticas; nos campos
«De Marathona; em tudo ouvia o nome
«Doce nome da patria a dar-me força,
«Gerando a inspiração ardente na alma!
«Sou eu mesmo que ouvi silvar as setas
«De Pláteas na batalha, e trago ainda
«N'esta enrugada fronte as cicatrizes!
«Dae asylo ao soldado peregrino,



«Que sem querer calir ao golpe ignobil
«De uma traição escura, busca hoje
«Logar entre as fileiras dos teus bravos
«Para morrer, morrer no ardor da lucta!»

IV

De um terror santo Hiéron npossado:
—Oh nobre velho! (diz) que fado adverso
Te segue desde o berço á sepultura?
Guerrero o bravo, como alnda mostram
As cicatrizes que o respeito infundem,
Como ha podido a patria desprezar-te?
Desacatar assim tua velllice?
Se os teus Penates se tornaram furias,
Oh vem, aceita o asylo d'outros lares;
A mudez do teu pranto me domina,
Soffro contigo, ancião! Dize o teu nome?

Como estremece o pescador incauto,
Toando o anzol o electrico gynnoto,
Assim de prompto os cortezãos se abalam,
Quando Eschylo profere ali seu nome.

V

Eschylo! o grando nome, ecco remoto,
Repercutiu n'aquelles poitos todos;
O principe dos tragicos de Athenas!



O rei estende os braços, a apertal-o;
E como ao pôr do sol o borborinho
Se escuta em derredor de uma colméa,
É assim o rumor dos que segredam!
A seu lado põe Hiéron o poeta,
Homenagem do genio á magestade,
E diz para os que o cercam:

—Vêde, e honrae-o!

Honrae, honrae dos tragicos o principe,
Que vibra as cordas do terror sublime,
Que ao côro das Eumênides assiste,
E como um deus, abala as consciências!
A fortuna o guiou á nossa côrte.
Se eu as leis da hospitalidade quebro,
Eschylo! oh não respondas! Que destino
Te fez abandonar a patria bella?
Essa lucida Athenas, lar e gloria?
Para vir á Sicilia, extranha terra
Tão pobre do esplendor de arte e sciencia?

Tal como ao fim da tarde vae enlindo
O sol para o occidente, e do alto monte
Os tenebrosos cumulos errantes,
Cobrem subito o aleantilado cimo,
Assim pesada nuvem de tristeza
Envolve a fronte do poeta! Longo



Foi o silencio, anciado, interrompido,
Como uma vibração remota de harpa:

«Se de saber os males do proscripto
«É tanto esse desejo; e ao perseguido
«Só lhe é consolação contar seus males,
«Esses males escuta: Sobre a Scena
«Eu alcancei as palmas do triumpho,
«E com ellas as palmas do martyrio.
«Na Scena ao povo lhe libei meu sangue,
«Revelei-lhe o ideal e a verdade;
«E como Prometheu acorrentado,
«Rasguei a venda que a razão offusca!
«Revelei dos mysterios o absurdo,
«Dos sacerdotes criminoso embuste,
«Da doutrina orgiastica o delirio
«Que dissolve de um povo as energias!
«Quiz a onda furiosa submergir-me;
«Refugio-me à sombra dos altares,
«Á morte o Areopágo me condemna!
«Salvaram-me ostas mesmas cicatrizes,
«De Prometheu o vulto então na mente
«Me appareceu um dia; dei-lhe fórma,
«Revesti-o da minha propria carne,
«Foram seu estertor minhas angustias!
«O povo escuta pávido, aterrado,
«As mulhieres abortam; as crianças
«Deslallecem exâmines! E o povo



«Era n'essa apollheose o meu abutre,
«Athenas, que eu amava, cujas portas
«Me abrira no regresso triumphante,
«Que me dera a corôa immarcessivel,
«Que me aclamára entre estrondosos eantos,
«Athenas, tudo esquece, e me prefere
«... Prefere-me um rival! Uma eriança...
«Eu a vi, ao voltar de Salamina,
«Da moeidnde atheniense á frente,
«Cantando a gloria do immortal triumpho.
«Tambem esqueço a terra...»

A falla côrta

Um vágado, um soluço; era a lembrança
De uma saudnde que não mais se extingue.

VI

Eschylo, então, vencer procuru a angustia,
E na revelação de um genio immenso,
Que sente em si a intuição da vida,
Com serena e segura voz prosegue:

«Um rival! um rival, isso que importa?
«É vasto o mundo, e dá logar a todos;
«Talento algum a nenhum outro eguala,
«Todas as vocações têm seu destino.
«Amo o rival que me prefere Athenas,
«É Sóphocles, é novo, uma criança!
«Lei eterna da vida é sempre a morte,



«Condição immanente do progresso; -
«Estulto é todo o odio contra os novos,
«Elles são de outra idade n flor e o fructo,
«Nós ficamos o humus fecundante!»

Hieron, assombrado da grandeza
Do portentoso espirito, prorompe:

—Que mais gloria ha no mundo para dar-te?
Tens tudo quanto a mente ambiciona!
As miragens de um horisoute novo,
Aos genios do futuro has revelado;
Tu do mundo moral tocaste as ribns!
Tambem nos transe duros do combate,
Em Marthona e Salamina entrando,
Quando, ns hordas ignaras vindas d'Asia
Pela avidez da Persin, repellias,
Tu salvaste os destinos do Occidente!
Salvou-se n Europa do atro cataclysmo,
E Athenas, fôco da cultura do homem!
Oh se a patria por fim te desconhece,
A humanidade te eternisa o nome,
Como um sol que os espiritos fecunda.



O SEPULCHRO DE VIRGILIO

I

Era chegado o Apostolo eloquente
Cansado, e firme n'uma fé robusta,
Da romagem longinqua do Oriente,
Por hordas sévas da região adusta:
Vinha trazer á Capital da gente
Que no orbe impéra, e com poder assusta
De armas e leis, poder equal não visto!
O Verbo novo que dictara o Christo.

Divisa o Apostolo uma fresca gruta,
Entrou, sentou-se em vago esquecimento;
Queria forças pna entrar na lucta,
Esse repouso de quem cóbra alento.
Santos carnes do velho Lacio escuta,
Agitando-lho o incerto pensamento!
É Bem que te exlasies e arrebatos
Com a lingua dos Juristas e dos Vates.



Sentou-se extenuado sobre ns bordas
Do tumulo sngrado de Virgilio!
Transpondo mares e sedentas hordas,
Mal entende o Apostolo esse idyllo
Que resôa nas Invisiveis cordns
Da alma grega no etrusco domicilio;
Elle quer descobrir essa magia
Pnra espalhar a fê viva, que o guia.

Virgilio! A natureza era serena!
Com mansidão o mar longe estuava,
Com mansidão de quem vê que sem pena
Do promontorio os vinculos quebrava!
Atito pesaroso de uma avenn
Graça de infancia à palzagem davn,
Era limpido o eéo! cariz de Italia,
Quem tiver mais poesia na alma exhale-a.

Havin o quer que é de mysterioso
Que perturbava o Apostolo fervente,
A revelar-lhe, com tristeza e goso,
Que vinha tarde às bandns do Occidente
Fallar do Verbo novo e doloroso
Da liberdade humana incipiente;
Mns será tarde, tarde por ventura
Para apontar a via ao que a procura?



Se Roma é surda em bacchianal cynismo,
Quando a ruina do Imperio toca a méta,
Se é impotente o rigido stoicismo
Para espalhar os dogmas que ora enceta;
Oh vem, Paulo, accudir ao paroxismo
De um povo exangue, que alegria affecta.
Sobre o tumulo augusto d'esse Vate
Medita nas palavras do resgate.

Repousou a cabeça turbulenta
Da campa de Virgilio sobre a lagem;
A mente, na anciedade, representa
Que chegou tarde, tarde da romagem;
E chorou, como aquelle que se ausenta
De um amigo, seguindo a eterna viagem.
E chorou! recollheu-se a natureza
Attenta n'aquella intima tristeza:

II

«Oh alma pura, ingenua, bem nascida
Para sentir o bello e a verdade!
Para ti minha vida foi perdida.

Ao conhecer-te, quem chorar não hade?
Vendo morrer no erro e culpa d'Eva
O melhor coração da antiguidade?



Tu foste como o guia quando leva
A luz adiante, e a todos alumia;
Só para si não vae rompendo a treva.

Presentindo essa ideal melancholia,
Que faz do novo dogma a essencia, brando,
Sunt lacrymae rerum! proferia.

A nova ordem foste annunciando
Na voz *Saturnia regna*, não ouvida
Do povo, que ia á saturnal em bando.

Comprehendeste n lei fatal da vida;
Tu só tiveste aquelle ramo de ouro
Que dá entrada na mansão dorida

De extinctas gerações. Tremendo agouro,
Onde ns paixões que as almas devoraram
Lá se levantam n'um infundo côro.

Soubeste amar, sentir: outros gosaram.
Tiveste n dôr de ideal melancholia,
Com tedio os outros já se aniquilaram.



Virgílio! ah, como Apostolo seria
O que dera á verdade essa linguagem
Profunda, humana e viva da poesia!

Se Paulo, aí tarde, da longiqua viagem
Podesse vir a tempo em tua procura,
Do Verbo novo dando-te a mensagem!

Ter eu vindo tão tarde! Desventura.
E ser já tardo, quo lethal tristeza,
Para salvar essa alma ingenua e pura!»

E chorou! Recolheu-se a Natureza.

III

Longo foi o silencio, como aquello
Que precede uma immensa tempestade,
Antes quo o vendaval duro atropelle
As ondas, quando os páramos invadel
Paulo chorava por essa alma imbelles,
Com magoa o suavissima saudade;
Às lagrimas, da compaixão alarde,
Respondeu-lhe uma voz:

«Não vieste tarde!



Não vieste tardel E vê se poderias
Ao maximo pontifíce do *Justo*
Leval-o a crêr na *Graça* do Messias?

Não pudera esquecer a todo o custo
Essa harmonia eterna das vontades,
Pelo dogma de um privilegio augusto.

Cuspido á praia pelas tempestades
Vieste, Paulo, a tempo, a dar a nova
D'esse mysterio ás immoraes cidades.

Enquanto da Justiça dera prova
Roma, foi grande, soberaan e forte.
Quem haverá que a outra Ideia a mova?

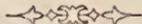
Mas essa luz que foi sempre o seu norte,
Offusca-a hoje a purpura devassa;
Do gangrenoso Imperio soffre a morte.

Atepondo á Justiça a casunl Graça,
Ao direito o favor... Paulo, entra em Roma,
Se fallas em rasão o vulgo passa;



Elle não te percebe. Ah, Paulo, doma
O ignavo povo com o doeo engano,
Um absurdo em que creia, e um deus que eoma.

Da bemaventurança pinta o arcano;
Mas a doutrina só será fecunda,
Passada a embriaguez em que so funda,
Quando o teu Christo so tornar Romano.»



O GLADIADOR

I

No ergástulo

Justina, a imperatriz, quer ser mais bella,
Para vencer a fria indifferença
De Mareo Aurelio, absorto, que se ealeva
Na abstracção da moral philosophia.
Inventa mil eacaatos! E, cercáda
Das libertas hellenicás que a adoraam,
Das sedueções da hetáira ouve o segredo,
E o gesto, o olhar, a morbidez ensaia.

Das libertas é Flavia a mais astuta:

—Que importa que os philosophos e poetas,
Os artistas, os grandes oradores,
Busquem da hetáira a sedueção que iaspira?
Ha um poder mais forte,—é o ciume!
É do ciume que a paixão reanisce.



Revelação de luz para Justina!
Mudou-se-lhe a tristeza em alegria,
Do olhar se lhe irradiava a esperança;
Sente-se cheia de uma vida nova,
É o triumpho seu! A Flavia falla;
Em segredo e malicia ambas conspiram...

Baixo, a liberta n Imperatriz iacita:
—Como elle é forte e corpulento o Cimbro!
Prisioneiro das guerras da Germania,
Junto ao carro triumphal dava mais gloria,
Que typo varonil, audaz, robusto,
De altivez soberana mesmo em ferros!
Nunca mais, nunca mais pude esquecer-o.

A Imperatriz a medo, e incerta:

«Eu quero,

Eu quero vêr o Cimbro da Germania;
Eu amei sempre a força e a coragem,
Posso dizer que nunca vi um homem.

A Imperatriz e a sagaz liberta
Vão ambas ao ergástulo, veladas;
A emoção e o medo as hallucinam.



Jaz o Cimbro deitado sob algemas,
Na patria scisma, e na floresta antiga,
No lar abandonado, e na vingança
Herdada de seus paes!

Flavia o desperta:

«Uma dama romana aqui vem vêr-te.
— Melhor fôra o algoz! responde o Cimbro,
Olhando indifferente; o véo espesso
Cobre o rosto a Justina, e o prisloneiro
Attento fita esse ideal contorno,
Como n panthera, quando uma ave adeja.
Sedueção invencivel do mysterio!
Não ergue o Cimbro os olhos d'esse vulto;
Inebria-o o nromn dos cabellos,
O doce arfar do colo, a tez macia,
D'aquellas mãos a alvura deslumbrante.

Na extranha commoção volve à liberta:

— Dize-lhe, dize que o seu véo levante!
Oh quanto ha de ser bella essa Walkirie,
A Virgem forte de enenitados sonhos?
«Se a dama o véo levanta, Cimbro, morres!
— Ergue-lhe o véo, e sê bem vinda oh morte,



O prisioneiro estende a mão, hesita,
Convulso abraça a mysteriosa dama,
O véo afasta, a Imperatriz conhece.
Attonito um instante flea o Címbro;
Justina sae precipite, aterrada
Foge á attracção do feminil capricho.

II

No circo

Passaram dias. Marco Aurelio escutn
A aventura do ergástulo, sorrindo;
Renasceu o fervor, Justina venee!
Quer em contradicção pôr as doutrinas
Do sabio Imperador!

—Hade ser bello

Vêr em lucta na arena o ousado Cimbro,
N'uma festa do Circo apparatus!

Cumpriu-lhe o Imperador esse desejo;
A multidão irrompe nnciosa, negre,
As familias patricias, senadores,
Proconsules, vem tudo, vêm sedentos
Aos combates do Circo! Marco Aurelio
O justo, o bom, entrou na Pulvinare,
E o manto branco já no ár agita.



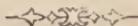
Entrou um gladiador, robusto, nltivo
Saúda n Imperatriz! Justina exulta
Ao vél-o intrepido arrojár-se á lucta;
Um momento depois cahia em terra
Na arena, exausto borbotando em sangue.
Solevantando o corpo, o duro Cimbro,
Entre os brados da plebe desvairada,
Ergueu nos paroxismos esta ameaça,
Vaticínio fatnl que o tempo aguarda:

«Raças do Norte, vinde! ah, vinde, enquanto
Na vida dissoluta das cidades
Não sois contaminadas! Tendes inda
A validez austera da virtude;
Amor, e nunca a força, vos subjuga.
Raças do Norte! que guardaes o culto
Da mulher pura, e que alliaes á andacia
Contra a morte a doçura da família,
A vós só para a guerra vos alenta
Dos avós o barritum, cantilena
Que o sangue aglta e o valor infunde!
Avançaè, como a onda, ao Occidente,
A funda podridão vnrrei da terra,
Lançaè sobre a Cidade um vulcão d'ira!
E que a face do mundo o sangue a lave.
Trazei-lhe crença, pois de tudo riem;
E áquelles que saúdam quem os mata
Ensinne a sentir o que é revolla.



Raças do Norte! Ah, vñde, como a noite
Que envolve em trevas a hedioadez dos crimes.
Como o laceadio os cadaveres devora,
Antecipae n maldição do tempo...»

A voz ficou suspeasa; ultimo jorro
Vem de saague em golfadas pela bocca;
Cae o corpo com todo o iaerte pezo.
A plebe halluciaada anda cateade
Das estranhas palavras; mas abafa
O ruido de estrondosas gargalhadas.
É baldado o estímulo á alegrin;
O combate das féras nada iacita.
Vem os leões da Lybia contra os ursos
Da Rhetin e Apeniaos! Mudez triste.
É que o povo sentira bem de longe
Formar-se o torvellinho que desaba,
Volveado tudo em trevas e ruinas.
Fiadam do povo as gargalhadas fraacas,
Resta a nvidez do saague, e a siaistra
Tristeza fuada que o submette á Igreja.



A VINHA DO SENHOR

I

— Vós, os que andaes lutando
A prescrutar as leis da Natureza,
Que estudaes como e quando
Os orbes seguem sua redondeza;
Que buscaes da materia os movimentos,
Das fórmas animaes o typo ignoto,
Os costumes do povo o mais remoto,
E como o homem géra os pensamentos!

Vós, os que á luz vivendo
Do Ágora, luchaes com eloquencia
As paixões revolvendo,
Abrandando-as dos hymnos á cadencia;
Que destacaes da pedra a estatua bella,
E no paleo imitaes a dór profunda,
Nos vossos templos magestade abunda,
E as vossas obras a grandeza sélla!



Mas... uma cousa existe
Que de Hipparco a seus calculos escapa;
É vêo que os olhos tapa
A Aristoteles, quanto mais insiste.
Não a sabe cantar Anacreonte,
Nem Phidias sobre o marmore a imita,
É uma força que nossa alma agita,
É o azul de incognito horisonte...

Essa cousa sublime
Em vão o pensamento a abrange, e a lingua
De dizel-a se exime,
Incerta e muda, de expressão á mingua.
É como um mar a cuja borda estamos,
Mas que não tem baixel que além nos level
O Incognoscivel, Deus! miragem breve!
Quereis fixal-a? Nós vos ensinamos.

«Fallaes do Deus ignoto? Por ventura
De Platão daes a ultima palavra?
De Pythagoras a doutrina escura?
Da solidão e paz o ensino se abra.
Como é que chegaremos
Á ignota margem d'esse mar immenso?
Pois como nós veremos
A luz de além d'este horisonte denso?



—Oh, bem pouco é preciso: Abandonndo
As palestras dos snblos!
Recebei essas leis que vão notando,
Como o riso dos labios!
Erguei olhos da terra á immensidade,
Aqui é tudo corrupção e dôres!
Deixae a multidão e os mil rumores,
Trocae n solidão pela cidade.

Vinde ás bordas da fonte do baptismo,
O espirito se eleva
D'aí, por sobre o insondado nbysmo,
Á inrregem que nos ceva
Com dulcíssimos fructos saborosos!
É lá, é lá n Vinha do Senhor!
Dá-nos a eterna vida o seu calor,
Dá-nos n sua luz inflndos gosos.

Contemplação! É esse o fructo dôce,
E aquelle que o toca,
Sentir-se-ha, por mnis triste que fosse,
Com alegria louca!
Um regosljo, um extasis que prostra,
Vital quebrantamento, uma dolencia,
Produz o fructo! e o pòmo da Sciencia
Esse é amargo e duvidas nos mostra!»



E os que andavam luctaado
A preserutar as leis da Natureza,
A promessa escutnado,
Foram sentar-se á iaebriante meza!
A Grecia da Arte, o Ióeo da Sciencia,
Da Vinha do Senhor prova a bebida;
Do Logos profundando a transeadencia,
Cae na Contemplaço, pára-lhe a vida.

II

— E vós, oh fillhos d'esse Lacio antigo,
Que leuaes armas pela lateira terra,
Viade ouvir a doutrina que se encerra
No saato Verbo nmigo.
As vossas Aguias, ao traaspôr o oceano,
A gloria levam aos coflms do muado;
Quaato não é mais bello o Pelicano?
Rasgn o seio jocundo!

Proclmaes a Justiça pela espada,
Trazeado hordas selvageas para a luz;
Mas a conquista só será guardada
Pelos braços da Cruz!
Não a Cruz dos Ilagicios, que na praça
Se ergue hedioada, mas sim esse madeiro
Aoade, para revelnr a Graça,
Dêu n vida o Cordeiro.



Qual pôde mais, a Graça ou a Justiça?
Qual subjuga com mais intensidade?
Uma a mente hallucina e enfeitiça,
 Outra prende a vontade!
Dos Codigos deixae a letra morta,
Entrae na Vinha do Senhor!—a Graça
É pampano que a todos nos enlaça,
É o licôr que n mente deixa absorta.

Quem uma vez provou aquelle fructo
Não mais será tocado pelas dôres,
Nem das riquezas o desejo bruto
 Sentirá mais ardores.
Glorias do mundo, e deslumbrante fama,
E quanto em nós a vida nos provoca,
Tudo emfim que se aspira, e quanto se ama,
Pelo prazer da Graça quem não troca?»

E esse austero espirito de Roma
Que no mundo dera bases de Justiça,
Levado pela ingenita cobiça
 Do dominio que o doma,
Entrou na Vinha do Senhor, sereno!
Provou da Graça o vinho que inebria;
O Imperio cae na funda lethargia,
Sem conhecer o subltio veneno.



III

Ah, como a Vinha do Senhor é immensa!
Céo e terra com seus pampauos cobre;
Arde o amor ali em sarça densa,
Todos são lá eguaes, o rico e o pobre.
Corre um licór balsamico, que abranda
As dôres mais cruciantes,
—Escravos! que mais pôde quem vos manda?
Contra o mal sorvei tragos inebriantes.

Vinde aprender a retemperar a nima,
Na Vinha do Senhor; a suavidade
Do licór é mais pura que o da palma,
Dá-nos o sonho alegre da Egnaldade!
Quem o provar—sente-se irmão dos grandes,
Do rei, do rico e forte!
Escravo! escuta, embora misero andes,
Contra ti já não tem poder a morte.»

Dos ergástulos surgem os Escravos
Sequiosos de provar aquelle Vinho
Mais exquisito que os melilluos favos,
Qual flor que desabrocha d'entre o espinho.
Foram crédulos, mudos e attentos
Ouvir esse mysterio!
Irromperam de então os grandes ventos
Que fazem prompto desabar o Imperio.



IV

Os fracos e os tristes tambem querem
Busear na Viaha do Senhor asylo;
Às cidades a solidão preferem,
E o silencio tranquillo.
Hallucinadas na febril ardencia
Feelham-se as mulheres na elusura,
É um prazer seasunl que se procura
Agora a Penitencia.

Do jovea Deus que morre e ressuseita
A orgia sagrada se propaga,
Coataglo do Oriente, a Europa agita,
A todos embriaga!
O raundo foi então um grande choro,
Esteve a terra em sombra triste immersa,
Supprime-se à Rasão o excelso fóro,
Abala-se a perversn!

Arde em todos a santa labareda
Que o pungimento solitario atiga!
O homem perde a lucida vereda
Da Sciencia e Justiça.
Como acordar da embriaguez do Vinho?
Quem ha que a antiga orientação renove!
Revolta-se a Rasão, ncha o camialho
Ao grito — *E pur si muore!*



ALMA MYSTICA

Sou a pomba ferida,
Levada na ribeira;
A seta despedida
Por uma mão certa,
Fez-me tombar do puro azul do céu,
Por onde ia seguindo o amado meu.

A vida, n'um suspiro,
Se exluia; mas que dor
Me faz sentir um mais agudo tiro...
A distancia do amor!

Oh boninas da beira da torrente,
Reiva do ameno prado,
Murmurios d'estas aguas:



Quando ñ sesta, nn hora mais rdente,
Vier o meu amado,
Contae-lhe minhas magoas.

Alva plumagem tenho
Toda tinta de sangue;
Morta de nmores venho,
Dolorida e exangue!
O doce Amndo soube os meus desejos,
Vem transpondo os espaços...
Cansado, pedo beijos,
Co'as azitas nbertas pede abraços.

A vida, n'este anceio
Se exala; mns que dôr
Me faz sentir unida áquelle seio
O não morrer de nmor!



DILEXIT MULTUM

Fraeta quasi navicella,
Submersa ab atra procella,
Super fluctus fertur puella.

Humeri lividi pendent,
Ocelli extincti splendent,
Uti signum vitae dent.

Forma eburnea nitet munda,
Ridet adhuc os jucunda,
Dum per oras planget unda.

Diluculum autumnalis
Lunae, qual refulget vallis,
Obumbrat aspectum mallis.



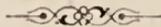
Lente, quantum, et infesta
Transivit hora funesta
Qua, se vitam abstulit moesta

Amor crudi, reddidisti
Absque spe dolores tristi;
Mors solvet a malo isti.

Cum videt, dixit Levita:
—Nunquam anima precita
Erit in gloria benedicta.

Quis fidem collit, exoret;
Quis amorem passus, ploret,
Jam apud angelos floret.

Corpus, non lano sepultum,
Tenet palmam cor inultum,
Heul quoniam dilexit multum.



II

Chama o Rei o Misaistro á puridade,
Manda lêr-lhe dns cédulas a lista
Dos que venderem Patria e Liberdade,
Dos que em traição mudaram a conquista.

Entre os grandes e bispos, magistrados,
Capitães e poetas, quanto ha nobre,
Um nome só, entre esses deshonrados,
O nome do Camões não se descobre.

De repente Philippe altivo ordena:
«Vão procurar Camões! Venha o Poeta!
«Dar-lhe-hei victoria contra a sua pena,
«E a mim torne a victoria mais completa.

«O que a Sadí não deu o rei da Persia,
«Por mim, tarde, a Camões prestado seja!
«Vença o Cantor a doentia inercia,
«Que em mim bem sinto de Alexandre a inveja.

«Os que agora me acclamam com espanto,
«Comprenderão um dia o assassinio!
«Mas de Camões a gloria de um só canto
«Fará eterno, eterno o meu dominio.



«Vão procurar Camões! a pósse inteira
«De Portugal n'esse animo reside;
«Se a Historia não encobre a ignobil feira,
«Que eu sejn o heroe de um novo Poema! Ide.»

III

Chegam horas depois os mensagelros,
Voltam desalentados; novn triste!
Foram tarde, máo grado irem ligeiros:
Era morto Camões! Ah, não resiste
Sua alma ao vêr soldados estrangeiros
Na Patria, e o povo que nos festlms assiste!...
Elle então cheio de afflicção e de ira:
—*Patria! juntos morremos!*— Succumbira.

IV

Phillippe esenta; ah, sente-se Inimigo,
Do novo Estado julga n posse Iniqua;
Vaticina o rumor vago perigo,
E exclama attento na visão longiqua:

«O que governa os Povos, bem percebe
«Que as pompas festivaes, os juramentos
«Da nobreza, e acclamações da plebe,
«São do poder bem fracos fundamentos!



«Dos esquadrões que vale a força dura?
«Do sacerdote a benção que me exalta?
«Ali, não ter corrompido essa alma pura...
«Portugal não é meu! Camões me falta.

«Morto é Camões; mas guarda-se a verdade
«No Poema d'essa austera consciencia,
«Onde a Patria respira a liberdade,
«Onde resurge a morta independencia.

«Já não posso abafar, tornar mentida
«Essa voz que resôa como ameaça,
«Grito de imprecação que acorda à vida,
«Alevantando a decahida raça.

«Minaz, dentro do magico Poema
«Ila do incendio futuro uma lavilla;
«Traz a explosão com que rebenta a algema,
«Meu poder n'um só dia se aniquilla.

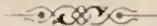
«Hoje n meus pés, alegre, sob o jugo,
«Sem conhecer sequer tanto desdouro,
«Portugal vende-se! aclamu o seu verdugo,
«Mas eu presinto um seculo vindouro...



«Nascida em ferros, e como elles dura,
«Se a gloria do passado alguém recorda,
«Como Lazaro em funda sepultura,
«Uma outra geração-febril acorda!

«Canhões! Canhões, heroe, cantor e bravo,
«Envilecidos animos levanta;
«Porque encerra o Poema onde os seus canta
«A força que faz livre um povo escravo.»

Cumpriu-se a voz da tradição. O Vate
Deu novo alento aos peitos lusitanos;
Não foi preciso um seculo!—o resgate
Fez-se n'um dia, ao fim de sessenta annos.



O RISO DE CERVANTES

Quanto vae de Sancho a Pedro.
Anekim popular.

À luz froixa da palida vigilla,
Solitario, pensando sob o pezo
Do esteril desalento,
Na nudez indigente da familia,
No tumulto de esperanças vacillantes,
O olhar no fogo da inspiração acceso,
Arreatado no aêrio pensaamento,
Trabalhava Cervantes!

Que busca em sua mente? que grandeza
Lhe desvenda a arrojada phantasia?
Que allivio sonha para a atroz pobreza?
Já vea alvorecendo a luz do dia;
E á luz mortíça e breve,
Com mais fervor, que nunca teve d'antes,
Livido o rosto, fito o olhar, escreve
No seu livro Cervantes!



Ai já cansada de esperal-o, e triste,
Ergue-se a esposa; vem de manso, espreita
 Pelas fendas da porta;
De repente, elle, que ás visões assiste
Do mundo ideal das creações gigantes,
Com quo risadas o silencio córta
Da noitol para o lado a penna deita,
 A' rir, a rir Cervantes!

Riu-se a bom rir, convulsa gargalhada!
Longo scherzco de ignotas harmonias!
Vira tudo isto a esposa desolada;
Mas d'essas eoneentradas ironias
 Percebera bem poueo;
E para si, em anelas cruelantes,
Diz: «Coitado, coitado! elle está louco,
 Loueo o pobre Cervantes.»

Como quem vence um natural impulso,
Nas mãos esconde a fronte, e a dor semelha;
Abafa o poctu a custo o rir convulso,
E diante de um Senhor crueifleado,
Proferindo palavras offegantes,
 Contricto se ajoelha,
O rosto todo em lagrimas banhado,
 Pesaroso Cervantes:



«Perdoae-me á razão este desmancho,
Relampago infernal de atroz contraste,
Que a mente ativa invade!

Ao vêr como o casmurro e gordo Sancho
Repleto de anexins sempre abundantes,
Ri de Quixote, então Tu me lembraste
Na missão de salvar a humanidade...

Mas perdoa a Cervantes.

«Porque trouxeste por ideal ao mundo
Salvar o homem do átro cativoiro,
Dando a vida por nós sobre o madeiro;
E esse Pedro, mais pratico e profundo,

Larga-te aos syeoplantes!

Toma á doutrina a parte utilitaria,
Vindo fundar em Roma a Barataria...

Mas... perdôa n Cervantes!»

Irromperam-lhe ns lagrimas ferventes

Dos olhos; os soluços

Abafaram-lhe o grilo do bom senso.

Aos pés do Christo prostra-se de bruços.

Eis com passos trementes,

Como se fosse á hora dos amantes,

Entra a esposa, e abraça-o: «Penso, eu penso

«Que tens o fogo da razão, Cervantes.»



A CONFISSÃO DE CALDERON

Ajoelhado aos pés de um velho Jesuíta,
Calderon sentiu n'alma a gelidez da morte
Ouvindo ao confessor esta subtil pergunta:

— Pois não te accusa, irmão, a consciencia nunca
De andares profanando os dogmas sacrosantos
Perante a multidão, e em comedia nas praças?

«Padro! lho respondeu fervoroso o poeta:
«O rito é transitorio, a vida é neção perenne;
«Eu busco a fonte viva e eterna da verdade.

«Vêde, as Religiões falsêa-as a heresia;
«Os dogmas entre si se vão contradictando;
«Mas a Arte sómente é immutavel, bella!



«O que ha de verdadeiro e bom no Christianismo,
«É bello;—e a expressão do universal sentido
«Só pôde achar na Arte a suprema linguagem.

«O dogma só por si conduz á intolerancia,
«Ao desespero e horror; a emoção do Bello
«Essa infunde a concordia, a paz e alegria.

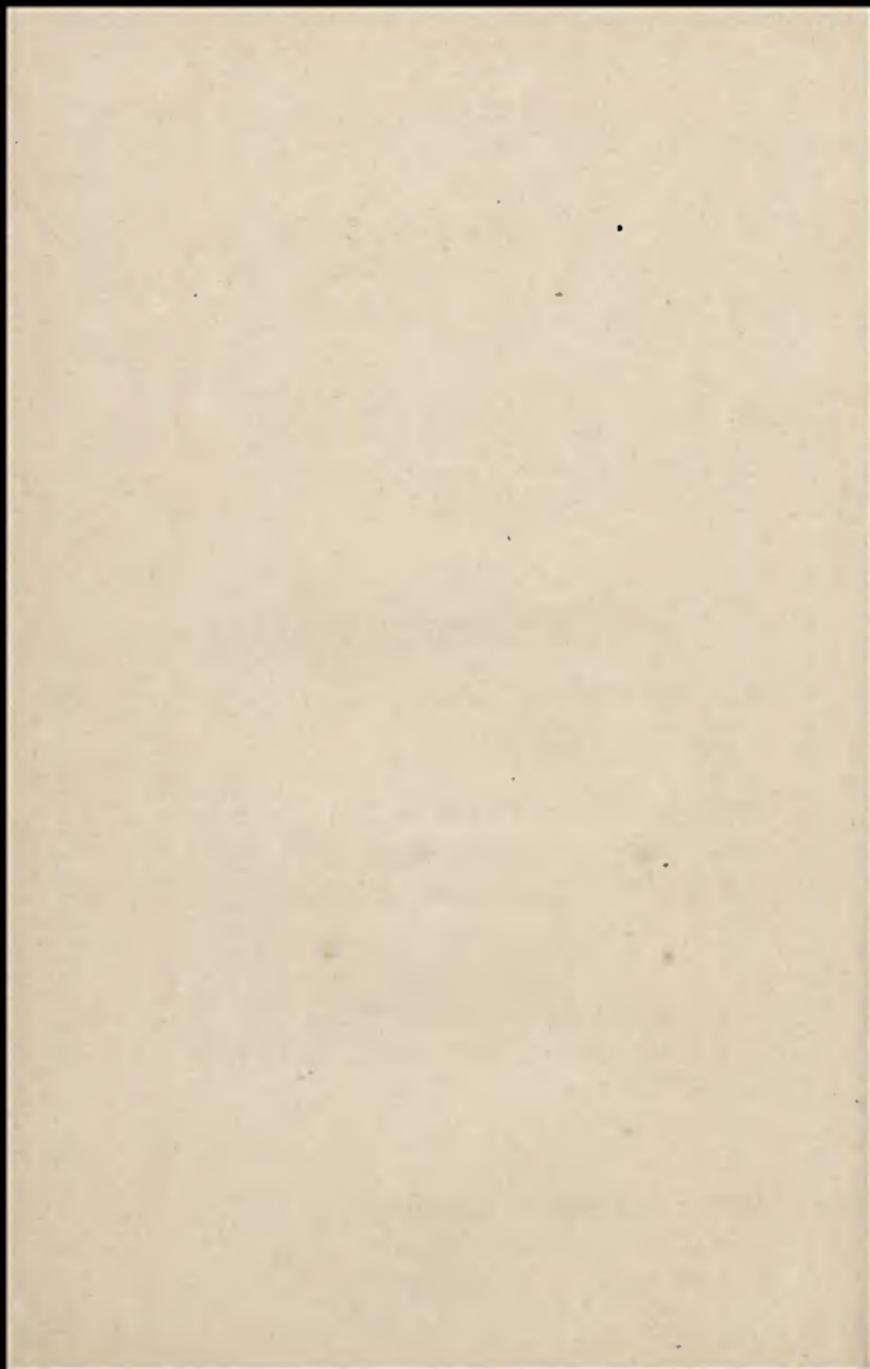
«Se o Christianismo foi que trouxe em sua essencia
«O sentimento novo e ideal da Humanidade,
«O Bello é encarnação da verdade; eis a Arte.»

A estranha confissão do Poeta inspirado
Não pôde comprehendel-a o velho Jesuita;
Como entender a vida o que se crê cadaver?

Ao tocar a arca santa da Arte o Jesuita,
Que tinha morta em si de ha muito a humanidade,
Secaram-se-lhe as mãos! atroz castigo d'Oza.

Flagrante accusação do embuste e da mentira
Com que simula a fé o falso sacerdote;
Finge-se a crença! o Bello, uh, não! Bemdita a Arte.





cm

1

2

3

4

5

unesp

7

8

9

10

11

PARTE III



CYCLO DA LIBERDADE





cm

1

2

3

4

5

unesp

7

8

9

10

11

A PHILOSOPHIA

Por calmas e por sêdes devorado
Na desvairada caravana, exhaústo,
Aquelle que atravessa por desertos,
Se ao longe avista de encantado oásis
A miragem fugaz, consoladora,
E o vulto aério de palmeiras verdes
A balouçar-se em suspirada brisa,
Suplantando a fadiga pela esperança,
Cóbra alento um instante e febril marcha.
Mas, ai! no fim de tediosas horas,
Quando a amplidão infunde o esgotamento,
Furta-se á vista o oásis desejado.



Como o vapor que a imagem reflectira,
Essa breve illusão se evaa, e o triste
Caa no areal que, exaaime, o sepulta.

Assim camiaha n incerta Humanidade;
Na grande caravana da existencia,
Sem saber para onde, vae levada
Na correate vital, por entre dores,
Misérias, decepções, luctas e morte;
Tenta em vaa descobrir d'onde partira,
Tenta fitar um horisoate infindo,
Teata em balde alcançaa o seu destino;
É entaa que na mente hallucinada
Polulam as miragens enganosas
Dns visões subjectivas, com que n exploram,
Nuvem pulveruleata, com que a cegam,
E a sepultam na fundn obscuridade!

Esta é a miragem do Eden d'onde vimos,
Esta a visão da Terra promettida,
Do Deus pessoal e de uma vida eterna,
Das recompensas do sonhado Emypreo,
Dos beijos das Walkiries, e dos gosos
Do Walháln sensuai ou do Svarga.
Religiãol conjuncto das miragens
Das indistinctas emoções do homem,
Que lhe incitaram seus primeiros passos,



Ao renovar-nos a ficticia esperança
Calas a decepção por meio do embuste.
Nunca, nunca dos seculos na serie
Se achou confirmação para taes sonhos;
Os alentos que infundes só serviram
Para quebrar as fortes energias,
Pela embriaguez extática e passiva
De uma contemplação esteril, vaga,
Em que a mente se absorve e se consomme
Como a lampada que arde n'um sepulchro.

O deserto é sem fim; e na romagem
Prosegue a Humanidade, ansiosa, incerta
Como o eterno Ashavéro, para diante,
Collendo as agonias das edades!
A miragem dos dogmas é mentira,
E aquelles que mais erêram, succumbiram
Deixando-nos a duvida, por onde
Nós transitámos de criança a homem!
A reflexão servira-nos de pólo;
E em vez de irmos por mares e desertos
Fiados na miragem seductora
Da columna de fogo ante o propheta,
Desprezámos a causa, prescrutando
A lei, a lei, que a natureza rege.
Cede á Rasão a crença, ao real o sonho,
E as illusões mentaes ao objectivo!



E como o que transpõe o mar impenso
Por entre as cerrações e as borrascas,
Por vendavaes, entre medonhas syrtes,
Segue observando n bússula, seguro;
É assim a Rasão, norte immutvel,
Viva estrella polar, que ao homem traça
Nõ turbilhão do Cosmos o esteiro
Por onde nttinge a comprehensão das cousas.

Como o que está n'um dedalo, perdido,
Acha o flo conductor' e se liberta,
Tal a Rnsão, ao homem desvendando
Relações complexissimas das cousas,
Liberta-o dos enigmas insoluveis
Do Porquê? e Para quê? a esplinge
Que devorou das gerações o esforço,
Lançando-as na hieraticen apathia.
A Rasão comprehendendo o universo
Deduziu da Infinita variednde
A unidnde de uma Lei bem simples:
A persistencia eterna da Materin.
Eliminou-se a criação divina,
E a boçal conflagração dos orbes.
Como a Materia, é eterno o Movimento,
Egual, seja na orbita dos astros,
Nas vibrações imperceptiveis do átomo,
Na transmissão da cellula inconsciente,
Na irradiação esplendida da ideia!

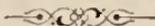


É o universo o vasto taboleiro
Do complicado jogo a que assistimos,
Ai do que ignora a lei d'esse andamento.
Temos como parceiro o Ineogniscivel,
Sempre implacavel ao mais leve engano;
Observação, conhecimento, é o lemma
Por onde a certa via se descobre.
São por isso os oráculos já mudos;
O reducto da liberdade do homem
Ergue-o um novo poder, o da Sciencia!
Reproduzindo as leis que o Cosmos regem,
Verificando-as, torna este ente debil
A synthese consciente do universo.

Depois que a vasta abobada se fecha,
Tira o architecto os simplicees, as traves,
Materiaes provisorios, que serviram
Na construcção enorme nlevantada;
Pois bem: agora, Sacerdocios, Dogmas,
Privilegios de Castas, Dynastias,
Ficções da auctoridade hereditaria,
Mantidas pela inereia do costume,
Pelo prestigio absurdo do passado,
Vós sois os velhos simplicees que restam
Da aggregação da sociedade antiga.
É tempo de varreremos o edificio
Atracendo de tanta cousa inutil;



Tal como está, é a sociedade a tunica
Do Nessus, que o individuo ndstringe e mata
Quem pelo instineto proprio se revolta,
Ou pela reflexão nudaz se eleva
A esta dissidencia austera e digna,
O sentido possui do Verbo nugusto:
Philosophia!—o accordo das consciencins,
Que lá desde Aristoteles a Bâcon,
De Descartes a Kant, a Hume, a Comte
Traçou um novo sulco á Humanidade.



O BANQUETE DOS LIVRES

CANTO PRIMEIRO

I

Quando o sol desce abaixo do horizonte
Deixa ainda uma vaga claridade
Crepuscular, esparsa pelo espaço,
Que allumia e suscita o pensamento:
Assim depois tambem que á campa baixam
Aquelles que irradiaram sempre ideias,
Deixam fulgindo no horizonte humano
Como um clarão que as gerações envolve
E da existencia ao limiar as guia.
D'onde é que vieram pois tão altos sêres?
Do povo, como vem da pedra o lume.

II

O povo, a grande força, equiparado
Fôra ao bruto! e como tal tallharam-no
Cimento vivo de áras e de thronos.



Elle, o erendor de ingentes epopêas,
Jazeu seculos tacito e idiota;
Elle, que as Pyramides erguern,
Cathedraes rendilhadas e os castellos,
Revolve-se nas fêtidas poeilgas;
Elle, que phantasiou na mente os mythos,
Foi com isso illudido pelos padres;
Elle, que fecundou da Liberdade
A flor, regando-a o sangue, nas feridas
Tingiu aos reis a purpura soberana.
E como o domador propinaa às feras
O opio que ndormenta a sanha e a força,
E ns faz curvar ante uuaia froixa vára,
Tal se curva ante o ensanguentado sceptro
O povo, n quem os dogmas adormentam,
Na pobreza de espirito, embebido,
Miseravel, no sonho de outra vida!
Ai de quem despertar esse dormente;
Se abre os olhos—esvae-se o pezadello.

III

Reis e Padres! satanien nilinnça;
Dois Poderes, eguaes no mutuo accordo.
Dizia a Igreja: «A Terra não se move!»
E nrremessando Galileo no cárcere,
Contrapuaa à Rasão a letra morta;
Á voz do genio oppõe o texto mudo,
Cuidando assim que o pensamento prende
N'uma téa de nranha, o dogma estulto.



Eis a Terra moveado-se no espaço,
E a materia oscillaado ao equilibrio
Que ora a condensa ou desaggrega, em fórmas
Traasitorias da sempiteraidade;
Affirmam da Rasão a soberania
No irrefutavel facto: *E pur si muove!*

Dizia a Realeza: «A Sociedade
Subsiste só pelo que tem de estavel,
E o Estado sou eu! é só da força
Base das leis que se deriva a ordem!
Seja o direito, eatão, miaha vontade,
Seja a justiça uma emoção do arbitrio.»
E arrojava às Bastilhas negras quantos
Longe aaaunciavam a elevação do homem,
Ou que abjurando o culto do passado
Previam mais fulgor n'outro horisonte.
E apesar dos exercitos fremeates,
Dos caalhões e dos pactos saanguiaarios
Das trueuleatas dynastias, muda
Veiu a Realeza á barra da justiça;
Rufu da iaiquidade a cidadella
Por terra ao *Çá ira!* o grande grito,
O *E pur si muove* dos destinos do homem.

IV

Que poder aovo ao homem arma o braço?
Que poder lhe insurgiu a eoasciencia?



Quando a opulenta Babilônia, outr'ora,
De Cyro pelo exercito cereada,
Se abandonavn às festas desvairadas
Dos deuses sensuaes, na louca pompa
Balthazar viu na sala do banquete
Na parede fronteira, mão extranha
Escrevendo n sentença da ruína
De um mundo torpe: *Mane, Thecel, Pháres!*

Nova crise alrnessa a Humanidade;
Não é n força, é a rasão que a incita.
Como um polypo immenso, que renasce,
E a energia organica devora,
Tal fol nn sociedade o Despotismo;
Separa os povos credulos, levndo-os
De embate uns contra os outros, empenhados
Em odios viões de raça; e os arrebanha
Fechando-os n'um redil de indignidade!
A guerra e o fanatismo eram as bases
Da ordem social!

Crêra-se impune;
Julgava-se seguro, innbalavel!
E quando o Cesarismo destumbrava
Pela devassidão e pompa os povos,
E eram os Reis da divindade eleitos
Dizendo receber do alto o mando,
Todo esse mundo de torpeza e crimes



Era prestes a desabar em terra,
N'um diluvio de sangue submergido.

Aqui, na Babylonia do Occidente
Não se bebia em calyces dos templos,
Nem por craneos dos martyres calados;
Commingava-se a união pelas ideias,
Era em Paris o centro do convívio.
No fraternal banquete ergueu-se a taça
Das angustias fataes da Humanidade,
Livres saudando a aurora do futuro;
Gravou-se a voz nas consciencias rectas
Sob a divisa de—*Écrasons l'infame!*

v

É nos salões d'Holbach, na franqueza
Do parque de Grand-val, onde o banquete,
Pretexto para encontro dos amigos,
Frugal se presta às expansões sinceras;
Sem os terrores da rasão de Estado,
Da intolerancia acerrima dos Dogmas,
Ali, como os philosphos de Athenas
Nos jardins de Academus, imitando
O festim de Platão, tinham por thema
O Amor, o immenso amor da Humanidade.
Conversavam na alegre effusão d'alma,
Como os que vão do subito levados
A regiões incognitas, suspensos!



Ao pé de Diderot está Galinni,
Mais além D'Alembert, aqui Helvetius
Attento a tudo, e como que inundado
D'nquella intensa luz; Raynal estava
Mais perto de Buffon; Rousseau absorto
Enleva-se na aza da utopia;
Um sublime Cenáculo, estupendo,
Onde as linguas de fogo, que infundiram
Validade e convicção ás consciencias,
Sciutillam na expressão dos pensamentos.

Faltava ali Voltaire! Onde a essa hora
O semideus da intrépida ironia?

Não deram pela falta os mais convivas;
Faltava Diderot, o nudaz obreiro
Que transforma os espiritos! Sorria:

«Vede! custou dez annos a tomada
Da Troya antiga; não bastou a força,
Foi necessario o ardil. A Razão sempre
Como unico poder! Planeta Ulysses
O cavallo, onde occulta os mais nudazes,



Dentro dos muros invenciveis d'Illion
O introduz. Tambem na fortaleza
Do Cesarismo o absurda Theocracia,
Contra os quaes já tres seculos correram
De lucta ineffleaz, introduzimos
O novo estratagêma—a Encyclopedia!
Lá dentro estão da Revolução os germens,
Fermentam as ideias; mas um dia
Hão de fructiflear na mento do homem,
No corolario de actos decisivos.
Quantos seculos ha que a Grecia ensina
Onde resido a verdadeira força:

O sonho do Oriente

Já farto de prazeres, esgotado,
Aborrecido e triste, o rei Dario
Lança um Edito:

—«Alguem ha que descubra

«Deseonhecido goso? um prazer novo,
«Que o potente monareha não provasse?
«O premio a esse, o meu favor o o mando.»

*

Juntam-se os Magos, Sátrapas, Videntes,
Os Sabios todos com fervor, a vêrem
Se descobrem ao Rei prazer ignoto.



Que mais procura um Rei senão o goso
Das sensações egoistas? Viver suíno.
Darío esvae-se no profundo tédio,
Nada o distrae, conhece-se insensível.

* *

Vem por fim um captivo atheniense;
Conduzem-no á presença do monarcha,
Elle sabe que existe um prazer novo;
Vem fazer a revelação extranha...
O que será?

Eis que o captivo falla :

«Ha um prazer, Senhor, que não se exhaure,
E se torna mais vivido e intenso,
E nos eleva acima do homem! Temoi-o
No intimo encanto de um dever cumprido;
No goso da dedicação por outrem;
No sacrificio austero pela Patria;
E na emoção de um acto de Justiça
Que ha de flear na voz da Humanidade.
Quem se encontrnr por uma ideia grande
Possuido, agitado, e entrega a vida
Á realisação d'esse destino...
Ainda mais: E quem no ardente estudo
D'altas contemplações reconcentrado
Descortinou ns leis da naturezn,
E consciente a ellas se submete;
O que achia ns normas da ideal Belleza
Reflectida nos sons, na còr, na imagem,



Onde a Vontade e a Rasão se aceordam,
Esse conhece o indefinido enlévo
D'uma cousa—o Prazer moral...»

Calado

Dario eseuta e não comprehende nada.

* * *

Não comprehendera nada do que ouvira
O prepotente; o egoista estava fóra,
Pela absoluta e irracional vontade,
Das condições normaes da natureza.
Só lhe restava as emoções selvagens
Do sangue e da vingança.

A voz do escravo

Fel-o pensar, veiu agitar-lhe a mente
No torpor sensual obscurecida:
Um pequeno paiz, fóco do Bello,
Que irradia as scientíficas verdades,
A força bruta ao seu Imperio quebra;
Pela força moral se tornou livre.
Como a fronteira vivn do Occidente,
Salva os destinos da cultura humana,
Iniciando essa força inquebrantavel
Do poder espiritual da consciencia.

Dario succumbe em desalento e tedio,
E como elle o Oriente jaz inerte.
A França é hoje a herdeira d'essa força!

Então Galiani expôdo a descoberta
De uma lingua sagrada do Oriente
O esquecido Zend,— estabelecee
Entre as altas conquistas de Alexandre
E o poder da Seiencia um paralelo,
Comprovação da luminosa ideia:

«Parte Alexandre; o exercito avassala
Os imperios do Oriente. A Grecia em lucta
Contra a Persia, salvára da barbárie
O mundo occidental a quem um dia
Velu a eaber a hegemonia humana.
Triumphante, Alexandre, quer em tudo
Audaz manter o seu dominio; e prompto
Ao chegar a Persépolis, altivo
De Murghab á pyramide subindo,
Dá eom a sepultura do monareha
Que o vasto Imperio persa eimentára!

*

Na pedra tumular vira Alexandre
Um breve lemma, em letras mysteriosas;
Quer saber as palavras e o sentido.
Chamam-se presto os Magos, vêm os sabios
Ninguem já reconhece os caractêres,
Nem entendem a lingua sacrosanta!
Fez o tempo um mysterio impenetravel.



E o que impoz pelas armas mais dominio,
Alexandre, sentiu falliar-lhe a audacia
Contra esse lemmal É quo um poder lhe falta...
E os seculos correram; e mais forte
Do que as armas e indomitas phalanges,
A intelligencia humana cria a Sciencia,
Que a luz projecta ás sombras do passado,
Alevantando as gerações extinctas
Como um termo da progressão que busca.
E o vetusto epitaphio assim dizia:
—*Eu sou o Rel da Ackménida, o alto Cyro?—*

Foram essas palavras como a chave
Que as portas abre do ignorado mundo;
O passado resurge a um novo *flat*,
Os codigos, as Leis e a Poesia.
Que buscava Alexandre nas conquistas?
Foge ao desvairamento, e cede á morte;
Mas a Sciencia, revelando ao homem
Sua origem o o nexo do passado,
Fecunda as tradições d'aonde emana
Da liberdade a affirmação cousciente.

Este novo Poder nos emancipa.»



VI

Os que ouviram, estão maravillhados;
Conhecem que o perstigio vem do ignoto:

«Estabeleça-se a continuidade,
Allie-so o passado hoje ao presente,
Ante essa relação cae o mysterio.
Se disseram os Reis: *Dicite e imperas!*
Transformemos em bem a extranha força:
Pela analyso a crença esvae-se em fumo.
Á genese dos Deuses remontemos,
E como o pacto social se funda,
Quo o prestigio das forças inconscientes
Se esvue como ante a viração o nimbo.»

Assim fallara D'Alembert; Incerto
Perguntava Rousseau:

—Mas, como, como

Nos garante a rasão a liberdade,
Quando assistimos todos á agonia
Bem profunda de Trenck, ou do Latude?

Respondia-lhe Helvetius:

—Epicteto,



Sob a pressão do ergástulo, mantinha
Intemerata e livre a conscieneia.
Quem ha que ouse algemar o pensamento?

E no vasto salão estava a copia
Da cabeça ideal do Prisioneiro
Que Miguel Angelo animara; sonha
Livre entre ferros. Todos a fitaram;
D'Holbach expõe do marmor' a linguagem:

«Uma palavra diz toda a desgraça:
—Tem por si a rasão, eis o seu crime!—
O despota o conhece; buseu traça
Para occultar a victima que opprime.

Ferros! vossos anneis encadeados
Venham soldal-o para sempre ao muro;
Abóbadas! calae-lhe ardentes brados,
Trevas! sumi-o no estertor do escuro.

Mas tudo é pouco! O prisioneiro pensa
No rancor do tyranno, e adormece;
A natureza é mãe: na dôr immensa
Accolhe o que nas aneias desfalleee.



Então, em somno longo e descuidoso,
Aos sitios mais queridos d'outras éras
A mente vóa e aviva com repouso
Passadas illusões, doces chimcras.

Quem cuidará que o inerme prisioneiro,
Esquecido do pezo das algemas,
Ouve os colloquios do nmor prineiro?
Do adeus final as expressões extremas?

Ali lhe transparece sobre os labios,
O arpejo ignoto de suave riso,
Screno, como a profundez dos sabios,
Triste, como o luar quando indeciso.

Pensa que é livre! o somno é liberdade
Para esse a quem nenhum consolo reste;
Qual será mais feliz? n auctoridade
Nunca logrou um somno como este.

Vêla o tyranno, tendo úlerta os guardas,
Entre canhões, muralhas, torres, fossos,
Lá quando o somno chega em horas tardas,
Ouve ais, vê sangue, estrepitos, destroços:



Eseuta os gritos surdos da revolta
Do povo que a si mesmo faz justiça;
É negro o pesadello, o horror o escolta,
Quer despertar, remorso o enfeitiça.

Este, dormindo, já se sente escravo,
Arrastado por praças, com vergonha;
Mas quem faz mudo sob o iniquo agravo
Que é livre, livre ai prisioneiro, sonha.

Qual será mais feliz? um, quando dorme,
É só para sentir terror, fraqueza;
E áquelle, que succumbe ao peso enorme,
Diz-lhe ser livre, a santa natureza.

Bem haja a eterna força que lhe inspiras,
Que não conhece algemas—a vontade!
Prepotentes! quebrae ante ella as iras,
Embalem-nos os sonhos da verdade.»



Rousseau ouvira attento, e compreendendo
As augustas palavras d'aquelle hymno,
Viu a luz nova a grande, a eterna lucta
Da Humanidade em prol do seu destino:

«Na lucta de Um de encontro aos outros todos
Quem vencerá?—O numero! Eis a força
Que traz á historia o Proletariado,
Que audaz o seu logar ao sol exige!
Elle vem como a onda, a onda viva...

—Chame-te Sudra quem servil te nota,
Deixem-te as Castas com horror sagrado;
Calquem-te, Pária, Fella, bronco Illota,
Façam-te Escravo em Roma, ai, é baldado,
És sempre o mesmo Homem ultrajado.

A natureza deu-te a força e vida
Que não succumbe á violação proterva!
Como a prancha que arrasta onda batida,
Assim poder extranho te conserva,
Como revive a amaldiçoada erva;



Erva, eujas raizes derrocaram
De ergástulos e templos velhos muros,
Que nas rúinas seu vigor mostraram,
Cobrindo de verdura os seixos duros,
Só com ter de ár e luz uns haustos puros.

Os que te viram sob o aspecto novo,
A ti, o ignobil da vetusta idade,
Como lisonja te chamaram Povo;
E envoldos na pávida anciedade,
Deixaram-te prôvar a egualdade.

Como foi que subiste a tanta altura?
Nãõ és aquelle mesmo intonso o hírsuto,
Sem vontade ou direito; por ventura
Bebendo o choro mudo, nunca enxuto?
Vivendo equiparado sempre ao bruto?

Nãõ és aquelle a quem o sol aqueenta
Pela graça dos reis, pois que um relance
Das Bastilhas te arroja á morte lenta?
Da erassa eseravidãõ deixaste o aleance?
Da gleba adstrieta sacudiste o transe?



Como ousaste peasar por ti um día,
Rodeado de boazos como nadáras?
Chamaste a Providencia; a Theologia,
A escarnecer-te com beutas caras,
Respoadia queimando-te aas áras.

E foi possível germiar a ideia
Sob esse eraao duro, tantas vezes
Decepado aas praças, porque cheia
Um día trashedara a taça as fêzes,
E ousaste resistir a mil revezes?

Explorado do berço á sepultura,
Tu, coaservado estúpido por plaaio,
Corao foi que subiste a tanta altura?
Laaçando da cerviz o jugo lasano,
Reclamnado Isso que é do Sér humano?

*

«Perguntas bem! Direi toda a verdade:
De luz, terra e trabalho, do ár e ideia,
Da suata aspiração da liberdade,
De tudo quaaio o Sér humaaio ancela,
Um dogma aos privou por culpa alheia.



O velho egoísmo nos privou de tudo!
Fômos baixando até calir exangue:
Rasgava-nos o peito o ferro agudo,
E quando estava já para a dor mudo
Só não poderam esgotar-lhe o sangue.

E o sangue correu sempre,—e quente arrasta
Provocando a embriaguez da liberdade,
Lavando o stigma que separa a casta,
Minando a seecular fatalidade
Que fez do atroz arbitrio auctoridade.

Quando o rei paternal, d'entre o arminho
Triumphante oxclamava:—Quero e posso!
Lançava ao úr o cópo cheio de vinho;
Tambem ao derrubar o alto colosso,
Nós derramámos sempre o sangue nosso.

O sangue, o sangue nosso! o vinho forte
Da garantia cívica romana!
Na sua enchente rompe o dique á sorte.
Como Christo augmentou o vinho em Cana,
O sangue fez a Egualdade humana.»



E Diderot sorriu... Que signifiçen
Esse riso? Duvida por ventura?
Comprehende que no olhar o interrogam,
E exclama:

—Eu não duvido; eu sou convieto;
Tem a força moral fundos colapsos,
De que o mal se aproveita com vantagem.
É um refluxo de onda; é o passndo
Que se impõe, se o provir é indistincto.
Como vencer da força o antigo abuso?
E a fascinação dos velhos dogmas?
Como acordar no Povo a consciencia?
Seja n ideia a semente da revolta:

Parabola da semente

Reis e Pndres! satânica alliança!
Deram-se as mãos pnrn a nefanda obra
De abafarem da liberdade a esperança
Como se enrósca ao corpo vivo a cobra.

• Mas quem pôde vencel-os? Quem? Olhamos
Debalde em volta; mas ninguem se atreve;
Todos duvidam, todos vacillamos...
A lição eloquente é a mais breve:



Ouvi! aprendereis como se lança
Do eterno crepe na funérea dobra
Reis e Padres, que em tetrica alliança
Deram-se as mãos para a nefanda obra:

Traz rapido tufão pobre semente,
Cae ao acaso sobre a dura rocha;
Humida fenda em si mal a consente,
Com orvalho do céu eis desabroxa.

Dá-se a lucta do vivo contra o morto;
O grão perdido ali germina a custo;
A luz do sol na altura serve de horto,
Que o alimenta e vae tornando arbusto.

Vão as raizes penetrando a pedra;
Mais póde o vivo do que a inerte massa;
É rija a fraga, mas a planta medra,
Ergue-se ao alto, e a rocha despedaça.

É sempre assim que a liberdade avança;
Assim a tradição cede á ideia!
E a noção, que dissolve a negra alliança,
Da cidadella do erro o muro apeia.



vii

Era já serão alto; proseguindo
A palestra animada, impetuosa,
De repente Galiani volve em torno
Dos convivas o olhar:

— Agora explico

Porque se fez da meza Aademia!
Dou pela falta agora de Voltaire;
Faltava-nos o apolo da ironia,
De um riso orientador da realidade!
Está vazio o seu logar! que acaso
O afastou? Elle, o primeiro atleta?

E quando assim fallava, o reposteiro
Do salão se correu; era Voltaire.
Entrava lento, e vinha succumbido,
Desalentado e triste, em ár de angustia,
Como a buscar refugio entre os amigos.



CANTO SEGUNDO

I

Pela tristeza immensa quebrantado,
Voltaire se assentou. Todos pretendem
Saber que estranho caso o impressiona!
Por certo, ante a injustiça ou a desgraça
Elle se achou miserrimo, impotente?

Fallou Voltaire:

— Um grande terremoto
N'un instante, hoje, subverteu Lisboa!
E esse povo, já victima calada
Do horror do queimadeiro, com que a Igreja
Extingue a erva má das heresias,
Esse povo, sem dó bestializado
Pelos Autos de Fé— canibaes pompas!—
No momento em que aos templos conecorria
A ndorar com fervor o Deus da ira,
Ficou sob as abobadas submerso.



N'essa mesquinha terra, onde se erguem
O privilegio, a atroz desigualdade,
Ante a enorme catastrophe baqueam
Torreões sumptuosos e os casebres,
Pelo tremendo vórtice equalados,
Rasos com o elião, na mesma sanha envólto.
Durou minutos o desabamento.
E quando a densa nuvem da poeira
Cobria á vista a tetrica visagem,
E o sol rútilo, ardente, trasbordava
Nos espaços de luz — contraste acerbo! —
O Tejo ao mar rellue, surge instantaneo,
Accumulando Impetuosn vnga
Que a cidnde alnstrou; vão no refluxo
Mortos e vivos, tudo qunnto arrasta,
Ao liante golffão no nivêo aberto;
Parece que ella vem varrer os erimes
Que accumularam no infamado sólo
Por seculos, e impunes, rels e padres!
Aonde n vagn não chegou, o incendio
Lavra, devastador, mundifileando
O cahos medievnl, que aí subsiste
Sequestrado á corrente das ideins.
Com ns vidas aos milhares, fleam
Aniquiladas já tntas riquezas,
As riquezns de um povo netivo e sóbrio
Que descobrira a America e n India,
Que teve o sceptro impavido dos mares.



As bibliothecas e os archivos ardem ;
E o sol entrou nos derrocados claustros,
Onde as trevas do fanatismo broneo
De longo tempo estavam conglobadas.
Povo misero! É negra a sua historia:
Do dominio hespanhol sacode o jugo,
E aa effusão subline do resgate
Livre se entrega a um imbecil Bragança,
Que o algéma á perfidia de Inglaterra,
De uma covarde segurança em paga!
Pária, ao serviço de um poder igaobil,
Carecias acaso d'este abalo,
Para surgires do torpor do bruto?
Hoje o assombro te impelle á idiotia.
Ah! falta alguma cousa no Uaiverso!
Se existisse um Deus, ou Providencia,
Coascieacia da Ordem, ou Justiça
Era a absurda catastrophe impossivel!
Se até aqui foi preciso inventar numes,
Caduea hoje a vulgar necessidade;
Busquemos a verdade na evidencia,
Procuremos a lei em vez da causa;
Nós nos achamos como os outros seres
Ás leis fataes da natureza adscriptos,
Compete-nos, é força o conhecel-as,
Doanimal-as co'a previsão da sciencia.
Eis a vereda nova e a mais segura!
O raio, que atirava o deus do Olympo,



Arrancou-o das nuvens a vontade
De Franklin; e as orbitas dos astros
Newton as circumscreve pelo espaço.
Ah! como o raio são também as outras
Indicações da cólera divina,
As pestes e as guerras, submettidas
A leis fataes, pelo homem descobertas.
Por que existiram Religiões? Por que ellas
So davam por seguras medianeiras
Nos arbitrios do Deus; ellas sabiam
Segredos de esconjuro, a prece o rito
Para applacar-lho as cóleras tremeadas.
Caduca a velha hypothese ante os factos;
Só no mundo das fabulas subsisto
A fleção infantil que as adormenta.
O espirito hodierno, audaz, activo
Não contempla, examina, quer vêr tudo,
Veriflear, consciante, convencido.
É esta a orientação da luz—a Sciencia,
Vedado pómo das theocracias.
Precede o terremoto de Lisboa
A ruina de um mundo! o caorale abalo
Na alma moderna repercutiu, lançado
Ao vaeuo as fleções vans do theologismo,
E as ôcas, subjectivas entidades.»



Diderot, que esutara, e que assentia,
Levntou-se snudando a érn nova,
Como o gigante em meio dns ruínas:

«Parn além do horizonte dn Sciencia,
Abre-so um vaeuo obscuro, immenso, frio...
Apoderou-se a Fé d'osso vazlo.»

Sobre o páraimo escuro, cujn essencia
É ser sempre intangivel e sem dono,
A Fé fundamentou ali seu throno;

No boqueirão febril se precipita,
Julgando illuminal-o com seus raios;
Mas só produz os mystieos desmaios.

Perpassa o tempo, e hoje te indigita
Hallucinada Fé, que o não dominas!
O vacuo engole-te, o ás visões divinas.



Vae! procura outros mundos, que esse espaço
Os teus phantasmas resurgir não deixa,
Ineogniseivel—a Sciencia o fecha,
Valhaçouto do idiota e do devasso.»

II

D'Alembert, com a augusta segurança
De um espirito recto, que se apoia
Na convicção da immutabilidade
Das leis da natureza,—o demiurgo,
Que lavrara o frontão da Encyclopedia,
Fallou:

—É esta a grande hora da lucta,
Da lucta decisiva; n luz attrae-nos,
E a vida esvae-se n combater as trevas.
Outr'ora, nos primeiros dias do homem,
Quando a necessidade o reunirn
Para atacar os grandes monstros brutos,
O Megatherium rijo, o Masthodonte,
A fraqueza de todos fez-se forçn
Na instinctiva liga, que origina
Da sociedade a primordial coherencia.
Coube a victoria á intelligente ligal ~
Da natureza physica acabarnm
Os monstros indomnveis! lentamente
Novos productos monstruosos surgem,



Hydra invencível, que se multiplica,
E incoercível se furta aos golpes todos.
Continuámos a primitiva lucta
Contra estes outros monstros do passado,
Que se acoutam na consciencia do homem:
Sacerdotal Superstição obscura,
Auctoridade hereditaria,—absurdos
Aviventados por paixões egoistas,
Que o culhos social sévos prolongam!
A lucta material está findada,
Sobre a criação o homem tem dominio;
Começa a nova lucta da Consciencia,
Em que o homem se insurge, e affm um dia
Tenha o dominio, a pösse de si mesino.»

Então Voltaire, o athleta da ironia
Que vem da segurança do bom senso,
Viu um lado ao problema, e vaticina
Da emancipação moral a hora:

A barca de Pedro

Quando se ignorava ñ terra o movimento,
E o homem não sabia achar no firmamento
Pelo espaço o seu mareao,
Então bastava Pedro arvorado em piloto,
O rudo pescador! mas hoje pôdre e roto
Jaz sobre a praia o barco.



No horizonte de além só vendo a tempestade,
Quando outr'ora levava a pobre Humanidade
 Na curta cabotagem,
Era sempre o seu porto a fria sepultura;
Singrando a medo fez mais triste a criatura
 Na incerta viagem.

O homem dominou da natureza a força!
No couraçado, como altiva enorme corça,
 O mar todo percorre!
Fogo ante a tempestade e liga os continentes,
Cingem o mundo então electricas correntes,
 Da Razão se soccorre.

A Sciencia alargou os terminos do mundo,
O germen cellular da vida achou profundo
 No longo encadeamento;
Ensinou a transpôr de um vôo as alturas,
E dos dogmas descrevo as velhas estruturas
 Como um detrito lento.

Quem, hoje, ha que obedeça á voz de um patriarcha?
É tempo do varar de Pedro a velha barea
 Quebrada no areial!



Quem pôde aelhar firmeza ali n'aquelle esquite,
Se a terra é o baixel que nos leva ao recife
Do Oceano sideral?

III

Diderot viu mais fundo:

— Separemos

Esses Poderes gémeos da mentira;
Minando um só é incompleta a obra!
Subsistem só pelo ávido conlolo.
Da Liberdade de consciencia—a Hollanda
Foi o reducto inabalavel, quando
Era o braço dos Reis o algoz dos Padres.
Compete á França abrir a nova róta:
Liberdade politica! eis o lemma
Proclamado da Grecia á Renascença,
Delido em sangue pelo despotismo.
Está creada a mutua dissidencia
Entre o igaobil que propina o opio
Do dogma eseuero, e o domador de feras;
Frederico da Prussia, Catherina,
José segundo, abraçam a divisa
Da pugna acerrima: *Écrasons l'infame!*
Conflagração de dois opacos mundos!
Nós não veremos o estupendo dia
O Dia da Revolução! mas longe
Transpareee o clarão da nova Ordem.



Sobre o estrume do fétido monturo
Cáem germens trazidos pelos ventos,
Revestem-no de alfombras vecejantes,
De verdura e de flores perfumadas,
Desbrochando ao sol! E o que era hediondo,
Mephitico, incapaz de ser tocado,
Deu o sêr á emanação saudavel!
São assim os detritos revoltantes
De um passado já morto, onde impudente
Se fortalece o abjecto Cesarismo.
Prepotencia dos Reis, feudal arbitrio,
Intolerancia religiosa, crimes
Do fanatismo cego, privilegios,
Que inda ultrajaes a dignidade humana,
Vós formaes esse tábido monturo,
Em que germna a grande Flor vermella,
Revolução!—que vivifica o mundo.»

IV

Da idela as correntes luminosas
Atravessando a vellia sociedade
Catholico-feudal, que se dissolve,
Surgem como o acordar da consciencia!
O banquete de Holbach era o reflexo
D'este banquete fraternal dos livres;
Em toda a parte surdem os convlvãs:
Junto a Bolingbroke se accollham
Na Inglaterra audazes pensadores;



E na Allemanha, Kant, Herder e Lessing,
Fichte e Jacobi, Laváter, Goëthe,
São os gigantes do escalado Olympo
Que incendeiam a racional favilla.
A santa incubação é precedida
De um vago illuminismo; as almas puras,
Collaborando pelo sentimento
Na crise em que o passado se derroca,
Lançam o eterno grito da revolta,
Esse Ternario ideal da *Liberdade*,
Egualdade e Fraternidade humana!



CANTO TERCEIRO

I

A catastrophe enorme de Lisbon
Produzira um intenso e vago abalo
Em todas as consciencias; desvairadas
Vêm na Providencia atroz ludibrio!
Os espiritos fortes não succumbem;
Sobre o universo, ousados o olhar laaçam,
A lei, em vez da causa incognoscivel,
No equilibrio das forças investigam.
E n'essa mesma hora, quando á meza
Do festim do barão d'Holbach, anciosos
Eminentes espiritos sacodem
O pezdello secular, e fitam
As lucidas miragens do futuro,
Bem loage, mas aa mesma cousa absortos,
Da mesma vibração moral feridos,
Outros genios tambem se fortificam
Na duvida insolavel, proclamando
A emacpção moral do homem.



N'essa mesma hora, Kant solitario,
Concentrado em meditação profunda,
Lançava o olhar perscrutador aos orbes,
E pela só coordenação das forças,
As forças imanentes da Materia,
Reconstruiu sem Deus o universo.
E Goëthe! fecundando a Poesia
Pela verdade unanime da Seieneia,
Lança por terra o altar, que a subordina
Às vetustas fleções do pantheismo.

II

Lançando o olhar pelo universo immenso
Kant, em estranha meditação so abysma;
E no vôo da rasão, audaz, potente
Atravessando as sombras o os absurdos,
Vasa que deixam as edades mortas,
Observa o jogo e evolução das forças
Da elaboração cosmica inflnita.
Quem viu mais claro, ou aleançou mais longe?

O Firmamento

Por esse espaço aberto o olhar se espalha:
Poeira d'astros, sóes, constellações,
Como estilhaços de feroz metralha,
So alastram nos confusos turbilhões!



O universo é o campo da batalha;
Os planetas extintos e já frios,
Anéis quebrados, páraquos vazios,
São destroços dos férvidos baldões.

O aspecto deslumbrante, aéreo, lindo,
Da lucida corôa zodiacal,
D'esse combate violento, inflndo,
Occulta o ésto n'uma curva ideal

Serena reluzindo!

A lucta dura ha seculos sem conta,
E em suas fórmulas a Materia aponta
Vestigios do conflito primordial.

o

Como se abarcam dois athletas fortes,
Peito a peito, oscillando n'um vae-vem,
Ambos eguaes no embate, como cohortes
Que se esmagam no espaço que as retém,

Trocando os fundos córtes:

Cálculos e Cosmos, soltos de gladiam,
Assim como os irmãos quando se odeiam,
Como no mytho lucta o Mal e o Bem!

Rompe a continua e indomita refrega,
Ribombando na gélida amplidão;



Calos rue, a Materia desaggrega;
No vórtice da ignota repulsão
 Eis, frouxa, vã se entrega!
No eadinho que as cousas gazifica
Estrellas, séres, tudo identifica,
A luz, o pensamento, a aspiração.

Da inerte massa até á Consciencia,
Da volição até á viva luz,
Tudo volta á recondita imanencia,
A fórma ao amorphismo se reduz;
 Nem substancia ou essencia
Já distingue os esparsos elementos;
Como varrem os areiaes os ventos
O átomo intangivel se produz.

Calos veneu! No insondado abysmo
Fluctua, como envolto em nevoa, a sós,
Na convulsão final do cataclysmo,
Restituindo á Materia apoz
 Seu individualismo!
Desfaz-se tudo como a solta malha,
Mas o flo enovela-se... A batalha
Retóma outro vigor, é mais feroz.



* *

Já Cosmos o combate recomeça
Como em arena de amplidão sem fim;
Procura aonde firme estabeleça
Resistencia ou apoio, aonde alfin
 Mais forte permaneça!
Mas é tudo sem pezo, tudo instavel,
Sem dimensões o átomo insecavel,
 Incoercível assim!

Tudo se agita em repulsão constante,
E a dispersa massa o vacuo encheu;
Fixar o que fluctua vacillante
Cosmos procura a traça; e percebeu
 Aí triumpho ovante!
Ao vasto nimbo de átomos primévos
Se arroja, impelle-os com impulsos sevos,
 Comprime-os um instante.

Comprime-os um instante, e o giro todo
Se perturba da rotação igual;
A translação começa. Achando o modo
De combater a repulsão lethal,
 Junge átomos a rôdol
Como ao rolar uma avalanche alpina
Augmenta ao envolver-se em neve fina,
 Irronpe além do val;



Assim por essa translação primeira
O nucleo se formou, aonde vão
Como em um rodopio de poeira
Adherindo na incerta construeção
 Massa á massa ligeira,
Cosmos erê no triumpho! Mas quem orça
O tempo quando? Substitue-o a força
 Na longa evolução.

Principiou a Nebulose immensa
A revolver-se, vaga, sem cessar,
Obseura ainda, gélida, propensa
Ao movimento interno, singular
 Que rapida a condensa.
Os átomos congregam-se infinitos,
Como os gigantes dos vetustos mythos
O Olympo tentam juntos esearlar.

Cosmos aggrega-os para a lucta ingente;
A molécula é como a legião
Elementar, tenaz e resistente;
Contra a nova energia lucta em vão
 Cnlios quasi impotente!
No systema do intrepido equilibrio
Quebra-se n vaga etherea com ludibrio,
Começa a affinidade e a attracção.



Como as sedentas ménadas se atiram
N'uma corêa rapida e febril,
E n'essa oscillação em que deliram
Conservam á cadeneia a mais gentil;
 As moléculas giram
Á procura, na aberta Immensidade,
Da previa orientação da nffindade
Com que tecem a fórma a mais subtil.

Tudo é trevas ainda! Mas redobra
Da central Nebulose a marcha Já!
Tal como enrosca os élos uma eobrn,
No fino selo, onde o calor está
 A força se desdobra—
Em outra força—n luz diamantina,
Perenne, scelatillante, que fulmiaa,
A luz, que a côr e graça ás cousas dá.

Cosmos começn n construcção Insano,
A construcção do uaiverso; e vne
Como architecto proseguindo um plano;
Tomou por base a densidade, e eae
 Tudo a molde no nrcano.
Os deslumbraantes, sidcraes systemas
São os rythmos e estrophes dos poemas,
Tudo d'esse determinismo sae.





Calos busca o triumpho em mil azares
Na repulsão da onda refulgente;
Cria Cosmos os nucleos solares
Que vem ligar a Nebulose ingente
 Que se alastra nos áres.

Calos ataca a creação sublime,
A vibração electrica lhe imprime
E a thermica expansão, forças dispares.

Da Nebulose a convulsão fremente
O espaço alastra com milhões de estrellas,
D'esse pó sideral resplandecente;
Formando á via-lactea a curva, fel-as
 De um brilho albi-nitente.
Cosmos á lei da rotação submette
Os corpos fragmentados, e repete
Como centros as constellações bellas.

Encheu-se o espaço de um eterno dia,
E da harmonia ignota das espheras;
Mas Calos já redobra de ousadia,
Accumulando as coleras mais féras,
 Na lucta proseguia;
Desprende d'esses sóes, tumultuarias
Incandescentes massas planetarias
Perdidas na amplidão obscura e fria.



Já Cosmos tira força d'essa ruína,
E pela acção da gravidade, immensa,
As detêm; de um reflexo as illumina
E pela rotação forte as condensa.

Mas Cahos imagina
Uma invencível fraça, uma das suas...
Que se quebrem em numerosas luas
Anneis equatoriaes da crusta densa.

Cosmos com mais audacia continúa
Na construcção do esplendido universo;
Das inoêrciveis forças uma a uma
Com que o combate aquelle irmão adverso
 Não rejeita nenhuma!
Do electrico fluido se apodera,
Do calor e da luz, e n'elles gera
Novo equilibrio em que anda agora immerso.

Os elementos chimicos se alliam,
Como fizera em sideraes systemas;
Combinações organicaes se criam
Realizando outras fórmias, outros themas,
 Que a vida presagiam.
Oh visão inaudita da Materia!
Como da extrema dissociação etherea
Consciencia e Vida são fórmias supremas!



Calos um golpe certo comprehende,
E imprime-lhe a mortal eadueidade;
Mas contra esse defeito que desprende
O equilibrio vital em curta edade,
 Cosmos já se defende;
Soube fixar-lhe o impulso hereditario;
Da menor resistencia o curso vario
O põe em busca pela immensidade!

Assim, deu-lhe um poder que o transforma,
Esse eterno Protheo, célula viva,
Que busca a indefnida, a ideal norma
Reagindo contra a morte que o priva
 Da conseiente fórma;
Vencendo n força que lhe trunca a vida,
Transmitte a perfeição adquirida
Na ascencional série successiva.



Ainda agora a eterna lucta dura,
No dualismo tremendo que se alterna;
Calos vae de vencida, mas procura
O momento remoto em que governa
 Dissociação escura,
Para desmoronar astros jucundos,
Precipitar os sóes, embater mundos
Conflagrando-se em repulsão interna.



Para isso recolhe as energias
Que perde a evolução pelos espaços;
Irradiações da luz, as ardentias
Das ondulações thermicas, e escassos
Ecos das harmonias
Do universal concerto das espheras.
Não é de balde, Cahos, que inda esperas
Supplantar Cosmos nos vindouros dias!

Homem! que assistes á infinda lucta,
Como o que observa o drama já em meio,
Hoje o sentido Intimo perscruta,
Deixa o pavido, aêrio devaneio
Que a visão alta enluta!
Quem ergue o véo que empana a transparencia
Da solução que buseas? Eil-a, a Sciencia
Eleva-te a consciencia, é este o meio.

A força que transforma e a que conserva
São eguaes entre si, por isso oscillam,
Cad'uma o sempiterno rythmo observa,
Na mutua successão não se aniquillam,
Nenhuma d'outra é serva.
A repulsão e a força aggregativa,
Como em dualismo Viehnu e Siva
N'um infinito identico se azylam.



Vós que brillhaes na via-lactea, estrellas,
Sol que as energias nos alentas,
Terra, que assim opaca vás entre ellas,
E a Consciencia e a Vida em tí sustentas,
 D'Arte as concepções bellas,
A noção racional e a Liberdade,
Tudo são fórmulas d'essa dualidade
Mas transitorias, gradativas, lentas.

III

Então Kant, esse espirito que vira
Como as forças se alternam e equivalem,
E audaz construe sem Deus o universo,
Balxa á terra o olhar, attento observa.
Um singular phenomeno estupendo!
O cataclysmo social da França
Lhe absorve a attenção toda, desviando-a
Da visão sideral; no cahos novo
Vê da violencia dos pessoas arbitrios
Leis naturaes, perpetuas, immutaveis
Determinarem contra a Auctoridade
As condições irrevogaveis de ordem!
Momento unico! assim n'aquella mente
Póde formar-se a synthese suprema
Unificando o Cosmos e a Consciencia.
E onde todos só viram anarchia,
Uma calamidade inexplicavel,



Um dilúvio de sangue e paixões brutas,
Viú a trepidação de outro equilíbrio!
Sente que assiste á formação de um mundo,
Procura ansioso a marcha evolutiva.
Comprovava-lhe a historia a marcha ignota
Deduzindo da acção lenta do tempo
Accumulando enormes Injustiças,
A intensidade e a direcção da força:

A Fabula moderna

Ia o Rei-Sol caminho de Versailles,
Do enfado do ocio e do prazer exaustado;
Ás turbas que o vêem passar dá-lhes
A vertigem das pompas e do fausto.
Vistasas damas, guapos cavalleiros,
Luxuriosos abbades, vãos marquezes,
Seguem-no altivos; vão passar os mezes
Das fortes calmas nos jardins fagueiros.

Cavalleiros e damas são planetas
D'esse centro de uma atracção subline,
Cantam-no em panegyrico os poetas,
Porque o arbitrio seu mata ou redime!
Elle illumina e dá calor á França,
A Justiça é a espada que elle vibra;
E da nação a vida se equilibra
No tedio lminenso do poder que o cansa.



E enquanto passa em coelho reluzente
Erguendo o pó de uma grandeza estulta,
Saudou mudo o monarca omnipotente
Um bando de homens que o calor sepulta:
Um bando que trabalha abrindo a estrada
Inda não prompta, que a Versalhes leva;
A comitiva rompe a custo; e sêva
Paira a vista do rei como indignada:

«Miseraveis! ainda a obra em meio!
«Não sabem que hoje de Paris mo movo?
«Senhor do Lafontaine! (O poeta veiu)
«Conte-me agora a Fabula do Povo,
«Do sêr abjecto que a elemencia esgota.»
Um apologo antigo contou breve,
Como essa mão que a sentença escreve
A Balthazar, mostrou visão ignota:

— Debaixo do um sol de agosto,
Na fadiga
A que a precisão obriga,
Gira da aurora no sol posto
A formiga;

Aqui sóbe, ora ali desce,
Quasi esbarra.
De manhã, té que anoitece



Canta oelosa d'entre a messe
A cigarra.

Chega a enxurrada de Outubro:
«Minha amiga!
Fome e febre... este olhar rubro...
Que negra crise descubro...
Ai formiga!»

Com frio, faminta, inquieta
Seu mal narra;
Volveu-lhe a outra:— Pateta!
Cura a febre com dieta,
Mãe cigarra.

Chasqueavas-me em Agosto
Na fadiga
Com deseuidada cantiga;
Hoje vae-te, e dansa u gosto
Da formiga.

E foi o seis de Outubro o grande dia,
Da tremenda justiça! Dia amargo,
Do embate de dois mundos!
Pelo caminho que a Versalhes guia
Irrompe a multidão, que abafa ao largo
Doéstos iracundos.



Como um baixel sossóbra, assim a côrte,
A guarda real, os nobres favoritos
 Entre a plebe se sómem!
No secular festim libou-se a morte,
E dos oppressos os eternos gritos
 São os *Direitos do Homem!*

Póde a Lyra de Orpheo, no mundo antigo,
Com a magla do sonoro carmen,
Que era a força da Lei, vencer as féras,
Asserenar os ventos e as borrascas,
Carrear as pedras que a cidade cingem;
Tal, no mundo moderno que desponta,
A Canção de Rouget de Lisle acorda
O povo a vindicar sua justiça,
A fundar a Igualdade no Direito,
Na liga fraternal para a defeza.
E os que eram mudos pelo soffrimento
De seculos herdado, com o canto
Cobram a voz, saudando a Liberdade.

IV

Renasce a Humanidade, a eterna phenix
Do grande cataclysmo da consciencia!
O coração humano absorto pulsa
Hoje por novo Amor! Deuses, oraculos,



Monumentos triumphaes, corôas, dogmas
Cedem o passo á sedução extranha;
A Galathêa, essa animada estatua
É a Vida, o problema irreductivel!
Biehat, Lavoiser, Lamarek, audazes
Procuram surprehendê-la; ella se esculva,
A immortal Galalhên; Magendio
Baer o Bell, febris se apaixonaram
De Pygmalião pela animada estatua;
Todos, todos procuram o mysterio
D'aquelle seio tenue que palpita,
Como o calor o fogo intimo a move,
Como ao marmor adveiu o sentimento.
Goethe se inspira em nova estrophe ardente
Do universal amor, o o Fãusto exprime
Esta ancia do saber que impelle o homem,
Que se contém no mytho inconsciente
Do Prometheu hellenico a Ashavéro.
A razão e a emoção conciliando,
O grande artista solta o Verbo novo:

«No principio era o Verbo... Se um sentido
Póde a razão uehar na obscura phraso,
Eil-o aqui: Quando o homem das eavernas
Inda era mudo, bestial o alálo,
Destacou-se do bruto onde era immerso
Pela articulação da Linguagem.



No principio era o Verbo... E a palavra
Que nos trouxera á sociabilidade,
Foi fixada na fórma de hieroglyphos;
Encarnou-se nos traços do alphabeto
Que o saber adquirido perpetuaram.
O perstigio da immensa maravilha
Hallucinou essas cabeças simples,
E o espirito estaca adstricto á letra!

No principio era o Verbo... A era nova
Mobilisou a letra, pela Imprensa,
Do espirito adquirindo a ubiquidade!
Eis os seculos em commum convivio;
Da universal concordia é base a Sciencia.»

Por isso o grande artista, na hora extrema,
Na esplendida visão da Humanldado,
Ao exhalar o alento que o movera,
Gritou: Mais luz! Mais luz! lema sublime
Que aponta as vias do porvir humano.

v

Era n'uma outra edado
O homem do homem escravo!
Rojando abjecto, ignavo
Na crassa obscuridade



Das ficções, com que o astuto sacerdocio
Explorando a boçal simplicidade
Vivia inerte no oelo.

E era, n'outra edade
O homem servo do homem!
Da sua actividade
A força lle consummem
Privilegadas castas da nobreza,
Que fruïam pela arbitrariedade
Opulencia e grandêza.

Ficções da theologia
Ao bom senso se esvaem;
Idiotas na apathia
As castas regias caem!
E esse ente abjecto, ignaro, ente maldito,
O escravo do irmão, que o irmão servia,
Á gleba flea adstrito.

A Terra é sempre mãe! dá força a quem a toca;
Quando Anteo succumbia exhausto na batalla,
Se elle n terra tocou, vigor novo o provoca
Para a lucta; assim fez uo que a terra trabalha.

Foste o moderno Anteo, oh servo adscrito á gleba;
A terra te insufflou esse vigor activo,
E a gargalhada alvar! quem ha que a não perceba?
Com ella afugentaste o terror oppressivo.



Fizeram Religiões do trabalho uma pena,
A maldição de Deus imposta á humanidade!
A nobreza reagiu ao dogma que condemna,
Dando á devastação marelial a actividade.

Os dogmas separaram entre si as raças,
O privilegio fez perpetuar o abuso;
Mas o Trabalho, então, moralisando as massas
Trouxe a concordia, a paz; o direito entra em uso.

Anteo, filho da terra, iada hoje a luz te vêda
A theologia, e diz-te do éden o precito;
Mas Galileo tirou da observação da queda
A lei que os orbes lança ao espaço infinito.

Quando Colombo explra, ao cabo de ter dado
Posse plena da terra, um ignoto hemispherio,
Copernico apparece, e o eão é conquistado,
Submette o firmamento ao racional imperio!

Que busca o homem mais na via dolorosa,
Onde ao nascer se achou envolto na mortalha?
Fazer do templo,escuro a Eschola luminosa,
Fazer da Offleina o campo da batalha.



Já das montanhas da Suíça ecoa
Cantico matinal, vozes de infancia,
Saudando Pestalozzi, santo obreiro,
Que faz do ensino o sacerdocio puro,
Vendo na criança aão do Mal o herdeiro,
Mas o geriaen sublime do futuro:

O cantico das crianças

«Se ao bloco do mármore procura
O escópro uma estatua que é bella,
Tal ao homem, sua propria feitura,
Pelo estudo o alto sêr se revela.

A criança é vergonhea tremeato,
Flores mostra; de fructos se iauade!
Seja a luz do saber quem a aleate,
E o calor da verdade a fecunde.

Pestalozzi! oh alma opulenta,
Dêste a Eschola alegria aa lida,
Foste o rio aa calma sedenta,
Foi o ensino o teu dogma aa vida.

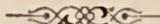
Quando um dia te davam coróas
Teado aortas, ai, taatas esperaaças,
Tu sorriste! eram saatas e bóas
E toraaste-as a dar ás criaaças.



Vêde, eis Frœbel! o ensino intuitivo,
Como attrae e seduz o intellecto!
Como á férula arranca o cativo,
E a razão lhe avigora no affecto!

No ocio alegre da eschola, cantemos
Esses nomes em fêrvidos hymnos,
Pestalozzi e Frœbel amemos
Do futuro os obreiros divinos.»

N'esta laboriosa e activa convergencia
Um novo Sér moral se eleva, o deus apeia;
Do espirito e materia acaba a dissidencia,
Faça-se o accordo emfim entre a acção e a ideia.



OS GRANDES GRITOS

PRELUDIO

Quando o homem vê sua a Ideia, a liberdade,
Quando julga alcançar a luz de outro horizonte,
Pela tremenda lei fatal do atavismo

Surge Napoleão:

Bestial propensão

De vêr correr o sangue—incita á humanidade;
Ao bruto baixa o homem outra vez a frente;
A especie regressou ao seu canibalismo.

I

A sepultura do Heroe

Sempre o revés succede-se a victoria,
Fluxo e refluxo d'esta onda humana!
E quanto fôr a audacia mais notoria,
Vem a derrota sempre mais insana;
E quanto fôr mais deslumbrante a gloria,
Mais a catastrophe esse brilho empana.
Mas a Aguia que se libra lá na altura
Só pôde ter o mar por sepultura.



«A sepultura! e qual será a minha?
Digna do heroe, austera e com grandeza?
Nenhum imperio o meu poder detinha,
Fiz meu quanto alcancei na redondeza;
Talhei purpuras; báculos sustinha,
A cada general dando a realeza;
E no Deus dos Exercitos, proscripto
Pela Rasão, mandei dar-lhe o infinito.

Filhas de reis entraram no meu leito,
E de reis me servi com apparato;
De jungir povos no meu carro affeito
Era o meteoro atroz do desbarato.
De Carlos Magno e Cesar o preceito
Tentei na Europa convertel-o em facto,
Amalgamando tudo n'um Imperio
Para mim; mas formava um cemiterio...

Dos triumphos eu fui seguindo a róta;
Mas o curso das cousas quem o véda,
Oppondo-se ao refluxo, á força ignota
Que os tropeços da evolução arreda?
Ao cyclo triumphal vem a derrota,
Da grandeza no fastigio segue a queda;
Caírei d'esta altura que hallucina,
Mas serei grande até na propria ruina.



Hei de afrontar impávido o destino;
Como o rei Carlos Quinto em Sam Justo
No proprio funeral cantava o hymno
Junto do catafalco, em pé, sem susto;
Se esta ambição prescruto e examino,
Excederei aquelle animo augusto,
Abrindo a sepultura, onde os meus ossos
Fiquem a salvo dos feraes destroços.

Arrebatavam-se os heroes antigos
Para junto dos deuses n'outras éras;
Outros, em ti oh fogo, os seus jazigos
Buscaram, com que os corpos incinéras.
Os reis hunicos tinham seus abrigos
Na morte, contra os homens, contra as fêras,
No alvéo, onde não vão hyenas, ursos,
Dos rios desviados dos seus cursos.

Como eu, eram tambem dovnstadores;
E sobre os fluviaes lellos descobertos
Fazín-se a hecatombe dos senhores,
Das mulheres o servos os mais certos;
Findada a cerimonia dos horrores,
Os rios vinham aos alvéos abertos,
E assim ficava o rei em monumento
Dos ultrages dos seculos lseinto.



No percurso do Lena, da Asia ao Rheno,
Attila a morte e o pavor espalha;
De Theodorico o barbaro, ao aceno
O colosso de Roma se escangalha;
Ambos querem o tumulo sereno
Ambos querem n humida mortalha,
No alvéo dos grandes rios desviados
Pra acolher os corpos derrubados.

Qual hade ser n minha sepultura?
Achei, achei! o cúmulo da gloriin:
O curso que a Revolução procurm
Desviarei! A obra é transitoria,
Mas na candal da aspiração mais pura,
E sob a vasa de quanto ha na historia,
N'esse alvéo fleará minha cubiça:
Eu, em vez do Direito e da Justiça.

Eu levarei n guerra n'ém nos povos,
Destruindo essa ideal *Fraternidade*;
Faço a hecatombe dos principios novos,
Meus generaes co's reis tem *Egualdade!*
Amparando os entholicos renovos
Contramino a futurm *Liberdade*,
Aos monarchas boçaes forço á Alliança
Para matarem das nações n esperança.»



Audaz, Napoleão assim pensára.
E desviou o curso da corrente
Dos factos, por onde o homem affirmára
O Direito entre os povos do Occidente.
Milhões de vidas na hecatombe ignára
Trucida ao seu orgulho, e de repente
O curso volve ao leito natural
Onde sepulta o hediondo canibal.

II

Napoleão moribundo

Como o grande astro, pallido e já frio
Vae a afundar-se lento no horisonte!
Olhos vagos do extremo desvario
Dão um sinistro aspecto áquella fronte!
A fronte sombra gélida a cobriu,
Como os ninhos no vertice do monte;
Agua que vae morrer saecode as ázas,
Tal se agitou e disse então:

— Las Casas?



«Estás aí? És sempre o igual amigo,
Mais vinculado a mim pela desgraça!
Attenta nas palavras que ora digo,
A custo sae a voz já surda e baça!
Um pezo enorme aqui, duro castigo,
Me opprime o peito; augmenta e ameaça;
Repara, arquejo de agonia e medo,
Tira de sobre o peito este penedo...

Sim, um penedo! Alguem o detem sobre
O peito exhausto para meu desdouro;
Serei eu como o sapo que se encobre
Sob a pedra? ou recondito thesouro?
Eis-me oppresso! sem ár, nem luz que sóbre,
Acovarda-me o pezo d'esse agouro...
A pedra o gelo seu me communica,
E como a pedra o corpo inerte fica!

Ouve! Acordei d'um somno longo e aziago,
Na vertigem da febre que devora;
Prostra-me o pezadello máo, persago
Que me levou além dos mundos fóra.
Por onde eu ia me seguia o estrago,
Pude então meu destino lèr; e agora
A mim voltei; ah sobre mim o bloco
Assim encontro!... e como o palpo e toco!



Fatalidade immensa; fim medonho!
Menos que Prometheu do mundo antigo!
Como Sysipho ao bloco não me opponho,
Nem faço como Ajax da rocha abrigo.
Suceumbo; escuta o tenebroso sonho,
Attenta na visão que aqui te digo,
Verás d'onde caiu este penedo
De que fiz pedestal... guarda segredo:

o

Vi-me perdido, como outr'ora o Dante
Não na floresta escura, mas bem perto
De uma montanha que encontrei diante
Do passo temerário, vão, incerto;
No flanco da montanha a mais gigante
Achei um antro lóbrego e aberto;
Quiz conhecer o goso de ir perdido,
E entrei, com esperança, destemido.

Em um lugar profundo, escuro, mudo,
Gotejando na humidade e a doença;
Frio como o terror! e mais que tudo
Ermo como o que nunca teve creança.
Com a audácia da idade o passo ajudo
Através da visagem feia e densa;
Quero ir lá dentro ouvir a pythonissa
Na solidão dos que só têm justiça.



Era a via subterranea, má, sem tento,
De baixo da montanha aos céos erguida;
Interminavel como o soffrimento,
Desconhecida como o entrar da vida.
Foi impavido adiante o pensamento,
Quem romperia a tétrica avenida?
Oh não foram por certo as alimarias,
Sim, bem o sei, foi geração de párias.

Parecia que o pezo da montanha
Já o sentia no offegar cansado;
A crassa escuridão era tamanha
Que ultrapassava os dogmas do peccado.
A tristeza que o peito ali me banha
Similhava a do homem ultrajado;
Silencio igual ao seculo confuso
Que não deixou protesto contra o abuso.

E tacteando trépido, prosigo
Como o que deu por falta o em vão procura;
Mas, como a tradição d'um tempo antigo
Paralisa-me uma humidade escura;
Sentí-me vérmo dentro de um jazigo,
E vi que a vida quer a luz só pura;
E dentro, lá nos infimos eancéllos,
Ouví ruidos como de martellos.



Pancadas longas, de quem rompe e excava,
Na compacta pedreira e a derruba;
O som pela caverna retumbava!
Fui avançando, quer eu desça ou suba
Mais se distingue n varia faina brnva,
Como o leão quando sacode a juba;
Ais e vivas, lamentos e cantigas
Soam, como animando nas fadigas.

Cheguel mais perto! Vi-os; eram tantos...
Cataduras de cyclopes, de atlétas!
Rostos sulcados por calados prantos,
Peitos transidos por ignotas setas;
Na expressão moral brutos e santos;
Tão ingenuos como almas de poetas;
Rudos, leaes e rotos, mas contentes;
Chamam isto—trabalho, aquellas gentes.

Levantavam os malhos contra n rocha,
Responde ella com afiadas lascas;
E quando no trabalho a força afróxa,
Um canto anima as vacillantes vascas;
O canto ou grito dn agonia roxa,
Çà ira! voz das intimas borrascas,
Vinlia ao bater do malho dar compasso,
Trazer n lento no mortal ençasso.



Muitos caíam já sem força, om terra,
Mudos outros ficavam sepultados
Nas barreiras por culpa d'este que erra,
Indo miñar em perigosos lados.
Mas que poder sublime o canto encerra!
Çà tra! levam eccos prolongados,
E ao trabalho de novo mettem hombros,
Na dor e na coragem sempre assombros.

Ceguei mais perto, ao perto dos mineiros:
— Oh raças condemnadas ao trabalho,
Criadas na fadiga, e os primeiros
Que proeuraes romper tão longo atalho!
E para quem do Gólgottha o madeiro
Só produziu da forea o esteril galho;
Que sentença condemna a essa lucta
De venceodes a natureza bruta?—

«Vamos minando o alteroso monte,
«E temol-o furado pela base!
«Procuramos a luz d'outro horisonte,
«Nós sentimol-a! é esta a nossa phrase.
«Sem um fanal que a via nos aponte,
«Vamos errantes, acertando quasi,
«Mergulhados no frio e escuridade,
«Dá-nos alento o ideal da Liberdade.



«Ha gerações, que aqui nasceram méstas;
«E que se nasee livre nquella ignora!
«Outrn traballia equiprada ús bestas,
«E peasa que só vive quaaado elhora.
«Umas eaem na vala; restam estas
«Na esperança de aelhar a novn aurora!
«Sobre nós a montanha pesa horrenda
«Na trndição de sceulos tremendn.

«Çà ira! Pois Eneélado palpita
«Sacudindo a montanha sobre o dorso;
«A montanha é a tradição maldita,
«Immovel eomo os dogmas do remorso,
«Impassivel eomo uma lei escripta...
«Nós prosequimos no baldado esforço,
«Para que os filhos de nossos filhos vejam
«A luz que os nossos olhos tanto almejam.

«Nós transmittlmos o fatnl legado
«Que herdámos sem snber eomo, nem quunndo...»
E quando olhava para aquelle ludo
Aonde o *Çà ira!* ia eecoando,
De repente ficou tudo eallado!
Vi transluzlr elarão suave e brandoo...
Jorros de luz que as trevas longe sómem,
Eu conheci, era os *Direitos do Homem!*



Por ti que gerações foram á vala
Afirmando o que a tradição mais nega!
E omquanto o pranto em cada rosto fala,
E a vêr a claridade cada um chega,
Lembrou-me a mim dever eu gradual-a
A diaphana luz que os olhos cega:
— Oh! parae um instante; sabei que essa
Luz repentina é como a treva espessa.

Conflai hoje em mim; que eu vá adiante
A vêr se algum abysmo aí está aberto;
Quem sae da escuridão não vê distante,
Sustae o passo trépido e incerto. —
Como entra o mensageiro alegre, ovante
Na Promissão, saindo do deserto,
Emquanto choram n'uma effusão terna,
Cheguei então á bocca da caverna.

Que mundo extranho! que planicio infinda,
Que ár saudavel, tépido e fagueiro!
Que céu azul, que paizagem linda!
A harmonia embalava o mundo inteiro.
Bloco enorme de pedra estava ainda
Na bocca da caverna sobranceiro,
Cresceu-me esta ambição damnada minha,
E vi a fragil lasea que' o sustinha.



Á posse d'esse mundo a meate eu alço;
Senti o egoismo de querer tal muado
Só para mim; e eu, misero e falso,
Iada escutaado o eantico joeundo,
De prompto o bloco fatrepido descalso,
Rolou a pedra da caverna ao fundo;
E como o que cataipou ao antro o urso
Peasci interroaiper do tempo o curso.

Sepultos outra vez deixei em trevas
Miseraveis que seculos luctaram;
Abafei-te, Hymno ardente que sublevas,
Puz um dique ás torrentes que vasaram.
Cubri o quadro das angustias sévas
Que a Tradição e a Ordem ameaçaram;
Sobre essa pedra eu lobrlguei a gloria,
Fiz ali pedestal perante a Historia.

Ouves, Las Casas? Choras fiel amigo?
A custo sae-me a voz já surda e baça...
O meu destino foi, á força o dilgo,
Missão de um bloco em sua inerte massa.
Eu o siato opprimir-me por castigo
O peito, e com seu pezo me ameaça;
No estertor de Job, ai se me ouvissem!
Melius erat si natus non fuisset.»



Como se afunda do alto do oceano
A mó do Apocalypse amaldiçoada,
Tal para sempre no desprezo humano
Se imerge esta existencia egoista, errada.
Vomitou destruição o ignobil eano,
Da morte e do que é morto fez parada!
E se a dor sente alivio no improperio,
Sirva-lhe de alvo a sua vida e imperio.

III

Os Semeadores da Peste

Populações miserrimas, transidas
Pelos campos e burgos com o medo,
Da Peste negra que lhes ceifa as vidas
Vêem alçar-se o braço aziago e tredo.
Por mortandade vasta surprehendidas,
Prostradas no terror gelido e quedo,
Em vão procuram d'onde vem o mal,
N'essa espantosa noite medieval.

Não tialia a Scieacia aiada illumiaado
Das mil superstições o aatro escuro,
E o seu verbo eloquente era abafado
Pelo alarido coavulsivo e duro
Dos que choram em choro prologado
Do Jovea-Deus o traase prematuro;
E aa halluciaação d'esso terror
Viam passar da Peste o Semeador.

Eis a Dansa da Morte quo além passa;
Leva papas e reis pelos cabellos;
A semente da Peste horrivel grassa,
Eatre os filhos e irmãos quobram-so os élos!
Não se resiste! a vida é fraca e lassa,
Segueai-se uns sobre os outros os flagellos;
Alfim da Scieacia espalha-so o clarão,
Dissolve os germens da destruição.

E como se dissipa a vã chimora
Oppressiva do espirito doceate,
A razão, como a aurora da nova era,
Extiagutra a pestifera semento!
O terror medieval já não altera
Mais o labor dos povos do Occidente?
Tudo em vão! aasee um virus siagular,
Peior que a peste — a leada militar.



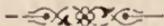
Qual do cadaver o miasma iafecto
Vem ataeur o vivo e o destróe,
Tal do Napoleão, grande e abjecto,
A lenda heroiea para a Europa foi!
A lenda que degrada o animo recto,
Que a energia do espirito eorróe,
Que faz com que d'um imbecil traidor
Se alevante mais um imperador.

Entre os povos cansados e indifferentes,
Rhetoricos, poetas e pintores,
Foram esses, com mãos inconseientes,
Da pestifera lenda semeadores;
Espulharam em traços surprehendentes
Dus batalhas do imperio altos rumores;
Da pesto napoleónica o afan
Rompe em *Dous de Dezembro* e em *Sédan*.

Da pestifera lenda um Bonaparte
Saíu! o miseravel parricida!
O destino da patria foram dar-te
Para maatel-a, e foi por ti trahida!
Minaste a dignidade em toda a parte
Onde ella se accoutava foragida;
E a energia da nação viril,
Para mais dominar, tornaste-a vil.



O povo, o povo bem envilecido
Aos canhões allemães foste leval-o,
Como se purifica no brazido
Cancro que lavra, ou insensível calo!
D'essa lenda pestifera saído
Tem as guerras que ao mundo dão abalo;
Mas dos selvagens pela arteira mão
Quebrou-se o élo á absurda tradição.



AS PEQUENAS NACIONALIDADES

Foram as santas mulheres
Em prantos e alaridos
Á visita do sepulchro
Onde está morlo Jesus!
D'aquelle semblante pulchro,
Que a dôr converte em prazeres
E consola os desvalidos,
Buscavam a doce luz.

Lá pelo caminho alpestre
Ouviram clamar, dizendo:
— Foi o corpo arrebatado
Em nuvem de gloria aos céos! —
No estranho successo crendo,
De povoado em povoado
Proclamam divino o Mestre,
Despeim os funebres véos.



o

Assim foram em visita
Ao tumulto onde jaz morta
Sua santa Liberdade
Tres desoladas Nações!
— A força bruta, que importa,
Se o protesto ressuscita? —
Clamavam com ansiedade
Na via das oppressões.

— Ressuscita no martyrio! —
Apregha exhausta a Irlanda.
— Ressurge para o combate! —
Brada a Polonia tambem!
Quebrada a algema oxecranda,
Sublime, em vago delirio,
Do soaho do seu resgato
Acorda a Grecia! eil-a vea.

Como a santa mulher, que anda
Espalhando a boa nova
Do Mestre que ressurgira,
Na sincera affirmação;
A Grecia, a Polonia, a Irlanda,
Cada uma á beira da cova
Da mortalha que despira
Talha o fraterao peadão.



NOTA

Com o presente volume fica realiado o pensamento de uma Epopêa cyclica da Humanidade, esboçado em 1864 na *Visão dos Tempos e Tempestades sonoras*, proseguido em 1865 na *Ondina do Lago*, e em 1869 nas *Torrentes*. Dois processos artisticos linhamos a seguir na elaboração d'esto plano; o primeiro consistia em tomar a Humanidade como uma entidade ideal e celebrar a continuidade da sua evolução encadeando em volta d'ella, como em uma biographia individual, todos os actos em que se tem conquistado e affrinado o progresso humano. Este processo exige uma immensa abstracção synthetica, e para corrigir esta incompatibilidade com os meios pittorescos da poesia, seria preciso recorrer ás personificações allegoricas, que aggravam a falsidade da concepção, destroem a emoção artistica e se tornam verdadeiramente inintelligiveis sem uma chave artificial, cuja interpretação critica é deploravel mesmo nas obras mais sublimes, como a *Divina Comedia* ou o *Fausto*.

O segundo processo consiste em tomar as grandes situações da Historia pelo que ellas têm de dramatico, dando-lhes relêvo de modo que o sentido racional seja evidente como ideal que universalisa o facto, e como verdade que o torna bello. A idealisação por esta fórma



é uma synthese em que a abstracção desaparece pela expressão concreta de um mytho consciente. Cada facto é completo em si, e por isso o poema em que é idealisado adquire a perfeição e o esmero que se não encontram nas largas composições; o agrupamento logico e historico de todos os poemetos dá-lhes um intuito superior, como as notas soltas que constituem a harmonia humana. Por este meio segue-se a mesma marcha do phenomeno natural das epopéas tradicionaes, que foram formadas pelo agrupamento cyclico de poemas isolados, que para o *Mahabbaratha* são os *ithygas*, para o *Acasta* os *gathas*, para a *Illiada* e *Odyssea* as *rhapsodias*, para as *Gestas* frankas as *cantilenas*. Reproduz-se assim a natureza sem que se possa apodar esta phase positiva da Arte com a boçal ironia dos que só vêem n'isto uma cousa a que chamam — *pôr a historia em verso*. Augusto Comte definiu a Arte o processo de uma representação ideal da realidade com o intuito de coadjuvar o nosso instincto de perfectibilidade, determina com lucidez o objecto da Poesia: «Ella cantará consecutivamente o poder material da Humanidade, o seu aperfeiçoamento physico, o seu progresso intellectual e sobretudo a sua perfeição moral. Antipathica a toda a analyse, a Arte nos explicará a natureza e a condição da Humanidade, representando-nos o seu verdadeiro destino, a sua lucta continua com uma dolorosa fatalidade, convertida em fonte de felicidade e de gloria, sua lenta evolução preliminar e suas altas esperanças vindouras.» N'estas palavras de Comte, na *Politica positiva*, encerra-se os contornos da epopéa da Humanidade deduzidos da historia: a dolorosa *fatalidade*, a *lucta* continua e tenaz do homem, a evolução conseguida fazendo-lhe sentir nas suas altas esperanças a *liberdade* vindoura. Esta ultima phase do cyclo épico está mais claramente definida por Comte na critica dos grandes poetas do



princípio d'este seculo pertencentes ainda á corrente da dissolução metaphysica: «Já Goëthe e sobretudo Byron presentiram a grandeza moral do homem *libertado de toda a chimera oppressiva*. Comtudo elles não poderam conseguir senão typos insurreccionaes, conformes ao seu officio revolucionario. É preciso sair d'este estado negativo onde os seus genios estavam fechados pela sua situação, e elevar-se à contemplação positiva do conjunto das leis reaes, sobretudo sociologicas, para cantar dignamente o novo homem...» A Historia tomada como o thema geral para a renovação da Arte, é-nos imposta pelos proprios progressos da Arte nas suas relações com a civilisação; a Arte moderna distingue-se da antiga por ter por principal objecto de idealisação a vida domestica. Uma vez levadas estas lórmãs à perfeição no romance, no drama e no lyrismo subjectivo, é preciso que a Arte se complete inspirando-se tambem da vida publica, desde a aspiração nacional até à comprehensão philosophica da solidariedade humana. Comte viu bem esta dupla relação: «Ao mesmo tempo, o desenvolvimento geral da existencia domestica tornava-se eminentemente favoravel á Arte. A poesia podia tambem começar a apoderar-se do *dominio historico, que deve finalmente ahi prevalecer*: a evolução occidental fornece já o campo sufficiente, sobretudo depois do advento do monotheismo, o futuro annunciava-o assás para que se pudesse idealisal-o.» A corrente da civilisação europêa determina esta transformação esthetica como subordinada a novos elementos da mentalidade, e é isto o quo torna irrefutavel o ponto de vista de Comte, que abre a parte dynamica da Sociologia com estas palavras: «O seculo actual será principalmente caracterizado pela irrevogavel preponderancia da Historin em philosophia, em politica e mesmo na poesia.» O criterio historico trouxe descobertas enormes á sciencia, como um novo ideal á



poesia; por isso Comte insisto: «A Arte nova ver-se-ha chamada para fazer dignamente reviver todas as edades anteriores, das quaes algumas já estão bastaate idealizadas, sobretudo por Homero e Corneille.» Modernamento Victor Hugo, pela intulção do genio, veiu da poesia insurreccional e romantica das *Odes*, das *Orientais* e dos *Chatiments* para a synthese historica da *Legende des Siècles*; porém o seu vago espiritualismo christão, o fogoso radicalismo exacerbado pela rhetorica do estylo romantico e a incoerencia metaphysica de aspirações que se substituem ás ideias ou encobrem a sua deficiencia, não lle deixaram seguir um plano fundamental, ficando assim fragmentarios na *Legende des Siècles* alguns elementos bem dignos de se encorporarem á epopêa definitiva.

A era moderna da Arte resume-se no accordo entre o sentimento o a razão, como o presentu Sophie Germain; é pela disciplina fecunda da Philosophia positiva, que se fortalece o espirito n'esse accordo entre o subjectivo e a realidade. Á Philosophia positiva, que systematisou este accordo, devemos o pensamento fundamental da obra que hoje completamos, e que em ũua edição integral coordenaremos pela seguinte disposição, em que a unidade do plano e o seu fim se tornam evidentes:

I

CYCLO DA FATALIDADE

A TRADIÇÃO.

OS SECULOS MUDOS:

I Prima Deorum Tellus.

II Os Trogloditas.



- III A Tetrápole.
- IV A ira de Deus.
- V Migração das Raças.

II

CYCLO DA LUCTA

A HISTORIA.

DILUCULO ORIENTAL:

I A Língua dos Mythes:

- Quando as pedras fallavam.
- O Masthodonte.
- O pesadello dos tumulos.
- Primus in orbo feeit Deus timor.
- A muralha.
- A Perola d'Ophir.
- A Odalísea.

II Harpa de Israel:

- Stella matutina.
- Na torrente de Cédron.
- A sombra do Propheta.
- A estrella dos Magos.
- Sémida.
- Ave Stella!
- Fim de Satan.
- O Deserto de Deus.

A AURORA DO OCCIDENTE:

I Antiguidade homérica:

- A Bacchante.
- Velhice de Homero.



Infancia de Homero.
Fuga d'Eschylo.

II Orbe romano:

As Cenas de Nero.
O sepulcro de Virgilio.
O Gladiador.

III Rosa mystica:

A Vinha do Senhor.
Baptismo de Fogo.
Dilexit multum
Arabeseo d'uma janella gothica.
Spásimo.
Savonarola.
Dythirambo dos mortos.

IV Os Paladins do Amor:

Ondina do Lago.
Bravo d'Uiraçaba.
Phrase de Miguel Angelo.
O Poema de Camões.
O riso de Cervantes.
A confissão de Calderon.
O Rosario.
A dor do leite.

III

CYCLO DA LIBERDADE

A PHILOSOPHIA.

O BANQUETE DOS LIVRES.

VERTIGEM DO INFINITO.



OS GRANDES GRITOS :

- I A sepultura do Heroe.
- II Napoleão moribundo.
- III Os Semeadores da Peste.
- IV O caminho do Sepulchro.

É esta a longa serie dos poemetos que virão a formar por um encadeamento dogmatico esse esboço da Epopèa cyclica da Humanidade, a que chamámos no nosso primeiro tentame *Visão dos Tempos*, titulo que ficará definitivo. O *cyclo da Liberdade*, agora representado na sua phase insurreccional pela idealisação do encyclopedismo do seculo XVIII, e pela deploravel regressão do militarismo napoleonico do começo do seculo XIX, só poderá tornar-se completo tomando por thema a *actividade industrial*, que caracteriza a idade moderna. A Arte reflectiu sempre os caracteres da evolução social; ao periodo sacerdotal e theocratico correspondem os mythos, que ainda hoje subsistem; ao periodo militar e guerreiro pertencem as lendas épicas e nacionaes; por ultimo, ao periodo industrial e democratico, devem competir fórmas de Arte que idealisem o trabalho pacifico e a confraternidade humana. Qual será, pois, a poesia da industria? O celebre economista Dunoyer, na sua obra importante da *Liberdade do Trabalho*, deduzindo da marcha historica o periodo industrial da civilisação humana, transcreve estas bellas palavras de Lamartine, inapreciaveis pela organisação que as formulou: «lla poesia mais verdadeira n'este movimento febril do mundo industrial que torna o ferro, a agua, o fogo, todos os elementos, os escravos animados do homem, do que na inercia da ignorancia e da esterilidade, e no repouso contemplativo de uma natureza inactiva.» É preciso crear as fórmas estheticas correspondentes a uma situação moral e social tão claramente conhecidas. *Tentanda via est.*



INDICE

	PAG.
Proloquio.....	v

PARTE I — CYCLO DA FATALIDADE

A Tradição.....	15
Os seculos mudos:	
I Prima Deorum Tellus.....	23
II Os Trogloditas.....	29
III A Tetrápole.....	44
IV A ira de Deus.....	62
V Migração das Raças.....	72

PARTE II — CYCLO DA LUGTA

A Historia.....	79
A linguagem dos Mythos:	
I Quando as pedras fallavam.....	87
II Primus in orbe fecit Deus timor.....	88
III O pezadello dos tumulos.....	89
IV O deserto de Deus.....	95
V A grande muralha.....	98



	PAG.
A fuga d'Eschylo.....	104
O sepulchro de Virgilio.....	111
O Gladiador.....	118
A Vinha do Senhor.....	124
Alma mystica.....	131
Dilexit multum.....	133
Phrase de Miguel Angelo.....	135
O Poema de Camões.....	137
O riso de Cervantes.....	143
A confissão de Calderon.....	146

PARTE III — CYCLO DA LIBERDADE

A Philosophia.....	151
O Banquete dos Livres.....	157
Os grandes gritos:	
I A sepultura do Heroe.....	212
II Napoleão moribundo.....	216
III Os Semeadores da Peste.....	225
As pequenas Nacionalidades.....	229
Nota final.....	231









cm

1

2

3

4

5

unesp

7

8

9

10

11





unesp